

**A CONFIGURAÇÃO DA REDE POLISSÊMICA DE
CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DENOMINAIS X-ISTA: UMA
ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA**

Crysna Bonjardim da Silva Carmo

**JUIZ DE FORA
2005**

CRYSNA BONJARDIM DA SILVA CARMO

**A CONFIGURAÇÃO DA REDE POLISSÊMICA DE
CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DENOMINAIS X-ISTA: UMA
ABORDAGEM SOCIOCognITIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz Fora, como requisito para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Lingüística.

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
Setembro de 2005

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva

A configuração da rede polissêmica de construções agentivas
denominais x-ista: uma abordagem sociocognitiva / Crysna
Bonjardim da Silva Carmo. – Juiz de Fora: [s.n.], 2005.

Xxx f.:il.,30cm.

Dissertação (mestrado em Letras – Lingüística) – Universidade Federal
de Juiz de Fora, 2005

CRYSNA BONJARDIM DA SILVA CARMO

A CONFIGURAÇÃO DA REDE POLISSÊMICA DE CONSTRUÇÕES
AGENTIVAS DENOMINAIS X-ISTA: UMA ABORDAGEM SOCIOCognITIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz Fora, como requisito para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Lingüística

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a. DR^a NEUSA SALIM MIRANDA - ORIENTADORA
UFJF

PROF^a. DR^a MARIA MARGARIDA SALOMÃO
UFJF

PROF^a. DR^a CRISTINA MAGRO
UFMG

Juiz de Fora
Setembro de 2005

Ao meu pai,
À minha mãe.
A quem eu devo esta conquista
E, fundamentalmente, parte do que sou.

À profª Neusa Salim Miranda.
A quem eu devo parte do que me tornei.

AGRADECIMENTOS

À Neusa Salim Miranda, minha orientadora, pela orientação rigorosa e paciente, por todo afeto demonstrado nesse breve período de convivência, e sobretudo, pelas lições de vida que só uma educadora, verdadeiramente humana, pode oferecer;

Aos meus inestimáveis professores Mário Roberto Zágari, Sônia Bittencourt, Nilza Barroso, Paulo Gago, Cristina Name, Margarida Salomão e Neusa Salim Miranda, pelo encontro real com o campo da lingüística; e pela descoberta do viés sociogognitivista, o qual converge com o olhar que tenho sobre a linguagem, o mundo e o homem;

Aos meus queridos amigos do mestrado, especialmente, Roberta, Ana Maria, Dina e Tiago, pelos momentos de estudo, angústias e alegrias compartilhados;

Aos bolsistas de Iniciação Científica, Paula, João, Cláudio e Eduarda, iniciadores e colaboradores do presente trabalho;

Aos meus irmãos, Greyce, Tânia, Bougleux e Bianchyne, por entenderem a minha ausência;

À pequena Barbra, minha sobrinha, que veio ao mundo enquanto eu estava “fora”;

À minha amiga Ivana, companheira de lutas, derrotas e conquistas;

Aos meus tios Claudionor e Rosilene pelo impulso primeiro, sem o qual esse projeto não seria possível nesse momento;

Aos meus amados pais, Almir e Ivone, que sem mesmo entender a extensão dos meus sonhos e loucuras, sempre me apoiaram e acreditaram em mim;

À CAPES pelo apoio financeiro.

Agradeço a todos pela confiança e o afeto, respectivamente, depositados no meu trabalho e em mim.

(...)
“É tão bonito quando a gente entende
que a gente é tanta gente onde quer que agente vá.
É tão bonito quando a gente sente
que nunca está sozinho por mais que a gente pensa está”.

(...)
“Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”.
Gonzaguinha

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO, p. 14

2 A HIPÓTESE SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM, p. 17

2.1 OS PRIMEIROS NÓS DA REDE: O CARÁTER SOCIOCULTURAL DA COGNIÇÃO HUMANA E DA LINGUAGEM, p. 19

2.2 UMA PERSPECTIVA INTEGRADORA DE COGNIÇÃO: A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS, p. 21

2.2.1 Domínios conceptuais, p. 22

2.2.2 Projeções entre domínios: as redes de integração conceptual, p. 23

2.3 CONSTRUÇÕES: O NÍVEL DE COMPOSICIONALIDADE NA REDE, p. 29

2.3.1 Gramáticas das construções: abordagem de Goldberg, p.31

2.3.2 Gramática das construções e o processo cognitivo da mesclagem: abordagem de Mandelblit, p.35

2.4 A AFIRMAÇÃO DO PODER PROJETIVO DA MENTE HUMANA, p. 38

2.4.1 A mente literária, p. 40

CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 42

3 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS EM MORFOLOGIA, p. 43

3.1 ESTUDOS MORFOLÓGICOS: DA ANTIGÜIDADE A CONTEMPORANEIDADE, p. 43

3.2 UM ENFOQUE GERATIVISTA: A HIPÓTESE LEXICALISTA, p. 49

3.2.1 Regras de formação de palavras e regras de análise estrutural, p. 51

3.2.2 Produtividade lexical, p. 53

3.3 O PRINCÍPIO DA ANALOGIA DA CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO: A VISÃO DE BASÍLIO, p. 55

3.4 O LÉXICO COM ARQUITETURA PARALELA: A PROPOSTA DE JACKENDOFF, p.56

3.5 FORMAÇÕES AGENTIVAS EM X-ISTA: ESTUDOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL, p. 61

3.5.1 A Contribuição dos dicionários, p. 62

3.5.2 Formação dos Agentivos em x-ista: a tradição Gramatical, p. 63

- 3.5.3 A configuração dos agentivos em x-ista: a resposta lexicalista, p. 64
CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 71

4 A CONFIGURAÇÃO DA REDE POLISSÊMICA DE CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DENOMINAIS X-ISTA: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA, p. 72

- 4.1 UM PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO, p. 74
4.2 A CONSTRUÇÃO AGENTIVA MÓRFICA DENOMINAL, p. 77
4.1.1 A construção agentiva mórfica genérica e o processo cognitivo de mesclagem, p. 80
4.3 A CONSTRUÇÃO AGENTIVA: O PADRÃO DOS DENOMINAIS EM X-ISTA, p. 82
4.3.1 Descrição morfológica do denominal x-ista, p. 83
4.3.2 Descrição formal e semântico-pragmática de x-ista, p.84
4.4 OS *CLUSTERS* DO AGENTIVO DENOMINAL EM X-ISTA, p. 86
4.4.1 A rede polissêmica em x-ista: uma solução construcional, p. 88
4.4.2 Os elos entre as construções em x-ista, p. 93
4.5 OS LIMITES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES EM X-ISTA: A QUESTÃO DA PRODUTIVIDADE PARCIAL, p. 96
4.5.1 Agentivos denominais e o MCI de Trabalho, p. 97
4.6 OS LIMITES DE UM PADRÃO CONSTRUCIONAL, p.100
4.7 A CENTRALIDADE DOS PROCESSOS FIGURATIVOS NA CONFIGURAÇÃO DA REDE DAS CONSTRUÇÕES X-ISTA, p. 102
CONSIDERAÇÕES FINAIS, p.104

5 CONCLUSÃO, p.106

6 ANEXO, p.110

7 BIBLIOGRAFIA, p.113

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1, p. 25

Diagrama 2, p. 26

Diagrama 3, p. 30

Diagrama 4, p. 32

Diagrama 5, p. 35

Diagrama 6, p. 38

Diagrama 7, p. 57

Diagrama 8, p. 76

Diagrama 9, p. 78

Diagrama 10, p. 80

Diagrama 11, p. 85

Diagrama 12, p. 89

Diagrama 13, p. 92

Diagrama 14, p. 94

RESUMO

Palavras-chave: Lingüística Cognitiva, Morfologia, Léxico e Construção.

Uma das questões que norteiam a agenda dos estudos da Lingüística Cognitiva é a afirmação da *continuidade essencial entre a gramática e léxico*. O presente trabalho visa corroborar as hipóteses cognitivistas na defesa de um mesmo tratamento analítico para ambos.

Como perspectiva teórica elegemos o enquadre da Hipótese Sociocognitivista da Linguagem, nos termos delineados por SALOMÃO (1999; 2003;2004) e MIRANDA (2000; 2003). Tal hipótese enfeixa os pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva nos termos da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987;), da Hipótese da Mente Literária (TURNER, 1996), da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), da Gramática das Construções nos termos de GOLDBERG (1995) e MANDELBLIT (1997) e, ainda, da Hipótese da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002). Os estudos em Antropologia Evolucionista de Tomasello (2002) fornecem subsídios complementares à Hipótese Sociocognitiva.

Ancorados por esse viés teórico, elegemos como campo investigativo a Morfologia semi-produtiva e, como objeto de estudo, as formações denominais em x-ista no Português do Brasil. Buscamos descrever e explicar a configuração da rede de construções em foco, em suas condições de licenciamento, armazenamento e recorrência. Integrando a abordagem construcional com a perspectiva da Hipótese da Arquitetura Paralela postulamos a existência de um padrão abstrato agentivo genérico defectivo que, armazenado no léxico, recobre tanto expressões agentivas sintáticas quanto morfológicas, instancia a construção agentiva mórfica genérica denominal, responsável pela instauração da rede polissêmica x-ista em seus três elos metafóricos: Construção de Movimento, Construção de Resultado e Construção de Adesão.

O enquadre teórico analítico assumido empresta ao contexto interacional o *status* de “componente chave” para explicar os processos de produção e compreensão dos significados, haja vista a crença na *insuficiência do significante lingüístico* e no *caráter partilhado nos processos de significação*. Guiados por essas premissas, rechaçamos a perspectiva analítica composicional, em sua versão forte, bem como o cenário desencarnado defendidos pelas abordagens formalistas para explicar o fenômeno lingüístico.

ABSTRACT

Keywords: Cognitive Linguistics, Morphology, Lexicon and Construction

One of the issues guiding the Cognitive Linguistics' study agenda is the affirmation of the *essential syntax-lexicon continuity*. The presente study aims to corroborate the cognitivist hypotheses in the defense of an equal analytical treatment for both.

As theorethical perspective we have elected the framework of the Sociocognitive Hypothesis of the Language as outlined by SALOMÃO (1999; 2003; 2004) and MIRANDA (2000; 2003). This hypothesis comprises the theorethical assumptions of cognitive linguistics as set forth in the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), the Literaty Mind Hypothesis (TURNER, 1996), the Theory of Mental Spaces (FAUCONNIER, 1994; 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), GOLDBERG's Construction Grammar (1995) and MANDELBLIT (1997) and, the Parallel Architecture Hypothesis (JACKENDOFF, 2002). Tomasello's Evolutionist Anthropology studies (2002) offer complementary subsidies to the Sociocognitive Hypothesis.

Anchored by this theorethical perspective, we elect the semi-productive morphology as our field of investigation and the *x-ista* noun-based formations in Brazilian Portuguese as our object of study. We seek to describe and explain the configuration of the constructional network in focus, in its licensing, storing and recurrence conditions. Integrating the constructional approach with the perspective of the Parallel Architecture Hypothesis we postulate the existence of a **defective generic agentive abstract pattern** that, stored in the lexicon, covers both syntactical and morphological agentive expressions, instances the **generic noun-based morphological agentive construction**, responsible for the establishment of the **polysemic *x-ista* network** in its three metaphorical extensions: the Movement Construction, the Result Construction and Adherence Construction.

The analytical theorethical perspective assumed lends the interactional context the *status* of key componente in the explantion of meaning production and comprehension, due to the belief on the *scarcity of the linguistic signifier* and the *shared quality of the meaning processes*. Leded by these premises we refuse the compnential analytical perspective in its strong version as well as the disembodied scenario defended by the formalist approaches to explain the linguistic phenomenom.

1. INTRODUÇÃO

*Isso nós sabemos.
Todas as coisas são conectadas como o sangue que une uma família...
O que acontecer com a terra, acontecerá com os filhos da terra.
O Homem não teceu a teia da vida, ele é dela um fio.
O que ele fizer para a teia estará fazendo a si mesmo.*
Ted Perry

A Hipótese Sociocognitiva da Linguagem que serve de núcleo teórico à presente pesquisa tem como fundamentos a crença na insuficiência do significante, na natureza sociocultural da cognição e de todos os seus modos, inclusive a linguagem. Tais premissas sustentam-se em um paradigma de ciência cognitiva que investiga os sistemas complexos dentro dos contextos em que esses se integram, sejam eles culturais ou biológicos, acreditando que só nestes “cenários” é possível alcançar a magnitude das propriedades que lhes são inerentes.

Nesta esteira, nossa agenda analítica se distancia, amplamente, dos trabalhos de tradição gerativista, dado o poder que esses estudos conferem ao significante lingüístico nos seus modelos de processamento, desencarnados das cenas comunicativas; do olhar estanque que marca as suas teses acerca do organismo humano; do modelo mecanicista que impõem à ciência. Assim, ao assumir essa visão cartesiana de análise, que implica a dissecação dos sistemas complexos em partes, intuindo obter suas propriedades, a teoria gerativista termina por conceber a questão da integração conceptual em termos da “Hipótese forte da Composicionalidade”, nos moldes fregeanos¹, postulando a existência de regras algorítmicas nos processos de significação lingüística.

Na perspectiva sociocognitiva presentemente assumida, tal posicionamento é insustentável. Se, de fato, queremos nos aproximar, de modo mais consistente, da compreensão dos processos de significação humana, temos que abarcar tais fenômenos dentro de um contexto definido, no interior de uma rede de relações, onde e somente onde certas propriedades particulares emergem (CAPRA, 1996, p. 46). Por isso, propomos, em

¹ A Hipótese forte da Composicionalidade, em termos fregeanos, significa assumir que o todo é resultado da simples soma de suas partes.

contraponto ao legado formalista, identificar os mapeamentos cognitivos e interacionais disparados na configuração das estruturas lingüísticas, já que o significante, constituído culturalmente, só alcança sentidos potenciais dentro das cenas de interação, nas quais os usuários partilham atenção e coordenam ações conjuntas.

Nessa dissertação, guiados por esse viés teórico analítico, tomamos como campo investigativo a Morfologia semi-produtiva e como objeto de estudo as formações agentivas denominais em x-ista.

Nossa agenda consiste na tarefa de desvelar as redes de relações no sistema formal e conceptual, em que emergem a gama de significados e de usos das formas agentivas em foco. Em outros termos, o que buscamos explicar são as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência dessas construções no Português do Brasil.

Para procedermos à análise dessas construções, recorreremos ao arcabouço teórico recortado pela Lingüística Cognitiva, especialmente dos trabalhos de Gilles Fauconnier (1994; 1997), Fauconnier & Turner (2002), Mark Turner (1996), Adele Goldberg (1995), Nili Mandelblit (1997), George Lakoff (1987), Lakoff & Jonhson (1980) e Ray Jackendoff (2002), tal como têm sido discutidos e disseminados pelo Grupo de pesquisa “Gramática e Cognição” em seu viés teórico analítico nomeado Hipótese Sociocognitiva (SALOMÃO, 1999; 2003; 2004). No caso da presente investigação, cabe assinalar a sua filiação ao projeto liderado pela professora Neusa Salim Miranda, intitulado “A Gramática das Construções na constituição do Léxico”².

Os pressupostos sociocognitivos aqui enumerados serão apresentados, de modo mais amiúde, no capítulo 2, onde serão acrescidas referências aos trabalhos de Michael Tomasello, cujas pesquisas fortalecem o recorte teórico de linguagem que abraçamos.

Em favor do que Tomasello (2003, p. 06) definiu como “efeito catraca” na constituição da história do conhecimento humano (aperfeiçoamento de um artefato, dentro de uma comunidade humana, ao longo de um tempo histórico), delineamos no capítulo 3, recuperando o “giro da catraca” dentro da tradição dos estudos morfológicos, desde a preocupação dos filósofos gregos com a palavra, até a contribuição deixada pelo

² Dentro desse projeto foi realizado um estudo sobre o agentivo denominal x-eiro, dissertação defendida por Botelho (2004), intitulada “As construções agentivas em x-eiro: uma abordagem sociocognitiva” e uma pesquisa acerca do agentivo verbal x-nte por Ana Maria Tavares dos Santos (2005), dissertação intitulada “Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas verbais em x-nte”.

gerativismo, através da Hipótese Lexicalista, que reconhece a existência de padrões regulares dentro do componente lexical, até então visto como o espaço das idiossincrasias. Somando novos avanços teóricos, explicitamos uma perspectiva de léxico flexível e abrangente, delineada por Jackendoff (2002) em sua hipótese construcional da Arquitetura Paralela para o específico lingüístico. As soluções e contribuições que essas abordagens oferecem para descrever as formações em x-ista e para explicar sua gama de sentidos e de usos constituem a segunda parte do capítulo 3.

Finalmente, no capítulo 4, focalizamos os agentivos denominais mórficos x-ista, explicitando sua constituição formal-semântico-pragmática, descrevendo o processo de integração conceptual que forja sua construção, denominada de **construção agentiva mórfica genérica denominativa** e apresentando a rede de construções polissêmicas, definidora das relações conceptuais entre tais agentivos e apresentaremos os limites da produtividade dessas construções delineada a partir do *cluster* do MCI de TRABALHO. Para encerrar esse capítulo, afirmamos a centralidade das projeções figurativas na constituição da rede dos agentivos denominais x-ista, tendo em vista as inúmeras ocorrências de metáforas e metonímias incrustadas nos processos cognitivos de integração conceptual que dão origem às diversas construções que compõem essa rede.

Assim pretendemos, com o resultado deste trabalho, corroborar uma nova concepção integradora de linguagem e com um modelo de ciência cuja epistemologia, considere os fenômenos da linguagem para além da circunscrição das formas, fortalecendo a metáfora das “relações orgânicas e movediças de uma rede vital” (interacional), em lugar da renitente metáfora dos “fundamentos arquitetônicos de um edifício” (CAPRA, 1996, p.47) da ciência tradicional. Nesses termos, uma convicção orienta o nosso trajeto no presente trabalho: é na nossa atuação dentro dessa intrincada e mágica rede que é a “teia da vida” que se tecem os sentidos, costurados, em última instância, na contraface do outro.

2 A HIPÓTESE SOCIOCognITIVA DA LINGUAGEM

*“A alma respira através do corpo, e o sofrimento,
quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne”.*

“O cérebro é o público cativo das atividades teatrais do corpo”.
Antônio Damásio

O presente estudo tem como premissa fundamental a crença nas bases socioculturais da cognição humana. Isto significa assumir que a biologia, a cultura, os modos de interação social, forjados no tempo e compartilhados entre os homens, ao longo da História, foram e são fundamentais para a constituição dos seres que somos, das realidades que engendramos e, especialmente, da linguagem que desenvolvemos.

É certo que esta orientação vai de encontro a uma visão cartesiana do pensamento e da linguagem, ainda hegemônica neste século, cuja epistemologia recai sobre uma perspectiva de realidade amparada em fortes cisões, tais como mente/corpo, razão/emoção, natureza/cultura, e sobre uma concepção da linguagem humana concebida como um simples espelho do pensamento. Tudo isso sustentado no que Damásio (2001) sentenciou como “uma paixão pela razão”.

Dissolvidas as relações dicotômicas entre internalidade e externalidade na constituição do pensamento e da linguagem, o organismo humano institui-se, nesse viés epistemológico, como referência de base para as interpretações que fazemos do mundo que nos rodeia e para a construção do permanente sentido de subjetividade que é visto, então, como parte essencial de nossas experiências. Nos termos de Damásio (2001, p.17), em tudo usamos o corpo como instrumento de aferição, desde os mais refinados pensamentos até as nossas melhores ações, passando por nossas maiores alegrias até as mais profundas mágoas.

Na busca de endosso para esse olhar epistemológico, elegemos a Linguística Cognitiva como o viés teórico central do presente trabalho, tendo em vista a convergência de suas teses centrais com essa perspectiva integradora de cognição humana posta pelas ciências cognitivas.

Rompendo com o mentalismo e o racionalismo, definidores do cognitivismo chomskiano, o paradigma teórico que vem sendo nomeado como Lingüística Cognitiva compreende a linguagem como um **modo integrado da cognição** (tal como a percepção, a memória, o pensamento e a imaginação), considera a **experiência física e sociocultural** como mediadores fulcrais na constitutividade do conjunto da cognição humana e afirma a **centralidade dos processos de integração conceptual** na configuração do pensamento e da linguagem, definindo os conceitos de **identidade, integração e imaginação** como instrumentos incrustados e permanentes neste processo.

Dentro do vasto território de tendências postas sob o rótulo de Lingüística Cognitiva, elegemos como enquadre teórico do presente estudo a **Hipótese Sociocognitivista** da Linguagem, nos termos postos por Salomão (1999, 2003, 2004) e Miranda (2000, 2001, 2003). Tal hipótese enfeixa os pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva nos termos da **Teoria da Metáfora Conceptual** (LAKOFF & JOHNSON, 1980, LAKOFF, 1987), da **Hipótese da Mente Literária** (TURNER, 1996), da **Teoria dos Espaços Mentais** (FAUCONNIER, 1994, 1997, FAUCONNIER & TURNER, 2002) e ainda da **Gramática das Construções** nos termos de Goldberg (1995) e Mandelblit (1997). Os estudos em **Antropologia Evolucionista** de Tomasello (2002) fornecem à Hipótese Sociocognitiva da Linguagem um conjunto de evidências externas capazes de fortalecer suas premissas acerca da natureza sociocultural e interacional dos fenômenos da linguagem. Uma mostra dessas evidências é o que anunciamos como tarefa expositiva da próxima subseção.

A apresentação dos principais constructos teóricos da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, arrolados nessa seção, que subsidiarão nossas análises, constituirão matéria das demais seções do presente capítulo.

2.1 Os primeiros nós da rede: o caráter sociocultural da cognição humana e da linguagem

A intenção desta seção, conforme anunciamos, consiste justamente em apresentar uma evidência externa, capaz de corroborar a perspectiva sociocognitiva defendida no presente trabalho, qual seja, a visão integradora de linguagem, como um modo da cognição humana e como uma forma de ação conjunta, partilhada.

Para tanto, tomamos em primeiro lugar, uma evidência da ontogênese humana, trazida da perspectiva evolucionista do antropólogo Michael Tomasello (2003). O autor começa por afirmar o caráter social da cognição como a chave para o desenvolvimento da linguagem humana e por definir a linguagem como uma forma, um modo de cognição condicionada para fins de comunicação interpessoal.

De acordo com Tomasello, o desenvolvimento da linguagem no *homo sapiens* só foi possível graças aos aspectos biológicos e socioculturais imbricados no desenvolvimento da sua ontogenia. Para a afirmação da integração desses aspectos, tomados como exclusivos da espécie, o autor apresenta uma hipótese sobre como a linguagem transformou-se em atividade cognitiva.

Como atividade cognitiva, a linguagem aparece por volta dos nove meses de idade, período que marca a emergência da ontogenia humana. Esta afirmação premente sustenta-se na capacidade que os seres humanos possuem de relacionar **comunicação e representação cognitiva**. Dita de outro modo, tal afirmativa implica pontuar que tanto crianças quanto primatas (i) percebem atividades externas, (ii) percebem sons vocais discretos e (iii) associam sons com experiências visuais. No entanto, só crianças humanas conseguem relacionar-se de maneira triádica, dividindo e focalizando objetos e eventos externos com/como seus co-específicos adultos. Nas palavras do autor, tais diferenças são assim demarcadas:

Embora todas as outras espécies primatas representem o mundo, recordem onde coisas estão localizadas, antecipem eventos, impeçam eventos, usem desvios espaciais e criem atalhos (mapeamento cognitivo), categorizem novos objetos com base em similaridades perceptuais e resolvam problemas a partir de *insights*

mentais de julgamento-e-erro, só as crianças humanas possuem a habilidade cognitiva de representar o mundo no sentido de que experiências sensório-motoras podem ser preservadas e, em alguns casos, ativadas representativamente e consultadas como um guia para comportamentos semelhantes como navegação, pesquisa e resolução de problemas. (TOMASELLO & CALL, 1997)

Todavia, as habilidades de comunicação e representação cognitiva só foram possíveis de serem desencadeadas, dado o fato de duas variantes fundamentais entrarem em jogo: (i)a descoberta feita pelas crianças de que os adultos, como elas, são seres **co-específicos** e **agentes intencionais**; e (ii)a singularidade da cognição humana em seu **aspecto sociocognitivo**.

Para fortalecer este pensamento, Tomasello – junto a Carpenter e Nagell, 1998 – apresenta resultados de experimentos capazes de comprovar essas hipóteses. Tais experimentos, realizados com crianças de **nove a quinze meses de idade**, período que marca a emergência da linguagem, levaram em consideração **nove comportamentos de atenção conjunta**³.

Com base nos resultados obtidos em tais experimentos, Tomasello (2003, p.77) afirma que a compreensão humana dos outros como seres intencionais, apesar de surgir por volta dos nove meses de idade, manifesta-se apenas gradualmente à medida que as crianças passam a utilizar ativamente as ferramentas culturais que essa compreensão lhes permite dominar, sobretudo a linguagem. Nesta esteira, o autor ainda ressalta o fato de que as línguas do mundo, de certa maneira, são uma coleção de signos e construções que as comunidades criam num tempo histórico para compartilhar e dirigir atenção entre si, e a criança aprende a linguagem antes de ser integrada, definitivamente, nas cenas de interação social.

A aquisição da linguagem, dessa forma, seria a arena privilegiada em que podemos enxergar o inter-jogo entre as linhas individual e cultural do desenvolvimento cognitivo, na medida que crianças criam individualmente construções lingüísticas abstratas, mas o fazem usando os *artefatos simbólicos* (construções) culturalmente convencionadas que já existem em seus grupos sociais (TOMASELLO, 2003, p. 209).

³Para mais detalhes, ver Tomasello (2002, p. 77-129).

Fenômenos como o da *referência* (escolha individual sobre um objeto/evento no mundo) levam em conta *granularidade, especificidade, perspectiva e função* e o que entra em questão não é o respeito em relação ao objeto predicado, mas o interesse e a atenção do ouvinte, que divide consigo o mesmo grupo de escolhas e constructos lingüísticos, por sinal, envolto em diversas miríades. Sendo assim, símbolos lingüísticos humanos, nas palavras do autor, “são antes de tudo **inter-subjetivos**”. Como ele próprio ressalta:

A principal função da linguagem é manipular a atenção das outras pessoas – ou seja, induzi-las a adotar certa perspectiva sobre um fenómeno [...] os símbolos e as construções lingüísticos nada mais são senão artefatos simbólicos [...] ao aprender a usar esses artefatos, e assim internalizar as perspectivas que a eles subjazem, a criança acaba conceituando o mundo da maneira que os criadores (antepassados) dos artefatos fizeram. (TOMASELLO, 2003, p. 210)

O que Tomasello afirma, enfim, e de forma veemente é a importância da linguagem para configurar o que somos: seres eminentemente culturais, capazes de produzir e legar cultura, tendo em vista, a forte interação que mantemos com o meio ambiente, na medida em que o transformamos, e com o outro, ao reconhecê-lo como contraparte fundamental nesta missão de continuação e conservação da própria espécie no espaço e na História.

2.2 Uma Perspectiva Integradora de Cognição: a Teoria dos Espaços Mentais

Dentro do enquadre teórico da Lingüística Cognitiva, eleita como escopo do presente trabalho, a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, FAUCONNIER, 1997, FAUCONNIER & TURNER, 2002) constitui-se como uma das contribuições mais relevantes. Trata-se de uma perspectiva analítica que integra sistemas cognitivos e linguagem, tendo como premissas fundamentais a *subdeterminação do significante lingüístico*, entendido apenas como pista de sentido, e a afirmação da *capacidade projetiva da mente humana*. Na presente seção, procedemos à apresentação de seus principais constructos, os conceitos de **domínios, projeções e integrações entre domínios**.

2.2.1 Domínios conceptuais

O processo de construção do significado nas línguas humanas, de acordo com a Teoria dos Espaços Mentais, mobiliza conhecimentos estruturados em domínios conceptuais que se projetam uns nos outros.

Segundo Salomão (1999) e Miranda (1999), essas construções incluem domínios que podem ser de duas naturezas: **domínios estáveis** e **domínios locais**.

- 1) **Domínios estáveis:** correspondem a estruturas de memória pessoal ou social (esquemas e *frames*). Embora estáveis, não são estáticos, pois são conhecimentos prévios que estruturam internamente os domínios locais (espaços mentais) e que podem ser alterados ou elaborados nas construções em processo. Nos termos de Salomão (1999) e Miranda (1999), são identificados pela seguinte tipologia:
 - (i) **Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs):** estruturam nosso pensamento, através de conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Esses conhecimentos possuem papel crucial na cognição humana, qual seja, possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária;
 - (ii) **Molduras Comunicativas** (*frames* de interação): são conhecimentos operativos configurados no evento. Incluem identidades, papéis sociais, agenda de encontro, alinhamento permitindo a identificação do que está sendo posto em movimento, ou seja, o resultado da conjugação entre um conhecimento socialmente estabelecido e as representações singulares mobilizadas em cada situação social em que o sujeito está inserido;
 - (iii) **Esquemas Genéricos:** domínios mais abstratos e abertos, representam os espaços de homologia entre os diversos domínios que entram no processo de integração conceptual.

De acordo com Salomão (1999, p. 32), os domínios estáveis são marcados “pela sua permanência como ordens cognitivas identificáveis e evocáveis; pela organização interna das informações que os constituem; pela flexibilidade de sua instanciação, conforme as necessidades manifestadas”.

- 2) **Domínios Locais:** são operadores dinâmicos do processamento cognitivo. São espaços, por excelência, de construção de referência. São domínios lacunares, que proliferam enquanto pensamos e falamos com o propósito de compreensão e ação, por isso são diferentes e novos a cada semiose. Internamente são estruturados por domínios estáveis. (MIRANDA, 2002, p.86).

2.2.2 Projeções entre domínios: as redes de integração conceptual

De acordo com Miranda (1999) as **projeções**, tradicionalmente vistas como periféricas, são alçadas pelo Modelo dos Espaços Mentais a um papel central no funcionamento da cognição humana, tendo em vista a sua função de ligar domínios e configurar redes de integração conceptual.

Em *The Way we Think*, Fauconnier & Turner (2002), ao definirem o que denominam como os três I's da cognição – Identidade, Integração e Imaginação, colocam em relevo o papel das projeções na configuração das diversas redes de integração conceptual. Nesta obra, inteiramente dedicada a essas redes, definidas como processo cognitivo de MESCLAGEM (*blending*), os autores celebram a sua descoberta pela ciência cognitiva e, acima de tudo, convidam a um olhar mais acurado e rigoroso sobre tais redes, na busca dos diferentes tipos e dos princípios que as governam.

Enfrentando tal desafio, os autores propõem alguns princípios que regulam os processos de mesclagem, dentre os quais podemos apontar como fundamentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.310):

- 1) **Princípios constitutivos:** caracterizam-se por serem definidores da estrutura mínima constitutiva de uma rede de integração em mescla. Fazem parte deste grupo: (i) *espaços inputs* (domínios de conhecimento, valores, funções, enquadres, *frames*); (ii) *espaço genérico* (a homologia presente nos espaços *inputs*, alçada pelo mapeamento destes); (iii) *espaço mescla* (resultado do mapeamento (ii), contém elementos de (i)); e (iv), *estrutura emergente*⁴ (marcada pela singularidade, constitui-se pelas não-correspondências dos espaços *inputs*).

Para facilitar a compreensão do funcionamento do mapeamento dos espaços mentais, Fauconnier & Turner (1994, 1997, 2002) apresentam um nível de representação descritiva a partir do uso de *diagramas em círculos* que correspondem aos espaços mentais/domínios de conhecimento, e *linhas* que caracterizam as projeções conectadas no processo de ativação/ligação de uma determinada rede. Uma rede mínima pode ser formalizada da seguinte maneira:

⁴ A estrutura emergente pode ser gerada mediante três movimentos: (1) **Composição:** consiste na combinação de material conceptual dos inputs evocados; (2) **Completamento:** envolve o recrutamento de conhecimento e estruturas conceptuais na memória de longo prazo e a sua ativação no processo de integração; e (3) **Elaboração:** é o produto imaginativo da integração, passível de ser recorrente em outras situações (SILVA, 2003, p.59).

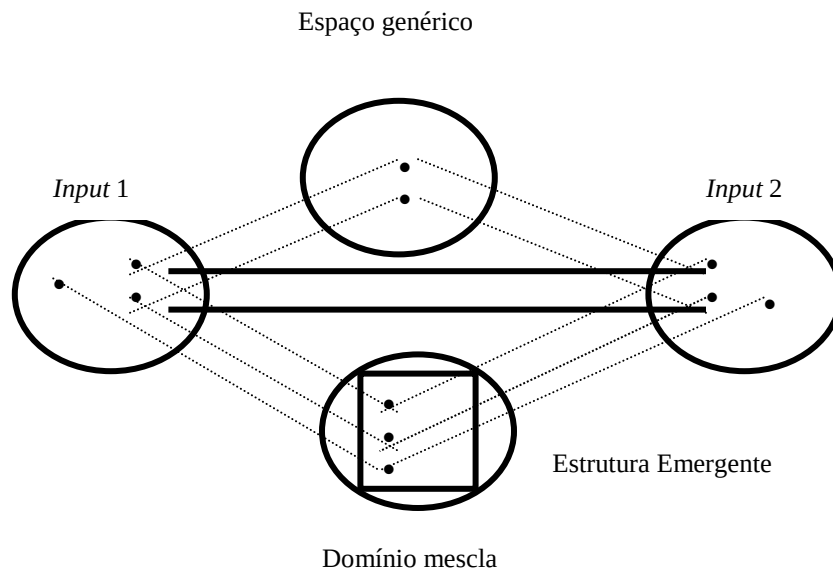


Diagrama 1: Formalização de uma rede mínima

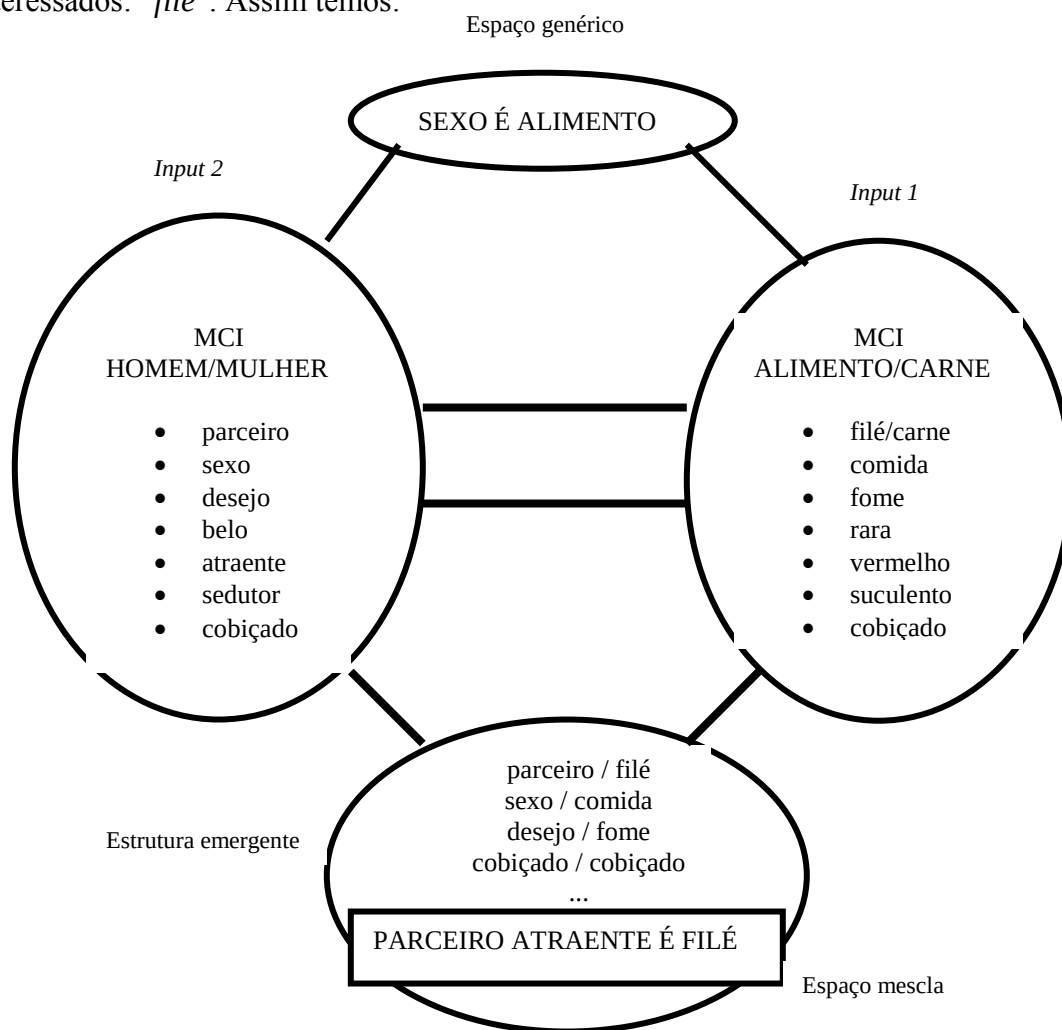
1) Princípios reguladores: caracterizam as estratégias de otimização da estrutura emergente. Frequentemente, competem uns com os outros.

No caso da língua, as regras gramaticais e o vocabulário são **princípios constitutivos**, limitam o que pode ser realizado ou acontecer numa determinada língua, no entanto, os falantes desenvolvem um vasto grupo de **princípios reguladores** adicionais que ajustam quando e o que pode ser dito pelos usuários e sob quais circunstâncias. Mesmo assim, os autores ancorados no princípio da insuficiência do significante e no caráter dinâmico da significação, ressaltam que, mesmo com todos esses princípios, não se pode prever o que se ouvirá numa dada cena comunicativa (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 311).

Embora esses princípios governem as redes de integração conceptual, conforme já assinalado, as mesclas (*blendings*) não são produtos de extrema harmonia; pelo contrário, são resultantes de diversos *clashes* (choques). São esses que determinam, de certa maneira, as características de uma dada rede de integração conceptual.

Na busca de um maior rigor para o entendimento do processo de integração conceptual – ou mesclagem, Fauconnier & Turner (2002) identificam pelo menos quatro tipos básicos de rede, a saber: Rede Simplíssima, Rede em Espelho, Rede em Escopo Único e Rede em Escopo Duplo⁵.

Para melhor ilustrar o funcionamento e organicidade de uma rede de integração conceptual, apresentamos uma rede em Escopo Único, tipo que recobre as projeções metafóricas. Nessa mescla mostramos o processo de compressão de uma expressão muito usada entre os jovens, de ambos os sexos, para se referirem a alguém em quem estão interessados: “*filé*”. Assim temos:



⁵ Para maiores detalhes, ver Fauconnier & Turner (2002, p. 113-137).

No **input 1** (domínio-origem), temos o MCI de ALIMENTO/CARNE em que *filé* é o tipo de carne em foco. Dentro desse MCI, estão salientados os principais traços desse domínio: carne nobre, suculenta, vermelha, cobiçada, entre outras. Já no **input 2** (domínio-alvo), temos o MCI de HOMEM/MULHER, no qual temos iluminadas as características primordiais que especificam um possível parceiro amoroso ideal: atraente, sedutor, cobiçado, etc. No **espaço genérico**, encontramos uma metáfora estrutural, SEXO É ALIMENTO. Esta metáfora se configura como o domínio de homologia entre os dois *inputs*, trazendo em sua configuração conceitos fundamentais e inconscientes para a conservação e continuação da espécie: procriação (sexo) e comida (alimento). Na **estrutura emergente**, temos importado conceitos de ambos os *inputs*. Tais conceitos estão em contrapartes nos domínios 1 e 2: sexo/comida, desejo/fome, parceiro/filé.

Da projeção parcial entre os domínios 1 e 2, surge o **espaço mescla**, em que temos um produto original, resultante do conflito entre os MCI's. Esse novo conceito foi gerado, mediante reenquadramento do *input 2* (HOMEM/MULHER) pelo *input 1* (ALIMENTO/CARNE), do qual temos a compreensão imaginativa de que “parceiro atraente é filé”.

Expressões desse tipo, a cada época, surgem no comportamento lingüístico dos jovens para referenciar o parceiro desejado. Entretanto, essas expressões também acompanham a dinâmica das mudanças de comportamentos sociointeracionais. Por exemplo: no início do século XX, expressões do tipo ‘*docinho*’ eram comuns na fala dos homens para se referir a uma mulher; posteriormente, com a revolução feminista na década de 70, temos introduzida a expressão ‘*pão*’ utilizada, sobretudo, pelas mulheres para aludir ao homem em quem estavam interessadas. Vale ressaltar o sentido das projeções metonímicas envolvidas nessas expressões. No caso de ‘*docinho*’, os conceitos de ‘frutas’ e ‘doces’, são ícones do universo feminino, mais doméstico; em ‘*pão*’, símbolo do alimento cristão, tem-se uma dimensão ainda do sagrado. Já na expressão ‘*filé*’, além de ser usada igualmente por homens e mulheres, guarda um sentido carnal, profano, e mais urgente no que tange à concretização da conquista.

Comprimir para compreender, esse é o objetivo da mescla. Segundo Fauconnier & Turner (2002), o ato de mesclar nos torna mais criativos e eficientes, tendo em vista que é através do seu processamento que comprimimos o que é difuso, obtemos *insight* global,

vamos do múltiplo ao uno, fazemos emergir histórias, compreendemos em *escala humana*⁶ e fortalecemos as relações vitais. É sobre este último conceito que nos deteremos antes de encerramos essa subseção.

Para configurar as redes de integração conceptual não bastam apenas domínios e projeções. Elementos perceptivos básicos da cognição humana, fortemente reiterados e muitas vezes inconscientes, entram na configuração das mesclas, comprimidos nos espaços mentais. Os autores chamam esses elementos de **relações vitais** e relacionam os seguintes tipos: *relações de identidade, percepção de causa e efeito, mudança, tempo, espaço, parte-todo, representação, papel, analogia, desanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade, unicidade*.

Para demonstrar o funcionamento de tais relações nos processos cognitivos de mesclagem, tomemos como exemplo a mescla já apresentada. Nela temos comprimidas as seguintes relações vitais:

<i>Identidade:</i>	parceiro (HOMEM/MULHER) e filé (ALIMENTO/CARNE)
<i>Analogia:</i>	ambos são elementos fundamentais para a conservação da espécie
<i>Desanalogia:</i>	domínios distintos: MCI HOMEM/MULHER e MCI ALIMENTO/CARNE
<i>Intencionalidade:</i>	expressão do desejo do sujeito interessado por outrem
<i>Unicidade:</i>	entendimento global, resultante da integração de todas as relações vitais envolvidas.

Para Fauconnier e Turner (2002) a integração conceptual é o coração da imaginação e como tal é indispensável para a configuração do significado e de sua compreensão. Dada a natureza restrita do sistema lingüístico, segundo os autores, as formas lingüísticas pouco comunicariam se tivessem que representar significados completos e invariantes. A solução evolucionária encontrada para esse problema implica a criação de sistemas de construção de significados que vão além da forma. Nas palavras dos autores: “o fato é que expressões lingüísticas mais ativam o significado do que propriamente o representam e os sistemas lingüísticos não são análogos aos sistemas

⁶A “escala humana” remete a percepção direta em *frames* familiares que são facilmente apreendidos por nós. Tal escala implica alguns participantes, intencionalidade direta e efeitos corporalmente imediatos que são apreendidos como coerentes (Fauconnier & Turner, 2002, p. 312).

conceptuais (...), o que eles fazem é ativar a construção do significado, mas não representá-lo” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 277).

2.3 Construções: o Nível de Composicionalidade no Modelo de Rede

Firmado o princípio sociocognitivo de que a linguagem não representa o significado diretamente, de que a expressão lingüística e outras semioses são apenas detonadoras dos complexos processos de significação, podemos, nos termos de Fauconnier & Turner (2002, p. 142-143), pensar na linguagem como um **sistema de acionamento de integração**.

Uma evidência lingüística nessa direção, apontada pelos autores, é a seguinte: se um conjunto de significados que nos parecem diferentes (enquadres simples, analógico, metafórico) são, de fato, instâncias de integração conceptual, então deve haver uma única forma sintática para a configuração desse conjunto de significados (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.144). A existência desta configuração, que os autores postulam como **construção**, estaria estruturada em fórmulas que subjazem e recobrem a taxinomia de todas as redes de integração conceptual.

Nesses termos, os autores definem a gramática como uma rede de construções. Um exemplo de construção apresentado pelos autores é a fórmula X é Y de Z, em que X, Y e Z são nomes ou frases nominais. Esta construção estaria instanciada tanto em sentenças complexas quanto sentenças simples do tipo: “João é pai de José”. Tal construção é estruturada da seguinte maneira (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 144):

- (i) a cópula indica que X e Y são contrapartes;
- (ii) Y identifica o elemento que relaciona ambos, o enquadre, do qual existe um termo implícito [W];
- (iii) [W] é a contraparte de Z;
- (iv) o esquema **Y de** desencadeia uma mescla para o qual é importado o enquadre Y – [W] na forma de **Y ‘ – [W ‘]**;
- (v) o esquema **Y de** tem **Y ‘** uma conexão aberta – o mesmo se aplica a [W ‘].

Formalizando, de modo esquemático tal construção, teríamos a seguinte representação para o exemplo de “João é pai de José”:

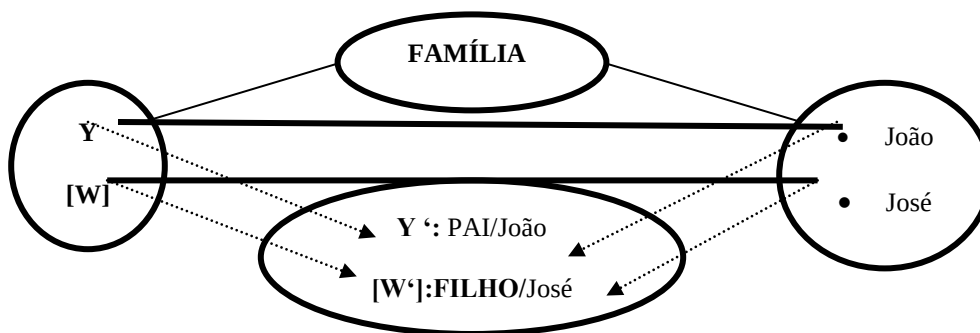


Diagrama 3: representação da construção X é Y de Z, subjacente na sequência “João é pai de José”.

João (elemento X) tem como contraparte Y (PAI) que está posta através da cópula *é*, que por sua vez, evoca o *enquadre de FAMÍLIA* e revela a pista para a sua contraparte W: o *papel* de FILHO para José (elemento Z).

Assim, os autores concluem que os significados em si são produtos imaginativos de mesclagem, não são preditíveis, quer sejam simples ou complexos. Entretanto, os esquemas mapeados das formas lingüísticas usadas para evocá-los o são. Segundo os autores, o significado do todo não é preditível do significado das partes, mas o esquema mapeado do todo é preditível do esquema de mapeamento das partes (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.147).

Sendo assim, o papel dos estudos lingüísticos, neste caso, seria o de descobrir o repertório de construções de uma determinada língua humana, constitutivos de sua Gramática e de seu Léxico.

2.3.1 A Gramática das construções: abordagem de Goldberg

A centralidade do conceito de construção dentro do paradigma cognitivista tem sua história iniciada no texto ancestral de Lakoff (1977), *Linguistic Gestalts*. Neste texto, o autor trata das expressões idiomáticas, um problema para a teoria gerativa, e sugere que essas expressões seriam apenas uma potencialização de padrões lingüísticos lexicalmente abertos, cuja configuração já contribuiria semanticamente para a interpretação da sentença. É, ainda neste texto, que Lakoff sugere a indistinção entre léxico e gramática.

A idéia de uma Gramática das Construções emerge em Berkeley, no final da década de oitenta, a partir de três movimentos que, embora dividissem as mesmas premissas, distinguiam-se no foco analítico e na formulação de modelos. Em linhas gerais, esses movimentos podem ser assim resumidos: (1) alavancados por **George Lakoff**, essa vertente estuda as redes polissêmicas, reconhece as redes construcionais motivadas por projeções conceptuais; (2) encabeçada por **Charles Fillmore** e **Paul Kay**, estuda as fórmulas situacionais, especialmente as que se constituem como idiomas sintáticos, e a semântica das gradações associada ao uso de *hedgs* adverbiais; e (3) liderada por **Goldberg**, elege como tema o fenômeno da variação das valências abordado a partir de proposição de regras lexicais⁷. É esse último movimento que trataremos amiúde.

Adele Goldberg foi orientada por George Lakoff em sua tese de doutorado de 1995. Nesse trabalho, a autora apresenta, de forma mais sistemática, uma Teoria da Gramática das Construções, tomando como objeto de estudo, a variação de valência.

Segundo Goldberg (1995), a construção é a unidade básica da língua, um tipo de padrão formal, contudo capaz de um alto grau de abertura. Assim, podemos entender uma construção como um pareamento de forma/sentido, o que implica em dizer que, para cada componente que participa da estrutura lingüística, existe um argumento subjacente na estrutura conceptual. Nas palavras da autora:

C é uma construção se C é um par de forma/sentido <Fi,Si>, de forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente preditível das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG,1995, p. 04).

⁷ Para maiores esclarecimentos ver Salomão (2004, p.17-20)

Sendo assim, uma construção para GOLDBERG (1995, p. 40) pressupõe a associação de uma estrutura argumental básica e uma cena dinâmica, básica à experiência humana. No caso da estrutura argumental, teríamos os seguintes elementos:

- (i) um **VERBO** que determina os papéis dos participantes, que por meio de sua valência funciona focalizando ações específicas dentro de uma cena humanamente relevante;
- (ii) uma **CONSTRUÇÃO** que se caracteriza como um esquema sintático cindido por um padrão oracional básico, porém lexicalmente aberto, e um estrutura argumental que encerra em si cenas cognitivas básicas.

De acordo com a autora, este pareamento não se dá de forma desordenada, acontecendo por meio de uma operação chamada FUSÃO (GOLDBERG, 1995, p. 50). Tal operação implica dois princípios:

Princípio da coerência semântica: indica compatibilidade entre os participantes verbais e os argumentos da construção;

Princípio da correspondência: (i) todos os participantes devem ser realizados sintaticamente e (ii) a construção pode contribuir com um argumento ou diminuir um participante.

Do ponto de vista esquemático, essa grade, em que temos a composição verbo-construção, é assim representada pela autora:

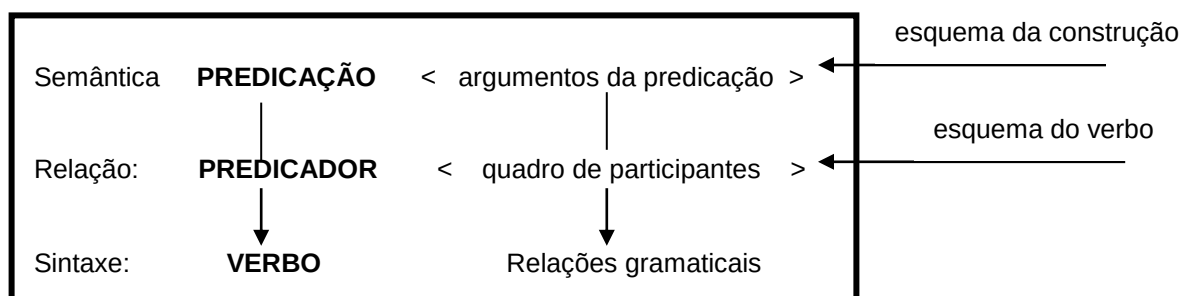


Diagrama 4: Fusão abstrata dos esquemas verbo-construção

Para iluminar esta relação, GOLDBERG postula esquemas construcionais básicos, que fazem parte da estrutura lingüística do inglês, cujos contornos fornecem os padrões semântico/sintáticos. São eles:

CONSTRUÇÕES	SINTAXE	SEMÂNTICA BÁSICA
Ditransitivas	[S V OBJ1 OBJ2]	X causar Y receber Z
Movimento causado	[S V OBJ OBL]	X causar Y mover Z
Resultativas	[S V OBJ Xcomp]	X causar Y tornar-se Z
Movimento intransitivo	[S V OBL]	X mover Y
Conativas	[S V OBL prep]	X dirigir a ação a Y

A autora salienta, ainda, a capacidade que estas construções possuem de reiteração. Essa possibilidade ocorre mediante a existência de dois princípios:

- (i) **MOTIVAÇÃO:** possibilidade de extração das regularidades e padrões existentes entre o par de forma / sentido;
- (ii) **HERANÇA:** capacidade que esse padrão possuiria de capturar certos aspectos numa relação de hierarquia.

Esses princípios podem se efetivar de várias formas, através do que a autora chamou de **elos** (*links*) entre as construções. Goldberg identifica pelo menos quatro tipos de elos, a saber:

- **Elo por Polissemia (Lp):** captura a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão de sentido. As extensões herdam as especificações sintáticas da construção central;
- **Elo por Subpartes (Ls):** ocorre quando uma construção é subparte da outra, existindo independentemente. Caracteriza-se também pela redução de valência do verbo;
- **Elo por instanciação (Li):** é postulado quando uma construção particular é um caso especial de outra construção, ou seja, motivada por outra. Neste elo, pode

haver ocorrência de múltipla herança, sintática e semântica, associada a outras construções;

- **Elo por Extensão Metafórica (Lm):** duas construções são relacionadas metaforicamente se a semântica da construção dominante for mapeada na semântica da construção dominada. É no sentido central da construção que está o domínio fonte da extensão metafórica;
- **Elo de Heranças Múltiplas (LI):** a possibilidade de uma construção ser motivada por mais de um padrão construcional.

Contudo, esta tipologia dos *links* possíveis na configuração de uma construção tem sido objeto de críticas dos pesquisadores do “GP Gramática e Cognição” (UFJF/UFRJ). Para a professora Neusa Salim Miranda, o *elo de polissemia* não pode ser caracterizado como um tipo de *link*, dado o fato de que a polissemia é um fenômeno de superfície e não um fenômeno cognitivo; é, de fato, o resultado de outros elos como o metafórico, por exemplo. Na mesma esteira, a professora Margarida Salomão postula que os *links* “por subparte” correspondem, na verdade, a projeções metonímicas (PULHIESE, 2004, P. 40).

As construções, como vimos, possuem um alto grau de abertura, existindo padrões construcionais abertos mais abstratos, semi-abertos e fechados. Entretanto, Goldberg (1995) salienta ainda que as relações entre elas ocorrem, considerando certos princípios psicológicos relevantes que organizam a linguagem, a saber:

- **Princípio da Motivação Maximizada:** Se uma construção A se relaciona sintaticamente com uma construção B, então o sistema da construção A é, também, semanticamente motivado pelo sistema da construção B;
- **Princípio da Não-sinonímia:** Se duas construções são sintaticamente distintas, elas serão semântica ou pragmaticamente distintas;
 - **Corolário A:** Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas são pragmaticamente distintas.
 - **Corolário B:** Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas são semanticamente distintas.

- **Princípio da Expressividade Maximizada:** O repertório das construções é maximizado procurando atender às necessidades comunicativas;
- **Princípios da Economia Maximizada:** O repertório de construções não excederá as necessidades comunicativas.

De modo a tornar mais clara a exposição posta, apresentamos a construção de **movimento-causado** (X causar y mover z):

Ex: *Janete jogou a bola na cesta.*

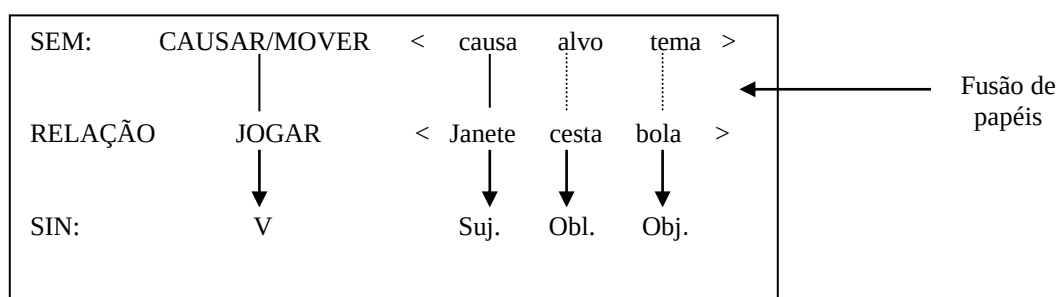


Diagrama 5: Fusão da construção de movimento-causado

A semântica desta construção é CAUSAR-MOVER. Como tal, oferece a relação argumental CAUSAR/MOVER com os *papéis argumentais*: <causa, alvo, tema>, cindida a um padrão sintático, que responde com as *relações gramaticais* de (Suj V Obl Obj). Esses se fundem, linearmente, aos *papéis dos participantes* fornecidos pela valência do verbo **jogar**: Janete (*jogador*), cesta (*destino*) e a bola (*coisa jogada*).

2.3.2 A gramática das construções e o processo cognitivo da mesclagem: abordagem de Mandelblit

Mandelblit (1997), assim como Goldberg, defende que a *construção*, enquanto pareamento de forma/sentido, é responsável pela promoção do sentido de uma determinada

sentença e não dos itens lexicais presentes nesta, mesmo sendo a construção derivada da estrutura argumental dos verbos.

Contudo, Mandelblit (1997) vai trazer uma contribuição altamente relevante para os estudos da construção, ao substituir o processo de FUSÃO posto por Goldberg (de caráter, fortemente linear e estrutural) pelo processo de **MESCLAGEM** aos modos de Fauconnier & Turner (1994, 1997, 2002). Dessa forma, a autora traz para a teoria da Gramática das Construções a contribuição da Teoria **dos Espaços Mentais**. Nesses termos, o conceito de construção ganha em simultaneidade, multidirecionalidade e perde seu caráter mais linear, marcado no trato goldberguiano.

A abordagem de Mandelblit significa um grande avanço na ampliação dos estudos e pesquisa da Linguística Cognitiva, pois a autora assume e sustenta a idéia de que o processo de integração lingüística é paralelo ao processo de integração conceptual. Salienta, ainda, que as operações que subjazem à combinação de formas lingüísticas e, em particular, à combinação de construções gramaticais (sintática e morfológica) com itens lexicais, são as mesmas envolvidas no processo de interpretação da linguagem que envolve o “desempacotar” ou “des-integrar” de mesclas lingüísticas, em um processo de des-integração conceptual (MANDELBLIT, 1997, p. 02).

Com esta importante contribuição, Mandelblit alarga a compreensão de gramática ao corroborar idéias fundamentais da Linguística Cognitiva como: o caráter dinâmico, *gestáltico*, multirecional e contextual dos processos de integração conceptual e formal.

Revisitando as construções analisadas por Goldberg (1995), focalizando especialmente a construção de movimento-causado, para efeito de ilustração, apresentaremos uma construção transitiva do Português, reproduzindo o processo de mesclagem, proposto pela autora, para uma construção básica do Inglês:

Ex: Janete jogou a bola.

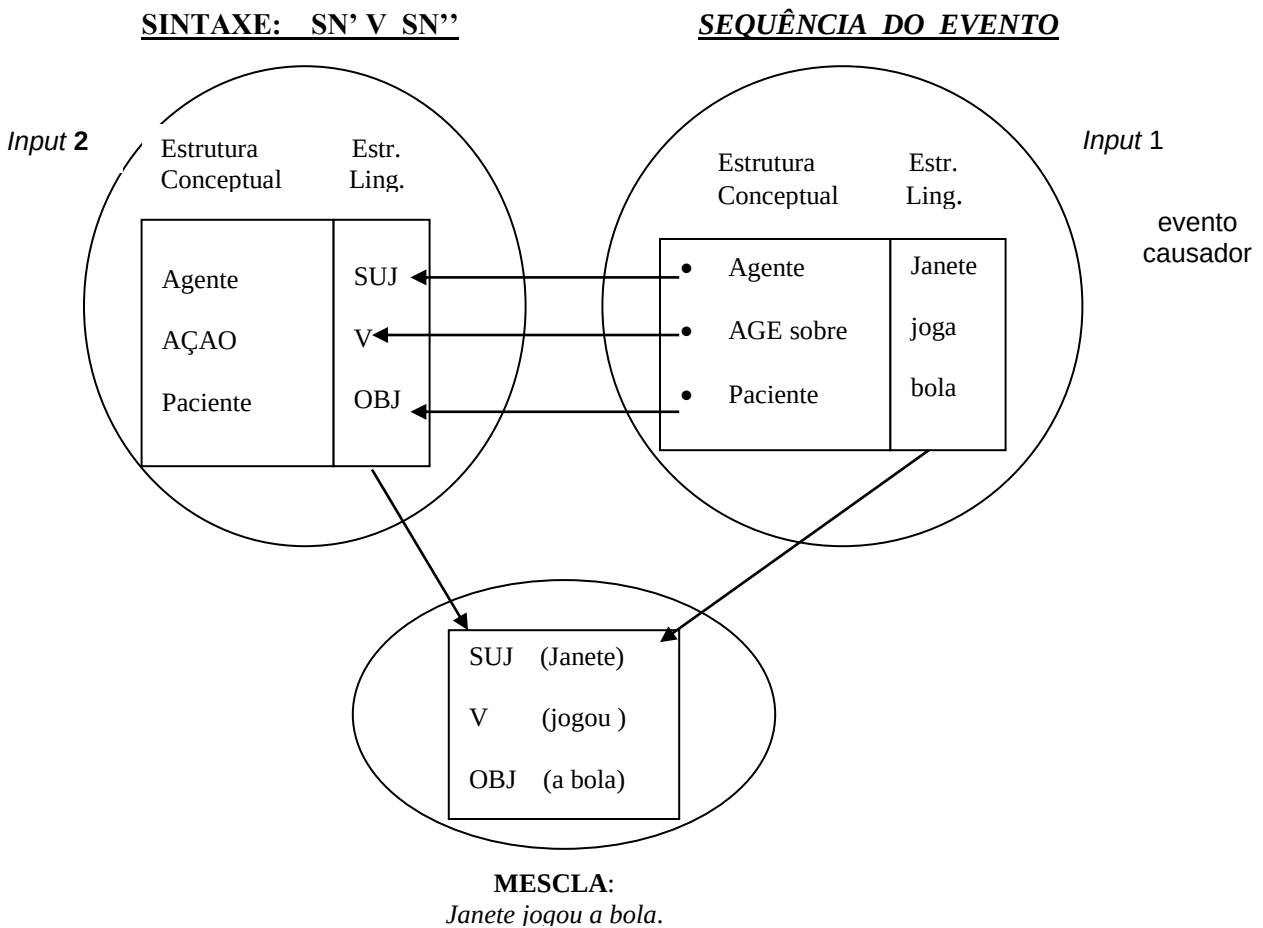


Diagrama 6: Construção transitiva básica

No *input 1*, temos um evento concebido no mundo, numa forma esquemática: há um agente (*Janete*) que age sobre um paciente (a bola). Os participantes desta cena têm um papel semântico genérico (agente, paciente, agir sobre) que pode ser preenchido por itens lexicais da língua como *Janete jogou a bola*.

No *input 2*, temos a Construção Transitiva Básica do Português esquematizada, em suas relações gramaticais (Suj V Obj) associada às relações semânticas correspondentes (Ag Ação Pac)

O mapeamento em contraparte entre os *input 1* e *2* desenha um enquadre lingüístico recortado sobre uma cena no mundo. Assim, a mescla faz emergir a construção sintática do PB em que o agente é associado à *Maria* no evento concebido e, sintaticamente, denotado pelo SUJEITO. O mesmo se reflete nos demais itens *jogar* e *bola*.

A operação de mesclagem, de acordo com a autora, tanto pode ser aplicada às sentenças mais simples da língua, quanto às mais complexas, tendo em vista, os aspectos já salientados acima.

2.4 A Afirmação do Poder Imaginativo da Mente Humana

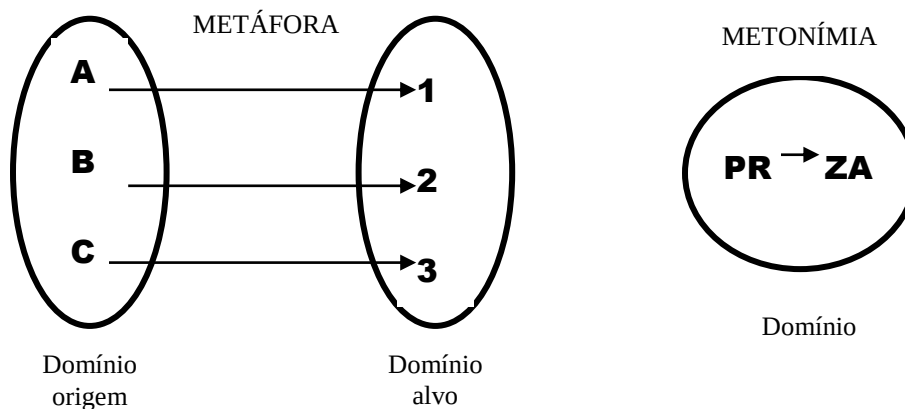
Uma das afirmações principais da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, em seu feixe de princípios, está, conforme já explicitamos, no caráter projetivo e imaginativo da cognição humana e, conseqüentemente, da linguagem. É nessa perspectiva que as projeções figurativas – metafóricas e metonímicas – passam a ocupar a cena contemporânea das ciências cognitivas.

Por dois milênios, metáforas e metonímias, foram conceituadas como simples figuras de linguagem, ligadas apenas à arte, poesia e retórica. A metáfora e a metonímia alcançam *status* epistemológico na Lingüística Cognitiva, ao serem (re)descobertas como capacidades cognitivas estruturantes do pensamento, linguagem e ações humanas (LAKOFF & JONHSON, 1987, p.11).

Forjadas a partir da interação do nosso corpo com o meio ambiente natural e social, essas projeções figurativas conceptualizam domínios da experiência mais abstratos e sutis em termos do que é mais concreto e imediato. Metáforas e metonímias são semelhantes, na medida em que representam uma conexão entre duas entidades em que um termo é substituído por outro, na medida em que ambas descrevem projeções conceptuais e sistemáticas de um domínio origem para um domínio–meta. A distinção que as separa reside, para alguns autores, num *continuum* metáfora-metonímia. Para outros, a distinção está na natureza de cada processo.

Em termos amplos, a distinção entre metáfora e metonímia situa-se na oposição entre a **similaridade** da primeira, e a **contigüidade** da segunda. Essas relações, explicitadas pelo modelo lakofiano (SILVA, 2003, p. 27), podem ser assim explicadas: a metáfora envolve domínios conceptuais (experenciais) distintos, projetando um domínio-fonte em um domínio-alvo, passando este a ser entendido em termos daquele, ao passo que a

metonímia envolve um mesmo domínio conceptual (experencial), em que um sub-domínio é focado em vez de um outro. Em outros termos, a metonímia se caracteriza por uma “salientação de domínios” (uma ativação mental de um sub-domínio pouco saliente (PR – ponto de referência) por referência a outro mais saliente (ZA – zona ativa)); já a metáfora, pela projeção entre domínios (LANGACKER, 1984; 1993, apud SILVA 2003, p. 27). O diagrama abaixo, tomado de SILVA (2003, p. 28), ilustra a distinção entre tais projeções:



Apesar da distinção posta entre metáfora e metonímia, a investigação contemporânea tem afirmado a integração freqüente entre ambas: metonímias dentro de metáforas (ou o contrário), ou uma sucedendo a outra, como mecanismo de extensão metafórica.

Esse achado teórico ganha reforço com o reconhecimento da naturalidade e ubiquidade das projeções figurativas (SILVA, 2003, p.36), sobretudo da metáfora, o que vai alavancar o estudo de que, antes fenômenos relegados à periferia, passam a ocupar a cena analítica da Lingüística contemporânea. Um exemplo desse caso são as redes polissêmicas-metafóricas, corriqueiras na linguagem, tanto no nível sintático, quanto no lexical – objeto do presente trabalho.

As projeções figurativas, especialmente a metáfora, quando tomadas no seu início, dentro da Teoria da Metáfora Conceptual, nos termos de Lakoff (1987), sofrem uma importante revisão crítica a partir da sistematização da teoria da Mesclagem. Nesta perspectiva, as projeções figurativas ganham um caráter menos linear e mais processual, tendo em vista a natureza das projeções e integrações conceptuais características do

processamento de produção e compreensão do fenômeno de significação humana (cf. seção 2.3.2 deste capítulo).

Desta maneira, as diferenças substanciais que emergem destas duas perspectivas sobre a metáfora podem ser assim resumidas: na Teoria da Metáfora Conceptual, o fenômeno é definido em termos unidirecional, pois a relação é entre domínios (domínio-fonte e domínio-alvo) e seu foco está na relação estabelecida entre domínios estáveis, enquanto que na Teoria da Mesclagem, o fenômeno é multidirecional, pois a relação é entre vários domínios (cf. seção 2.2.2) e o foco é no discurso *on line*, nos espaços mentais, nas novas conceptualizações que podem ser temporárias ou recorrentes. Desse modo, a teoria da mesclagem lança luz sobre o caráter dinâmico e rotineiro das projeções figurativas no pensamento e na linguagem.

2.4.1 A mente literária

É a partir das bases experienciais do pensamento humano e da linguagem, tidas como um dos pilares mais caros aos cognitivistas, que Turner (1996) concebe sua tese principal: a mente humana é literária e, nesses termos, precede a mente gramatical.

Assumindo uma perspectiva integradora da cognição humana em que experiência corporal, física e sociocultural instituem a base conceptual do pensamento e da linguagem, Turner (1996) evoca os **esquemas imagéticos**⁸ como proto-narrativas da mente humana.

De acordo com esta tese, experiências corporais, a exemplo de um simples deslocamento ou manipulação de objeto, recobririam pequenas histórias espaciais que se projetariam de instâncias mais concretas para instâncias mais abstratas, gerando as bases conceptuais da linguagem. Nessas micro-narrativas, envolvendo sempre eventos e objetos, alguns objetos são concebidos como seres animados. Esses seres animados são chamados por Turner (1996, p.20) de atores prototípicos. Dentro desta categoria, estão classificados

⁸ Esquemas imagéticos seriam “*gestalts* experienciais”, minimamente estruturados, que permitiriam a organização de um “número infinitamente grande de percepções, imagens e eventos”. Tais esquemas podem ser **dinâmicos** (TRAJETO) e **estáticos** (CONTAINER) (JOHNSON, 1987, p.29, apud BOTELHO, 2004).

entes humanos e animais, pois estes são dotados de movimento-próprio e são capazes de mover outros objetos e projetar sobre estes suas próprias sensações.

O movimento (*self-movement*) é percebido mediante esquemas imagéticos-dinâmicos. Segundo Turner (1996, p.22) “nós detectamos agentividade animada quando reconhecemos um esquema imagético de animacidade combinado a um esquema imagético de movimento causado. O ‘objeto causal’ em um esquema imagético de agentividade animada é compreendido como ATOR”.

É este esquema imagético de agentividade animada, corriqueiramente projetado em objetos (coisas), idéias e estados, que nos faz perceber essas entidades como objetos causais ou atores. É essa projeção e percepção de agentividade que dá origem ao que Lakoff & Johnson (2002) nomeiam como **metáfora da personificação**.

Essa capacidade que temos de “projetar história em histórias” é definida por Turner (1996, p.05) através do conceito de **parábola**. Definida pelo autor com um processo mental que combina história e projeção, a parábola entra no nosso sistema conceitual como um mecanismo básico de criação e compreensão de significados. Sua função primeira talvez seja a de configurar modelos mentais de *predição, avaliação, planejamento e explicação*, elementos fundamentalmente presentes nas histórias que contamos – e projetamos. Como salienta Turner (1996, p.14-15), “somos construídos, evolucionariamente, para aprender distinguir objetos e eventos e combiná-los em pequenas histórias espaciais na escala humana, de uma forma que seja útil para nós, dado o fato de que temos corpos humanos”.

Turner vai afirmar que essas micro-narrativas também estruturam esquemas gramaticais, nesse sentido, cada sentença é vista como uma projeção de uma micro-narrativa. Com esse respaldo, podemos entender o cerne literário da mente, incluindo as construções gramaticais. Este será, de fato, um ponto substancial em nossa proposta analítica apresentada no capítulo 04.

Vale ressaltar, por fim, que nos termos das teses defendidas por Turner (1996) a língua pode ser entendida com uma verdadeira *rede de micro-narrativas*, cuja função é nos guiar nas “arenas” de interação comunicativa.

Considerações Finais

Com a explicitação dos pressupostos teóricos que orientam o presente trabalho, podemos asseverar as diversas vantagens que uma abordagem construcional oferece para explicar os processos de configuração forma/sentido de um item lexical, seja este de que natureza for.

A primeira dessas vantagens respeita ao fato de que os constructos teóricos erigidos pela Lingüística Cognitiva – em seu conjunto de modelos e, em especial, pela Teoria dos Espaços Mentais e pela Gramática das Construções – são, de fato, mais eficazes para explicar não só as manifestações semântico-formais “comportadas” do fenômeno lingüístico, como também aquelas lançadas à periferia pelas abordagens tradicionais, por serem consideradas imprevisíveis.

Tal eficácia é imputada ao caráter processual, dinâmico, multidirecional que a Lingüística Cognitiva empresta a seus princípios e categorias e, em contraposição ao traço linear, estrutural ou algorítmico das postulações da tradição formalista.

Concebendo a linguagem (a gramática e o léxico de uma língua) como uma rede de integrações de forma e sentido (numa rede de construções) mobilizada pela nossa capacidade projetiva e imaginativa, fundada na cultura, a Lingüística Cognitiva, na vertente presentemente assumida, atribui ao significante o *status* restrito de pista acionadora dos complexos processos cognitivos, culturais e interacionais imbricados na significação. Tal perspectiva amplia as fronteiras da análise lingüística para além das formas (o mapa não é o território), para além dos grilhões dos princípios de previsibilidade absoluta e da transparência que aprisionam os sentidos. Incrustados nas cenas de interação humana, os sentidos, ainda que mapeados pelos padrões conceptuais/formais em grau relativo de previsibilidade, revelam o jogo vivo da linguagem.

É de posse desses fundamentos que nos lançamos na tarefa de desvelar, nos próximos capítulos, a gama de significações e usos das formações denominais agentivas em x-ista, buscando comprovar a hipótese de que tais formas se articulam em uma rede de construções polissêmicas.

3 UM BREVE PANORAMAMA DOS ESTUDOS EM MORFOLOGIA

No princípio era a Palavra; e a Palavra estava com Deus e a palavra era Deus.
João 1:1

*E da terra, o senhor Deus formou todos os animais do campo e todas as aves do céu;
e conduziu-os até junto do homem para ver como ele os chamaria;
e todos os seres vivos seriam conhecidos pelo nome que o homem lhes desse.*
Gênesis 2:19

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico sobre o desenvolvimento dos estudos no campo da Morfologia e do Léxico. Na primeira parte, focalizamos a reflexão sobre fenômenos dessa natureza, construída desde a Antigüidade Clássica até Contemporaneidade, demarcando os estudos da chamada tradição gramatical, os paradigmas estruturalistas e gerativistas (Hipótese Lexicalista) e, por fim, a abordagem construcional do léxico dentro da Hipótese da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002).

Na segunda parte, apresentamos propostas analíticas das formações em x-ista do Português do Brasil, desenvolvidas pela tradição gramatical e pela abordagem lexicalista na segunda metade do século XX.

Nesse percurso, algumas tensões marcam presença, tais como o pêndulo entre o universal e o particular como focos alternados nos distintos paradigmas e a centralidade da palavra ou do morfema na definição das questões da morfologia e do Léxico.

3.1 Estudos Morfológicos: da Antigüidade à Contemporaneidade

A especulação em torno da **palavra** tem origem remota em nossa cultura, confundindo-se, muitas vezes, com questões mais amplas como a origem do homem e da própria linguagem.

Na Antigüidade Clássica, a palavra constitui-se como objeto da preocupação tenaz dos filósofos desse período, a exemplo de Platão e Aristóteles. O primeiro, em seu diálogo

O *Crátilo*, discute o que é **correspondência** (*phýsis*/natureza) e o que é **arbitrário** (*thései*/convenção) na relação entre as palavras e o mundo; o segundo em sua obra *De Interpretatione*, defende que “as impressões e as coisas são as mesmas para todos os homens, ao passo que são as palavras que diferem ao representarem as interpretações”. (WEEDWOOD, 2003, p.26-27).

Essa tensão entre o que é correspondência e arbitrariedade na natureza da palavra perpassa, em linhas gerais, todo esse período, seja na diferença posta pelos Estóicos (séc. III-II a.C.) entre o *lógos* (enunciado significativo dirigido pelo pensamento racional), a *phone* (voz / substância física do *lógos*, privada de referência ou significado, que pode ser articulada ou não) e a *léxis* (forma/ representação escrita da *phone*), seja nas referências do filósofo, historiador Marcos Terêncio Varrão (116-127 d.C.) que, no estudo da gramática, estabelece duas dicotomias: o papel da natureza e da convenção na origem das palavras e a questão da analogia, da anomalia e da regulação do discurso (WEEDWOOD, 2003, p.57).

Na Idade Média, até por volta do século IX, embora a palavra ainda permaneça como objeto de investigação, ganha relevo o estudo da sua estrutura em termos de sílabas e letras. Por volta do século XII, registra-se o que pode ser considerado como uma análise IMPLÍCITA da palavra em termos de radical-terminação (ROSA, 2002, p.26).

No século XV, quando os estudos sobre as línguas vernáculas ganham força, o conceito de gramática analisado por Pedro Rombo (comentarista português do séc. XV-XVI) revela ainda a centralidade da palavra. Como podemos observar no seguinte fragmento:

A primeira parte da gramática é o conhecimento dos vocábulos. Onde cada vocábulo ou é um nome, ou é um verbo, ou um advérbio, denominando-se o vocábulo muitas vezes por *dição*. A segunda é a própria declinação. E a declinação é a manutenção do início e a variação da terminação. Declina-se o nome por suas declinações; o verbo, pelas conjugações; o advérbio não se declina. A terceira parte é a própria construção. E se faz por quatro maneiras, a saber: entre o substantivo e o adjetivo, entre o relativo e o antecedente, entre o suposto e o verbo e quando uma palavra exige outro depois de si. (ROSA, 2002, p.28)

Nesta definição, fica clara a preocupação com a palavra, dado que as duas primeiras partes da gramática estão voltadas para o estudo do vocabulário no que toca a sua classificação e à variação, deixando apenas a última para a construção, ou seja, para sintaxe.

Este modelo originário dos estudos filosóficos greco-romanos ainda continua presente nos atuais manuais de gramática das línguas, onde se vê cada palavra como uma unidade semântica (WEEDWOOD, 2003, p.51). Denominando este modelo de **palavra e paradigma**, tal modelo implica a analogia entre um padrão exibido nos paradigmas (listas) e a palavra (HOCKETT, 1954 apud ROSA, 2003, p.44). Nesses termos, um verbo é definido, por exemplo, a partir de sua terminação em um paradigma: cant-*ar* (1º), vend-*er* (2º) e part-*ir* (3º).

Até o Renascimento, como ressalva Weedwood (2003, p.81-82), a idéia de que uma forma podia ser derivada da outra, tão cara aos estudos lingüísticos a partir do século XVIII, fica praticamente inexplorada. Segundo a autora, estava fora de questão isolar unidades menores, como sugere a ausência de termos correspondentes a “raiz”, “radical”, “afixo”.

Com a descoberta de que o latim e o grego tinham raízes comuns no sânscrito (século XVIII) e o surgimento da Teoria Evolucionista (século XIX), uma nova onda investigativa se ergue em torno da busca de uma língua-mãe e do enigma da origem da linguagem. É nesse período marcado pelos *estudos históricos evolutivos* que, alavancada pela mesma preocupação, desenvolve-se a Gramática Comparada (ou Filologia ou ainda Lingüística Histórica e Comparada). Uma “tendência biologizante” ganha relevo neste período. Leibniz, grande filósofo da época, retoma a hipótese *monogenética* (postulação de uma única língua original) e lança a perspectiva de que o parentesco lingüístico era determinado pela proximidade geográfica (WEEDWOOD, 2003, p.87-88).

É nesta cena de efervescência dos estudos históricos evolucionistas que o termo *morfologia*⁹ surge, enquanto estudo dos aspectos formais da língua investigada. O

⁹ Atribui-se a criação do termo ao escritor e cientista alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832).

conceito de **raiz**¹⁰ é refinado neste momento, como podemos constatar na definição de Frans Bopp (1824):

Raízes são os elementos primitivos das palavras, não encontráveis como tais na língua, mas identificáveis a partir de formas derivadas deles que contêm uma base comum ou radical. (BOPP, apud WEEDWOOD, 2003, p. 92).

Essa nova perspectiva, em que a estrutura interna das palavras é reconhecida a partir da apreensão destas em **unidades mínimas** (raízes e afixos), é um prenúncio do que seriam as pesquisas do início do século XX.

Na primeira corrente de estudos lingüísticos do século XX, enfeixada pelo **Estruturalismo** de Ferdinand Saussure, embora a palavra continue em cena, sua compreensão parte da idéia de **signo** (unidade composta de duas faces: *significante* e *significado*). A Lingüística¹¹, enquanto ciência, é forjada neste período e é o *significante*, como uma das faces do signo, o objeto privilegiado de investigação. O resultado disto é o deslocamento da preocupação *diacrônica*, que primava pelo estudo histórico-comparativo, para uma preocupação *sincrônica*, o estudo da língua num “corte” de tempo.

Ainda na primeira metade do século XX, do outro lado do Atlântico, desenvolve-se o Estruturalismo Americano, que elege o **morfema** (átomo de som e significado) como seu objeto de pesquisa (ROSA, 2002, p.39). Um dos personagens principais desta escola, Bloomfield, define o léxico como o estoque de morfemas de uma língua (ROSA, 2002, p.50).

Preocupado com a busca e o estabelecimento destas unidades, com a ordenação e com os padrões que regem sua combinação, o estruturalismo americano se dedica à **questão da diversidade**, descrevendo um manancial de línguas indígenas, a fim de

¹⁰ As ferramentas para a análise morfológica das palavras foram desenvolvidas fora da tradição ocidental, entre os estudiosos judeus e árabes. “Conscientes, desde a época muito mais remota, do fenômeno da derivação (assim como nas ciências médicas e biológicas seu conhecimento estivera muito avançado), os estudiosos semitas dedicaram muito esforço à sistematização da morfologia de suas respectivas línguas”. Já pelo séc. X, o conceito de raiz – um núcleo consonantal invariável com um conteúdo semântico básico e estável – estava plenamente elaborado. (WEEDWOOD, 2003, p.83)

¹¹ O fim do séc. XIX e o início do séc. XX, assinalam também a introdução de um novo paradigma dentro das ciências, o modelo de sistema, instaurado pela Lingüística de Saussure e pela então nascente Sociologia de Durkheim, em que tanto a língua quanto a sociedade eram analisadas como sistemas, dirimidos numa determinada comunidade.

indutivamente alcançar as generalizações descritivas buscadas. A metodologia desenvolvida fica conhecida como **item-e-arranjo** e consiste em observar grupos de palavras, segmentá-las de modo a desvelar a concatenação de partes (morfemas) que a estruturam, marcada pela oposição parcial, tanto no plano da expressão como do conteúdo (teste de comutação ou substituição). Exemplificando tal abordagem analítica, temos :

Língua Asteca de Tecelcingo (México)

(1) nikwika - “eu canto”	{ni-}: 1p. sg.
tikwika - “você canta”	{ti-}: 2p. sg.
nikonis - “eu vou beber”	{kwika}: cantar
tikwikas - “você vai cantar”	{koni}: beber
	{-s}: futuro

A distinção entre morfologia e sintaxe, ainda que difusa, se coloca nos termos seguintes: a primeira era definida como a gramática interna das palavras e a segunda como o estudo de sua gramática externa e das seqüências das palavras, ou seja, uma morfologia baseada na análise sintagmática da palavra (Gleason Jr, 1961, apud ROSA, 2002, p. 38).

A noção de morfema como forma mínima significativa, ainda que central ao modelo, vai enfrentar muitos questionamentos. Para a *morfologia lexical*, a dificuldade se estabelece na relação do significado global das palavras com o significado de cada parte que a compõe, ou seja, com cada morfema (exemplos 2). Já a *morfologia flexional* enfrenta o problema da relação um-para-um (pareamento entre forma e sentido), noção subjacente à noção clássica de morfema (exemplo 3).

(2) referir	deferir	conferir	(3) amo
reduzir	deduzir	conduzir	

Os exemplos, retirados de ROSA (2002, p.68-70), ilustram esse território de dificuldades. Em (2), as raízes *-fer-*, *-duz* e *-ceb-* nos dados não possuem um significado em isolado, alcançando o sentido somente no ambiente das palavras; já em (3) a forma verbal *amo* pode ser segmentada em *am-o*, e poderíamos dizer que *-o* é o morfema de 1º Pessoa/Singular. Sabemos que essa marca é “condicionada” pelo IND./PRES., isto é, que não temos outro seguimento em *-o* no verbo AMAR. Esse *-o*, portanto, marca Pessoa/Número, mas também Modo/Tempo.

Na segunda metade do século XX, a noção de **palavra** como unidade básica ressurge. Desta vez, alavancada pelo **Gerativismo** que, ao impor o foco analítico centrado na sintaxe, passa a propor regras, operações algorítmicas aplicáveis a formas subjacentes ou teóricas, através do modelo que veio a ser denominado de **item-e-processo**.

O Gerativismo se impõe, enquanto tarefa, prover uma teoria lingüística capaz de explicar o desenvolvimento do conhecimento lingüístico dos indivíduos. Daí o redimensionamento dos estudos gramaticais e morfológicos. Ao postular a competência do falante em relação ao léxico da sua língua, o que importa não são mais as listas de unidades mínimas ou morfemas, mas sim a capacidade de relacionar os itens lexicais ao perceber a estrutura de um vocábulo (ROCHA, 2003, p. 30, apud BOTELHO, 2004).

Contudo, é preciso ressaltar que o centro da preocupação gerativista nunca foi a morfologia e sim a sintaxe. Tanto que nos primeiros momentos da teoria gerativa, o componente morfológico não tem espaço como um componente autônomo da gramática. Mesmo depois de reconhecido por Chomsky em *Remarks on Nominalization*, o componente morfológico, carreando os procedimentos formais e algorítmicos postos pela sintaxe, como as regras morfológicas, vai enfrentar sérias dificuldades com os fenômenos concernentes ao léxico. Assim, embora consiga dar conta de todas as formações morfológicas ditas “regulares”, deixa a descoberto os inúmeros casos de formações lexicais que, por trilharem caminhos imprevistos, são considerados como meras “exceções”, sem relevância para a teoria. Desse cenário de dificuldades é que emerge a distinção entre morfologia e léxico, posta por Rosa (2002, p.88) nos seguintes termos: a primeira é *definida como o que pode ser captado como generalizações acerca da estrutura das palavras* e o segundo, como *o que é imprevisível na formação destas*. É em busca de uma redefinição desses campos, de modo a costurar uma convergência com as

construções teóricas sociocognitivas anunciadas no capítulo anterior, que organizamos o percurso subsequente deste capítulo. As contribuições da Hipótese Lexicalista são o primeiro passo.

3.2 Um Enfoque Gerativista: a Hipótese Lexicalista

A principal contribuição da Hipótese Lexicalista, dentro do seio da tradição gerativista sintatocêntrica, foi abrir um espaço para a consideração dos fenômenos morfológicos ditos derivacionais.

Sabe-se que, no âmbito da Teoria Gerativa, a **Morfologia Derivacional**¹² esteve condicionada, inicialmente, aos mesmos princípios definidos para o nível sintático (MIRANDA, 1979). No entanto, tais princípios revelaram-se inadequados para o trato das inúmeras “irregularidades” presentes no componente morfológico, especialmente, daqueles que concerniam à produtividade, visto que, no nível sintático, esta se apresenta de modo regular e sistemático, enquanto que, no nível lexical, é parcial e esporádica.

Em razão desta impossibilidade de imprimir aos fenômenos morfológicos o mesmo trato transformacional dado à sintaxe, o componente lexical é separado dos outros níveis da gramática do falante, assim erige-se a Hipótese Lexicalista (historicamente principiada por Chomsky em “*Remarks on Nominalization*”, em 1970), que impõe aos lingüistas à tarefa de um modelo teórico capaz de descrever a estrutura do léxico com suas leis, princípios e restrições inerentes e possivelmente distintos dos demais componentes gramaticais (MIRANDA, 1979, p. 11).

Ao longo das tentativas de concepção de um modelo ideal e abrangente que explicasse as idiossincrasias do léxico, diversas propostas foram apresentadas, em busca do refinamento dos constructos lexicalistas. Nesta trajetória, podemos elencar as seguintes contribuições:

¹² Parte da gramática que descreve a competência do falante nativo em relação ao léxico de sua língua (MIRANDA, 1980, p.11).

- (i) Halle (*Prolegomena to a Theory of word Formation*, 1973): delineou coordenadas gerais para o estabelecimento de um componente morfológico, cuja composição consistia em: uma lista de morfemas, regras de formação de palavras e um filtro contendo as idiossincrasias lexicais;
- (ii) Jackendoff (*Morphological and Semantic Irregularities in the Lexicon*, 1975): fundamentou sua proposta na Teoria de Entrada Lexical Plena (listagem de entradas lexicais totalmente especificadas) e na postulação de Regras de Redundância (responsáveis por expressar as regularidades fonológicas e sintático-semânticas existentes entre os itens lexicais);
- (iii) Aronoff (*Word Formation in Generative Grammar*, 1976): propôs a distinção entre palavras existentes e palavras possíveis no léxico, postulando restrições que resguardam o estabelecimento de propriedades que regulam as Regras de Formação de Palavras (RFPs) e sua relação com as Regras de Análise Estrutural (RAEs);
- (iv) Basílio (*Aspects of the Structure of the Lexicon: evidence from Portuguese*, 1977): defendeu o léxico como uma lista de entradas lexicais organizadas de acordo com padrões relacionais de diversos tipos; encurtou a distância entre Morfologia Derivacional e Morfologia Flexional, quando reconheceu que a primeira apresenta um grau significativo de sistematicidade, embora não seja tão regular e sistemática quanto a segunda; e por fim, reconheceu as relações paradigmáticas como um traço básico do léxico.

Em resumo, os últimos modelos lexicalistas – (iii) e (iv) – conseguem ampliar as propostas anteriores, ao fornecer contornos mais precisos e capazes de forjar uma teoria lexical mais abrangente. É importante ressaltar, ainda, a contribuição do modelo de Basílio no que se refere ao deslocamento da unidade básica da Morfologia Derivacional. Ao invés de uma morfologia baseada em palavras ou radicais, como nos modelos antecedentes, ela apresenta como base *elementos detectáveis* dentro do léxico, sejam eles *bases presas* ou *livres*.

Após estas considerações, passemos à apresentação dos principais constructos que forjam a Hipótese Lexicalista, tendo em vista as análises, comparações e conclusões advindas e reunidas na pesquisa de Miranda (1979).

3.2.1 Regras de Formação de Palavras e Regras de Análise Estrutural

Regras de Análise Estrutural (RAE) e Regras de Formação de Palavras (RFP), vistas como processos comuns ligados à competência do falante, são construções fundamentais dentro da Hipótese Lexicalista. Estas regras são responsáveis diretas pela descrição e criação de novos itens lexicais. Podemos assim defini-las:

- 1) Regras de Análise Estrutural (RAE) implicam na capacidade que o falante tem de descrever processos a partir de palavras já existentes.
- 2) Regras de Formação de Palavras (RFP) podem ser definidas como uma operação efetuada sobre uma base, acompanhada de condições diversas sobre esta base e que resulta numa palavra nova, envolvendo certos elementos: um *input* (base), um *output* (palavra nova) e o acesso a informações sintáticas, semânticas e fonológicas.

A formalização dessas regras pode ser expressa da seguinte forma:

$$\text{R1: } \underset{\text{(A)}}{[X]} \rightarrow \underset{\text{(A)}}{[[X] \text{ } Y]} \underset{\text{(B)}}{\quad} \quad \text{(RFP)}$$

1. descreve a operação de uma RFP e significa que uma entrada lexical da categoria B pode ser formada pela adição do Y e uma base X;

$$\text{R2: } \underset{\text{(A)}}{[[X] \text{ } Y]} \underset{\text{(B)}}{\quad} \quad \text{(RAE)}$$

2. descreve uma RAE e significa que uma entrada lexical da categoria B pode ser descrita como sendo formada pelo acréscimo de Y a base X.

Basílio (1977 apud MIRANDA, 1979, p.24), revendo as proposições de Aronoff (1976), fortalece a distinção entre RFP e RAE e afirma que para cada RFP existe uma RAE correspondente, mas o contrário não é verdadeiro; afinal, *existem regras que descrevem estruturas de palavras sem se prestarem à formação de novos itens* (MIRANDA, 1980, p. 22). Um exemplo são as **regras de adoção do sufixo x –idão** (*gratidão, mansidão*), cujas construções fossilizadas são descritas por regras improdutivas e constituem, segundo Basílio, RAEs isoladas sem uma correspondente RFP.

Outra questão coloca-se sobre as RFPs. Para que estas possam operar diretamente sobre bases presas, é necessário que haja condições paradigmáticas especiais que propiciem ao falante condições de isolar tais bases e criar palavras novas – tarefa para as RAEs. Um exemplo de RFPs que atuam sobre bases presas são as **regras de adição do sufixo –ia e –ico** (*sociologia/sociológico*). Concluindo, se o falante reconhece redundâncias a ponto de usá-las na formação de novas palavras, então ele também será capaz de usá-las para descrever a estrutura das palavras.

Entretanto, dentro da proposta lexicalista, as regras morfológicas não são consideradas suficientes para descrever todas as relações previstas no léxico. Assim, dois novos padrões de relação lexical são propostos por Basílio, a fim de cobrir relações mais específicas do componente lexical:

O PADRÃO (a)

$$\begin{array}{ccccc} \text{(a)} & [X] & \rightarrow & [X] & \longleftrightarrow & [X'] \\ & A & & A & & B \end{array}$$

Motivado pelas nominalizações, este padrão geral traduz uma relação peculiar no léxico entre Verbos e Nomes, em que as correspondências de sentido e de traços contextuais vão ser garantidas à revelia do processo morfológico envolvido. Para a autora, tal padrão pode ser estendido aos pares de verbos/Agentivos e de Adjetivos/Nomes Abstratos, a exemplo de *criar/criação, agonizar/agonia*.

O PADRÃO (b)

$$(b) \ [XY] \longleftrightarrow [XW]$$

O padrão (b) é motivado pela existência no léxico de pares de RFPs tão intimamente associados que a formação de uma palavra do tipo XY faz prever uma palavra do tipo XW e vice-versa. Exemplo: *estruturalismo/estruturalista*.

3.2.2 Produtividade lexical

A preocupação lexicalista com a estrutura interna das palavras complexas e seu potencial de criação na língua vai levar ao estudo de uma questão relevante, considerada como um dos “mistérios” da Morfologia Derivacional, qual seja, a questão da produtividade lexical em seu caráter semi-produtivo (ROSA, 2002, p. 88-89).

Como produtividade lexical entende-se a parte da competência do falante responsável pela criação de novas palavras em sua língua. Tal capacidade está relacionada, mas não é necessariamente idêntica, à sua competência para analisar a estrutura dos itens lexicais existentes. Antes confundida com criatividade sintática, a produtividade passa a ser definida pelo seu caráter parcial e esporádico e sua efetivação, em vez de um jogo de acaso, passa a ser visto como resultado da interação de uma complexidade de fatores.

Cabe ressaltar que o fenômeno da produtividade lexical não pode ser identificado com um alto nível de ocorrência. As regras morfológicas, constituintes de seu arcabouço, é que seriam definidas como mais ou menos produtivas de acordo com a listagem maior ou menor que apresentam. E o que deve definir uma regra como produtiva é o fato de esta regra se prestar à formação de novos itens lexicais. Todavia, esta relação entre listagem e produtividade acaba por ser resguardada, possibilitando a postulação de propriedades concernentes à produtividade das RFPs que, nos termos propostos por Aronoff (1976, apud MIRANDA, 1980, p.30-31) são as seguintes:

- 1) Estabelecimento de uma relação entre restrições morfológicas de base de RFP e sua produtividade – o grau de produtividade de uma regra de formação de palavras está ligado aos tipos específicos de bases morfológicas em que esta opera;
- 2) Postulação de uma estreita relação entre coerência semântica e produtividade. Uma RFP é tida como semanticamente coerente desde que possamos prever o sentido das formas resultantes dela;
- 3) Estabelecimento da relação entre listagem lexical e produtividade. A chave desta conexão seria a noção de Bloqueio – a não ocorrência de uma forma considerada legítima devido ao fato de o léxico já dispor de outra forma com o mesmo valor – que evita a listagem de sinônimos numa mesma raiz, uma vez que a produtividade de um afixo em relação a uma determinada classe morfológica vai bloquear a produtividade de sufixos rivais em relação àquela classe.

Tais propriedades, ainda que consideradas de grande relevo para a Hipótese Lexicalista, não foram satisfatórias para explicar a complexidade da produtividade em termos de sua realização. A saída posta por Basílio (1977, apud MIRANDA, 1979, p.79) foi a costura da *relação entre paradigma e produtividade lexical*. Ao estender a noção de bloqueio de Aronoff (bloqueio sintagmático), Basílio alcança os vários níveis dos padrões derivacionais gerais, como é o caso da relação paradigmática geral do tipo Adjetivo/Nome (*belo/beleza*) abstrato. Assim as formações em x-ista seriam bloqueadas pelas demais regras produtivas do mesmo padrão relacional. A partir desta possibilidade, a autora propõe a *Hipótese do Bloqueio Paradigmático*, estrategicamente capaz de prever a improdutividade de uma regra morfológica.

Em sua definição de Bloqueio Paradigmático, Basílio (1977, apud MIRANDA, 1979, p.60) vai ampliar as noções de *transparência* e *opacidade*, assim redefinindo:

Uma regra é transparente quando qualquer de suas formas tem a composição fonética, a função e/ou o significado de seu sufixo definidos sem qualquer ambigüidade, assim como as classes de base com as quais este sufixo se combine.

Ou seja, uma regra é transparente quando podemos prever não só o sentido de qualquer forma que dela resulte, como também as informações fonéticas e sintáticas a

respeito do sufixo e da base. A ausência de uma destas condições vai determinar o grau de opacidade da regra morfológica, nos termos dos seguintes princípios:

- 1) Regras morfológicas transparentes deverão ser produtivas desde que outros fatores não intervenham, bloqueando a produtividade;
- 2) Regras morfológicas opacas estarão marcadas pela improdutividade ou por uma produtividade restrita, dependendo do grau de opacidade.

De posse destes fundamentos, podemos compreender a resposta que os lexicalistas fornecem acerca da formação de palavras. No caso dos agentivos, e particularmente das formações em x-ista, foco do presente estudo, a ausência das condições de *transparência* implica o reconhecimento de um processo de formação de palavras opaco e a um só tempo produtivo vai gerar um nó analítico para abordagem lexicalista. A solução será, como veremos nas seções seguintes, a postulação da HOMONÍMIA, de modo a garantir a validade de aplicação de procedimentos algorítmicos (as RFPs) na configuração desses agentivos.

3.3 O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico

Em artigo intitulado *O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais* (Veredas, 1997), Basílio reconhecendo o alcance limitado das RFPs no processo de formações de palavras que fogem aos ditos “padrões regulares”, examina a pertinência de se adotar o Princípio da Analogia (PA) em lugar dessas regras. A autora, confrontando o poder explicativo desses dois constructos, acaba por afirmar a superioridade do Princípio da Analogia nos seguintes termos: enquanto todo produto de uma RFP pode ser explicado via PA, o inverso não é verdadeiro. Assim a postulação de um ou de outro implica em conseqüências diferentes. Exemplos de formações analógicas do Português do Brasil que estariam fora do alcance das RFP, são arrolados pela autora, tais como: *panelaço, businaço, apitaço*; ou *carreata, tratorada, passeata*. Para além

desses exemplos, um conjunto de evidências significativas é posto pela autora de modo a reforçar a pertinência do PA. Para ela, a escolha de um princípio geral no trato dos fenômenos de produção lexical é teoricamente mais relevante do que a postulação de regras particulares.

Ao optar pelo PA, no entanto, a autora pontua uma preocupação teórica. Como o mecanismo da analogia é um princípio lógico e não especificamente lingüístico, teríamos o princípio fundamental da expansão do conhecimento lexical como um mecanismo geral cognitivo e não especificamente lingüístico, o que contraria a teoria gerativa em seu pressuposto modularista.

Para a presente dissertação, no entanto, a postulação do PA, não se coloca como um problema; pelo contrário, tal caminho só fortalece as teses sociocognitivistas, respaldadas na visão de linguagem como um dos modos da cognição. Para a Lingüística Cognitiva a analogia é um tipo de relação conceptual – uma **relação vital** – fortemente reiterada nos processos de compressão em mescla. Assim, dentro desse olhar integrador da cognição e da linguagem defendido pela perspectiva construcional, posta como arcabouço teórico-analítico do presente estudo, o caminho apontado por Basílio sinaliza, acima de tudo, a possibilidade de busca de constructos teóricos para a Morfologia Derivacional, pensados fora da lógica estreita e fechada das regras algorítmicas gerativas.

3.4 O Léxico com Arquitetura Paralela: a proposta de Jackendoff

Contrapondo-se à hipótese gerativista em sua visão sintatocêntrica, a Hipótese da Arquitetura Paralela proposta por Jackendoff (2002) postula a existência de múltiplas fontes geradoras da gramática. Tais fontes seriam configuradas pelo conjunto dos subcomponentes lingüísticos, a saber: fonológico, sintático e semântico-conceptual, e o seu funcionamento aconteceria de modo paralelo, combinando-se para forjar um dado item lexical. Em decorrência dessa perspectiva, o autor propõe uma estrutura **tripartite** para o específico lingüístico, a qual denomina como a *Gramática* (JAKENDOFF, 2002, p.125). A hipótese prevê ainda uma interação entre esses subcomponentes e a postulação de

componentes de interface. O léxico, nesses termos, seria o componente de interface do específico lingüístico, enquanto, o componente fonológico e o semântico, além de interface com o específico lingüístico teriam, respectivamente, interface com os processos de audição e articulação e com os processos de percepção e ação. Essas relações de interface podem ser observadas no diagrama abaixo:

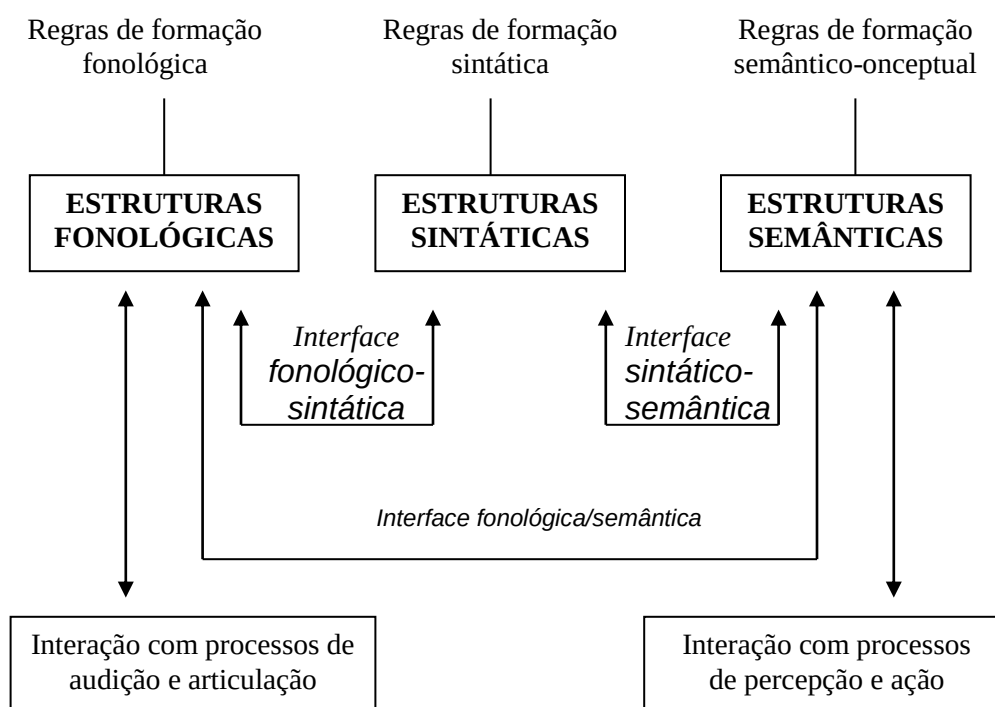


Diagrama 7: Modelo paralelo tripartite (JACKENDOFF, 2002, p. 125).

Diferente das abordagens formalistas anteriores, o componente lexical e a morfologia em Jackendoff (2002) são reconhecidos à luz de suas múltiplas faces, tendo em vista a distinção, a aparente irregularidade dos elementos que esses abarcam. Mas, antes de entrarmos nessas particularidades, inerentes ao léxico e a morfologia, se faz necessário uma breve consideração.

Os modelos que antecederam essa nova visada de Jackendoff (2002), ao delimitarem os objetos de análise da morfologia e do léxico, sempre esbarravam numa dificuldade intransponível: ao privilegiarem a *palavra*, conseguem dar conta da parte irregular da morfologia, deixando para o léxico os exemplos idiossincráticos, impossíveis

de serem submetidos a regularidades; no entanto, quando privilegiavam o morfema, por sua vez, conseguiam responder às questões regulares da morfologia, e novamente, relegando ao componente lexical os elementos imprevisíveis (JACKENDOFF, 2002, p.161)

Jackendoff (2002, p.153-154) opta, em primeiro lugar, por considerar a distinção entre o conceito de **palavra** (padrão fônico, dicionarizável que possui um padrão gramatical, como N, V, A, P, C, F, etc) e de **item lexical** (unidade armazenada na memória de longo-termo (MLT) que pode ser menor ou maior que uma palavra). Essa distinção posta pelo autor pode ser sumarizada nas seguintes hipóteses (SALOMÃO, 2004,P.13):

- (1) Itens lexicais podem ser maiores e menores que as palavras;
 - afixos (*x-ista*)
 - expressões idiomáticas (*quebrar o galho*)
 - fórmulas interacionais (*De nada*)
 - marcadores discursivos (*Por falar nisso*).
- (2) Nem todas as palavras gramaticais são itens lexicais;
Palavras idiomáticas não serão necessariamente registradas como itens lexicais, mas sem dúvida é necessário diferenciar:
 - *muito* em *Muito obrigado* (que pode tornar-se *Muitíssimo obrigado*)
 - *toda* em *toda forma* (invariável)
- (3) Existem itens lexicais complexos sem substância fonológica e/ou semântica (“itens lexicais defectivos”);
 - sujeitos nulos, anáforas (no primeiro caso)
 - expressões idiomáticas (sua realização composicional não tem sentido)
 - padrões sintáticos (SN AUX SV)
- (4) Muito do que se denomina como “regras de gramática” é, na verdade, um item lexical;
 - padrões sintáticos (SN AUX SV)
 - [N + ista]

- (5) A GU pode ser formulada como um conjunto de itens lexicais abstratos que insemnam o processo de aprendizagem.

No modelo posto por Jackendoff (2002), todo conhecimento lingüístico armazenado na memória de longo-termo é parte do léxico; são **itens lexicais**. Assim, dentro da Hipótese da Arquitetura Paralela, o léxico deixa de ser o lugar do conhecimento, das idiossincrasias, para ser o lugar do conhecimento, da idiomatidade, regulado por regras e princípios que apresentariam naturezas específicas, assim definidas:

- (a) **Princípios de combinação livre:** agrupam princípios de combinação livre e princípios que constroem *output* maiores, do tamanho ou menores que uma palavra no léxico, nesses termos refere-se a noção gramatical de palavra (JACKENDOFF, 2002, p.158). São marcadas pela regularidade e produtividade;
- (b) **Regras de redundância lexical:** aplicadas ao léxico, essas regras são caracterizadas por produtividade e regularidade parciais, expressando generalizações nas relações entre pares de entradas lexicais. (JACKENDOFF, 2002, p.159), ou em outros termos, restrições sobre padrões admissíveis.

Tendo em vista que no léxico existem elementos armazenados que podem ser generalizados (como a regra geral de formação do plural: acréscimo do –s) e outros que não possuem tamanho alcance, mas, ainda assim, são produtivos (formação de Agentivos a partir de Nomes – objeto do presente estudo), Jackendoff (2002) propõe uma nova ordenação para os fatos morfológicos dada a especificidade dos elementos que abarcam. Assim, em lugar da tradicional divisão entre Morfologia Derivacional e Flexional, o autor assume a seguinte tipologia:

- (i) MORFOLOGIA PRODUTIVA: responde às regras de formação lexical, introduzindo um conjunto fechado de informações (tempo, pessoa, aspecto,

modalidade); é gramaticalizada e regular, exceto quando formas irregulares são bloqueadas por algum tipo de restrição. Não se restringe à chamada “morfologia flexional”; comparece, também, na “morfologia derivacional”. Exemplos de sua natureza podem ser verificados na morfologia flexional com a regra de acréscimo do –o para marcar a 1ª pessoa do presente do indicativo (am-o, cant-o, fal-o); e na morfologia derivacional com a formação do advérbio em que se tem o acréscimo do sufixo -mente aos adjetivos (*feliz/felizmente; lindo/lindamente*), restringido, contudo, a algumas categorias, como é caso das cores (**vermelho/vermelhamente; *azul/azulmente*);

- (ii) MORFOLOGIA SEMI-PRODUTIVA: marcada por regularidades parciais ou padrões combinatórios possíveis, seus *outputs* devem ser listados, pelo menos em parte, na memória de longo-termo, pois não podem ser produto de livre combinação, dado que os elementos dessa morfologia respondem às regras de redundância lexical. Um exemplo desse caso é a relação entre pares de Verbos/Nomes (*construir/construção, poluir/poluição*).

Os itens lexicais, no entanto, sejam do mais simples aos mais complexos, a exemplo de padrões sintáticos “defectivos”, respeitam certas condições de licenciamento e armazenamento presentes no componente lexical, podendo existir, assim, de várias formas: signos portadores de significado/significante, signos sem realização fonológica, signos sem expressão semântica e signos sem realização fonológica e semântica (JACKENDOFF, 2002, p.131-132).

Posta nestes termos descritos, a hipótese da arquitetura paralela, incorpora o conceito de construção (Gramática das Construções), alargando-o e flexibilizando para abarcar os padrões ou construções “defectivos”. A perspectiva de uma teoria heterogênea para o léxico, com signos de diferentes naturezas é fundamental para Jackendoff (2002, p.131). Nesses termos, o autor nega a idéia de *hierarquia de heranças*, tão cara às teorias formalistas, as quais reservavam aos itens lexicais o papel de enxertar “lugares” nas derivações sintáticas. Para o autor, os itens lexicais estabelecem a correspondência de certos constituintes sintáticos com as estruturas fonológica e conceptual em sua estrutura tripartite (JACKENDOFF, 2002, p.131). Ressalta ainda que não basta apenas explicar o

repertório de possíveis elementos sub-lexicais de uma língua. Para o autor é preciso desvelar as combinações, ou seja, a constituição desses itens lexicais pela competência do falante.

A adoção da hipótese de Jackendoff (2002, p.185) no presente trabalho, além de se encontrar respaldada no acima exposto, leva em consideração dois elementos cruciais, a saber: o primeiro está na perspectiva que o autor tem acerca da idéia de **construção**. Como pareamento de forma e sentido, armazenado no léxico, Jackendoff entende a construção como um padrão altamente flexível e recorrente e, diferentemente de Goldberg (1995), a considera aberto e livre de hierarquias de heranças (aspecto formal) que não estão presentes no cérebro, no qual existem apenas heranças; e o segundo, ao considerar as condições de aprendizagem como indispensáveis ao desenvolvimento lingüístico (o que converge com os postulados de Tomasello (2000, apud JACKENDOFF, 2002, p.191).

Para encerrar essa seção, salientamos que a exploração da proposta de Jackendoff acontecerá com rigor no próximo capítulo, por hora, apresentaremos algumas respostas acerca da formação dos agentivos em x-ista no Português do Brasil.

3.5 Formações Agentivas em –ista: Estudos no Português do Brasil

De posse dos fundamentos arrolados até aqui, no que concerne ao desenvolvimento das teorias acerca das pesquisas morfológicas e lexicais, passamos, nas próximas seções, a apresentar as respostas que a tradição gramatical e a Hipótese Lexicalista, fornecem para o processo de formação de agentivos em x-ista.

A contribuição descritiva em termos sincrônicos e etmológicos posta pelos dicionários será o nosso ponto de partida, tendo em vista a cartografia dessas perspectivas.

3.5.1 A contribuição dos dicionários no estudo do sufixo –ista

O Dicionário Etimológico *Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1986) traz o seguinte histórico do sufixo –ista, bem como suas acepções:

-ista. Suf. Nom. (cast. –ista = ita. –ista = fr. –ista = ing. –ist = ale. –ist). Derivado do grego –istês (>latim –ista) que já se documenta em vocabulários formados no próprio grego (como batista) e em numerosíssimos outros criados nas línguas modernas de cultura, alguns dos quais, particularmente do francês e do inglês, serviram de modelos para a formação de inúmeros derivados portugueses (como empirista < fr. *empiriste*, egotista < ing. *egotist*). E atesta a sua grande vitalidade na língua portuguesa, o sufixo –ista (tal como –ismo, com que forma, habitualmente, pares do tipo comunismo/comunista, salazarismo/salazarista etc) participa também da formação de derivativos de cunho nitidamente popular e conotações irônico-pejorativas bem acentuadas (machista, punquista). Os derivados em –ista designam, preferencialmente: (i) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas artísticos (academicista, simbolista), filosóficos (marxista, positivista), políticos (getulista, lacerdistas), ou religiosos (budista umbandista); (adeptos de divertimentos, esportes, etc.(futebolista, turfista); (iii)profissão, ocupação, ofício (dentista, pianista); (iv) nomes pátrios e gentílicos (paulista, sulista).

Já o dicionário Houaiss (2001) explica o sufixo -ista a partir da referência do verbete “-ismo”. Além de trazer brevemente sua etimologia, avança sua relação paradigmática tanto com o -ismo quanto -ístico, como podemos atestar na seguinte descrição:

-ismo Suf. Do gr. –ismós, formador de nome de ação de verbos em –izō e, às vezes pelo lat. –ismus, donde: gr. *Katekhizō:katekhismós* / port. *Catequizar: catecismo* [...];cumpre notar que, no port., tal processo tornou-se expressivo tb. no sentido inverso, -ismo:-izar, (*bolchevique: bolchevizar*); em form. mais recentes, o suf. –ismo foi, primeiro, usado em medicina para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico: *absintismo, alcoolismo, iodismo* [...]; no curso, ainda, dos s. XIX e do s. XX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu der. em –ismo; a isso se acresceu que o suf. gr. –istês > port. –ista, masc. e fem. como em gr.; foi associado a ele para designar o adepto, aderente, seguidor, partidário; por fim, a ambos os suf. se agregou um terceiro, adjetivo, por soma do suf. –ista + -ico, formador de adjetivos (-ístico/a), formando uma constelação sufixal em que a ocorrência de um deles tem função paradigmática com a dos outros numa cognação, isso, entretanto, não quer dizer que a constelação -ismo/-

ista / -ístico tenha existência concomitante e automática (*pianista / pianístico/ *pianismo*) [...].(p.1655)

Como se pode constatar, ambas as fontes apontam a origem do verbete -ista como um derivado do grego (-ismós), bem como seus correspondentes em outros idiomas e sua produtividade na formação dos agentivos. O reconhecimento da regularidade do padrão x-ismo/x-ista no Português é a principal contribuição de ambos os dicionários. Outro ponto é o fato de esses dicionários reconhecerem, a existência em linhas gerais, dos mesmos agrupamentos semânticos para as formações em x-ista (ofício e adesão).

3.5.2 Formação dos agentivos em x-ista: a tradição gramatical

Dentro da tradição gramatical, o processo de formação lexical em -ista, assim como qualquer outro processo similar, recebe tratamento bastante fragmentário. A Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (CEGALLA, 1980) é um exemplo disso. Em um capítulo de Morfologia, nomeado como “Estrutura das palavras”, -ista é um tipo de afixo (sufixo) tido como elemento secundário na estrutura da palavra. Em outro capítulo, “Formação de Palavras”, um quadro tipológico dos processos de formação de palavras (por derivação ou composição) aponta a participação dos sufixos no chamado processo de derivação sufixal. Um terceiro capítulo, nomeado “sufixos” apresenta, por fim, uma lista dos principais sufixos nominais (onde -ista aparece) e verbais.

É desta lista, mais ou menos simplificada, que emerge, nestes manuais, a descrição semântica do sufixo -ista, como formador de palavras com o sentido de “partidário, ocupação, ofício”, como *comunista* e *maquinista*.

Esta descrição semântica, abarcada por esse sufixo, é tão marcada que não encontramos divergências nesses manuais de gramática. Exemplo disso são a “Nova Gramática do Português Contemporâneo” de Cunha & Cintra (1985, p.96) e da “Gramática Secundária da Língua Portuguesa” de M. Said Ali (1969, p.111-112), em que encontramos, grosso modo, a mesma definição, como podemos observar, respectivamente, abaixo:

(1) SUFIXO –ista:

(i) partidário ou sectário de doutrinas ou sistemas (em – ismo), sejam eles políticos, religiosos, filosóficos ou artísticos: *realista, simbolista, Kantista, positivista, federalista, fascista, budista*.

(ii) ocupação, ofício: *dentista, pianista, neurologista, tenista*.

(2) SUFIXO – ista:

sufixo de origem grega que designa, relativamente aos nomes de doutrinas em – ismo, os seus sectários, bem como os atos de acordo com elas: *bramanista, gongorista, socialista*, etc... Também serve o sufixo –ista para designar indivíduos cuja ocupação se relaciona com o objeto a que se refere o termo derivante: *flautista, florista, telefonista, folhetinista, maquinista, latinista, dentista, acionista*, etc”.

Esta definição do sufixo x-ista ainda pode ser encontrada na “Gramática Fundamental da Língua Portuguesa” de Gladstone Chaves de Melo (1968, p.106) e nos “Estudos Práticos da Gramática Normativa da Língua Portuguesa” de J. Nelino de Melo (1968, p.35). Este último define o -ista como um sufixo nominal, formador de substantivo ou adjetivo e como designativo de agente.

Ainda que dispersas e pouco reveladoras dos segredos contidos nas formações em x-ista, as descrições gramaticais são indicações de comportamentos morfossintáticos, *insights* semânticos de validade empírica que não serão desprezados em nossas análises.

3.5.3 A configuração dos agentes em x-ista: a resposta lexicalista

Miranda (1979), assumindo uma perspectiva lexicalista de análise, reconhece que as formas agentivas em –ista se dividem em dois grandes grupos, podendo ser compreendidas através das seguintes paráfrases: (1) ‘*partidário de x-ismo*’ e (2) ‘*especialista em X*’, como podemos constatar nos exemplos que se seguem:

GRUPO 1

‘partidário de X’

*estruturalista
absolutista
vanguardista
simbolista
futurista
marxista
getulista*

GRUPO 2

‘especialista em X’

*neurologista
patologista
musicista
semanticista
psicanalista
ginecologista
traumatologista*

Entretanto, Miranda (1979, p.64) ressalta que existem algumas particularidades em relação ao grupo 2. Assim, os agentivos que têm na sua formação a base com o traço semântico /-concreto/ respondem perfeitamente à paráfrase proposta (*‘especialista em X’*). Mas, quando a base apresenta um traço /+concreto/, a especificação de sua característica vai depender das particularidades sintático-semânticas denunciadas no radical da forma em questão. No entanto, segundo a autora, isto não chega a comprometer o sentido geral do grupo 2, como evidenciam os exemplos abaixo:

pianista:	<i>‘que toca piano’</i>
tratorista:	<i>‘que dirige o trator’</i>
tenista:	<i>‘que joga tênis’</i>
ensaísta:	<i>‘que escreve ensaios’</i>
romancista:	<i>‘que escreve romances’</i>
figurinista:	<i>‘que desenha figurinos’</i>

Além da distinção presente no que toca à composição do sentido geral dos agentivos em -ista, diferenças no comportamento sintático destas formações são apresentados nos termos que passamos a sumarizar:

GRUPO 1

Os agentivos deste grupo têm como **forma de base** as categorias Nome e Adjetivo, dispostos nas seguintes subcategorizações (Miranda, 1980, p.66):

1. Nome [- concreto] 2. Adjetivos

Nome [-comum]

Como mostram, respectivamente, os exemplos abaixo:

1. Nome [- concreto]

vanguarda / vanguardista
esquerda / esquerdista
futuro / futurista
abolição / abolicionista
reforma / reformista

Nome [-comum]

Marx / marxista
Getúlio / getulista
Jango / janguista
Lenin / lenista
Kant / kantista

2. Adjetivos

sindical / sindicalista
real / realista
concreto / concretista
humano / humanista
moderno / modernista

A autora faz ainda uma pequena consideração em relação à divisão dos Nomes nas duas subcategorias semânticas: [-concreto] e [-comum]. Os agentivos que apresentam o traço [-comum] em suas bases, no caso nomes próprios, funcionam do mesmo modo que os agentivos que apresentam o traço [-concreto], pois enquanto nomes de personalidades de destaque, tais formas representam idéias (Miranda, 1980, p.67).

Os agentivos desse grupo podem funcionar tanto como adjetivos quanto nomes, como ilustram os exemplos abaixo:

1. Os **gerativistas** são ferrenhos defensores da supremacia sintática.
(Nome)
2. As teorias **gerativistas** sofreram um abalo com o advento do Cognitivismo.
(Adjetivo)

GRUPO 2

Neste grupo, a base é composta sempre pela categoria sintática de Nome, e suas subcategorizações semânticas estão especificadas nos traços de [+concreto] e [-concreto]. Contudo, como esse último traço está presente também no GRUPO 1, é proposta uma nova distinção entre os nomes abstratos dos dois grupos. Miranda (1979, p. 69), aponta o traço de [+especialidade], pois esse está presente em todos os nomes abstratos do GRUPO 2 e nenhum no GRUPO 1. Vejamos esta distinção nos subgrupos abaixo:

Nome [+concreto]

piano / pianista
paisagem / paisagista
trator / tratorista
flauta / flautista
concerto / concertista

Nomes [-concreto]
 e [+especialidade]

ortopedia / ortopedista
oncologia / oncologista
patologia / patologista
logopedia / logopedista
anatomia / anatomista

O grupo 2 tem função única de Nome, como atestam os exemplos abaixo:

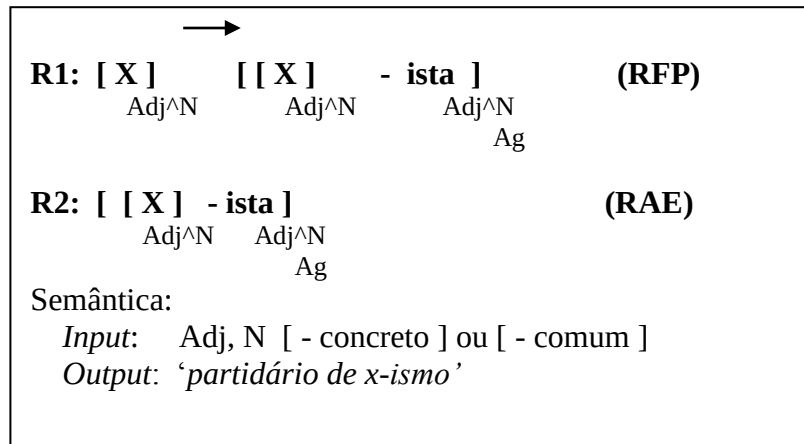
3. Os **oftamologistas** do SUS estão em greve.
 (Nome)

4. * O SUS contratou um SN **oftamologista**.
 (Adjetivo)

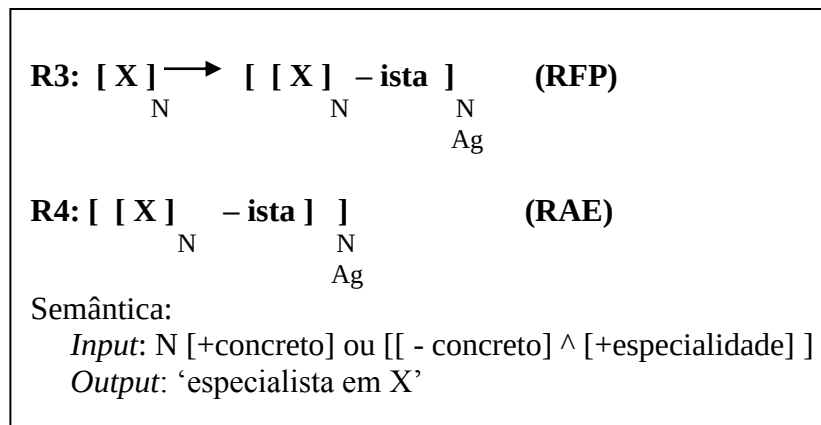
Diante das distintas configurações semântico-formais dos grupos 1 e 2, Miranda (1979, p.69) vai apresentar a seguinte proposta: os agentivos em –ista são formados por meio de **dois processos homônimos**, mas distintos, formalizados a partir de uma RFP e sua correspondente RAE, dentro dos termos abaixo:

INPUT	OUTPUT
Grupo 1 a. Adjetivo Nome [-concreto] ou [-comum] Grupo 2 b. Nome [+concreto] ou [[-concreto] ^ [especialidade]]	Grupo 1 a. Nome ou Adjetivo semântica: ‘<i>partidário de –ismo</i>’ Grupo 2 b. Nome semântica: ‘<i>especialista em X</i>’

Assim, teremos as seguintes regras subjacentes às formações em –ista do **grupo 1** (*janguista, chargista, gerativista*):



Para o grupo 2 (*ecologista, surfista, pianista*), as regras postuladas são as seguintes:



Para concluir sua investigação, Miranda reflete sobre as implicações da postulação a homonímia, para as formações em x-ista. Tal solução teórica implica contra a relação entre *transparência* e *produtividade*, proposta por Basílio (1977) que determina: “quanto mais transparente a regra mais produtiva ela será” (cf. seção 3.2.1). Nesses termos, as regras de adição do sufixo -ista, mostram-se opacas e a um só tempo produtivas, o que pareceria, em princípio, uma contra evidência ao princípio da relação entre opacidade e produtividade.

Diante deste obstáculo, e a fim de solucionar o problema, Miranda (1980, p. 73) propõe o acréscimo de uma especificação à definição da relação entre opacidade e produtividade:

Uma regra pode se manter transparente, mesmo quando a composição fonológica do sufixo que ele adiciona é idêntica ao sufixo adicionado por outra regra, contanto que a especificação sintático-semântica da base e do produto da regra impeça a identificação do sufixo desta regra como o sufixo da outra.

A autora conclui fortalecendo os processos formadores de agentivos em -ista através do oferecimento de uma evidência adicional, qual seja, a relação paradigmática x-ista/x-ismo. Esta relação prevê que, para cada forma em x-ista, existe um correspondente x-ismo, e o inverso também é possível. Para a configuração desta relação paradigmática, a autora propõe um padrão subjacente [XY] <-> [XW], exposto na seção 3.2.1, no qual *temos expressa a relação entre duas entradas lexicais formadas por duas RFPs sistematicamente relacionadas* (Basílio, 1977, apud MIRANDA, 1980, p.74). Em relação ao paradigma em questão, podemos formalizá-lo da seguinte maneira:

$$\begin{array}{ccc} [X - ISMO] & < - > & [X - ISTA] \\ N & & \begin{array}{l} \text{Adj.N} \\ \text{Ag} \end{array} \end{array}$$

Com o reforço deste padrão paradigmático, Miranda afirma que a postulação de duas regras distintas para os agentivos em x-ista é assim consubstanciada; se fosse o contrário, um processo morfológico único, não poderíamos explicar a relação x-ista / x-ismo.

Ainda neste trabalho, Miranda (1979) conclui que existe uma pirâmide funcional que ordena tais regras, restringindo sua produtividade por meio de demarcação de *status* social. É esta pirâmide que irá determinar a relação de uma ‘quase’ distribuição complementar entre tais sufixos, em meio à concorrência dos paradigmas.

Em linhas gerais esta configuração é posta da seguinte forma:

- (i) os agentivos em x-o, pico da pirâmide, possuem primazia na linguagem científica, espaço extremamente seletivo, controlado e que envolve atividades de pesquisa. Exemplos: *sociólogo, psicólogo, geógrafo, geólogo, odontólogo*, etc.

- (ii) os agentivos em x-ista determinam “*especialidade intelectual*” adquirida, normalmente, nos meios acadêmicos, cuja escolha recai em atividades socialmente prestigiadas. Exemplos: *jornalista, violonista, ginecologista, novelista, odontologista*, etc.
- (iii) os agentivos em x-eiro determinam “*um fazer em relação a algo*”. Como este *fazer*, normalmente, implica numa prática de manipulação física sem, necessariamente, estar ligada a uma especialização, sua escolha recai em atividades pouco prestigiadas socialmente. Exemplos: *jornaleiro, violeiro, motoqueiro, noveleiro*, etc.

No que concerne à produtividade, o falante marca sua preferência pelas formas em x-ista, em detrimento do x-o, a não ser para as formas já cristalizadas na língua. Isso porque, dentro do Português, é sabido que existe uma tendência fonológica que recai sobre o padrão paroxítono de formação das palavras. Um exemplo claro são os surgimentos das novas especialidades médicas constituídas com a adição do sufixo x-ista, a exemplo de *proctologista, urologista*. Só mesmo o meio científico prima pelo uso do x-o, a despeito dos *fatores lingüísticos desfavoráveis à regra*. Nas palavras de Miranda (1979, p. 83) “isto é natural, dado que a linguagem científica é ‘natural’ até certo ponto (...) e é primordialmente escrita, de modo que o fator fonológico não entra em questão”.

No tocante à concorrência entre os agentivos x-ista e x-eiro, Miranda (1980, p.86-88) aponta os seguintes fatores: (i) o -ista teria o traço [+ formal], pois demarca prestígio e formalidade, enquanto o x-eiro com o traço [-formal], indica menos prestígio e um aspecto pejorativo; e/ou (ii) a agentividade [+ intelectual] para o x-ista, coberta pela paráfrase *especialista em X*, equivale o traço [-intelectual] para o x-eiro, tendo como correspondente a paráfrase ‘*que faz algo em relação a X*’.

Considerações Finais

Os estudos morfológicos arrolados no presente capítulo deixam explícita a crença na auto-suficiência da forma por parte das várias correntes teórico-analíticas: seja na perspectiva do léxico como uma lista aleatória, flagrante nas listas de afixos isolados, organizadas pelas gramáticas tradicionais ou na visão estruturalista, linear, em que significantes autônomos são concatenados para formar um todo significativo; seja ainda, na visão algorítmica e derivacional da gramática gerativa, com suas regras que explicam só parte do fenômeno.

Ainda que se possa reconhecer o papel de relevo da Hipótese Lexicalista na definição de um trato específico para o nível morfológico, a eterna tarefa formalista de desvendar formas secretas atrás de forma ostensivas acaba por impedir que venham à tona os grandes elos não-formais (sociais, interacionais, culturais e cognitivos), capazes de iluminar as cenas reais da linguagem. É assim que as fórmulas matemáticas postuladas em nome do “rigor científico” aprisionam sentidos, vetando o imprevisível e transformando o jogo da linguagem, construído através de amplas redes projetivas e imaginativas, promotoras de integração entre sistemas formais e conceptuais, em códigos fechados.

A abordagem construcional e flexível do léxico, nos termos de Jackendoff (2002), representa, neste cenário, uma substantiva contribuição para a Hipótese Sociocognitiva. Ao postular o léxico como espaço de conhecimento, em que padrões construcionais dinâmicos, abertos e previsíveis estão presentes, Jackendoff (2002) possibilita um “casamento feliz” com o sociocognitivismo, já que permite a entrada de fenômenos interacionais, fundamentais a esse paradigma, na configuração e determinação desses padrões armazenados no componente lexical. Assim, o léxico deixa de ser uma lista de idiossincrasias para se tornar o lugar da idiomaticidade, capaz de lidar com o imprevisível, dado que a idiomaticidade comporta padrões desde os níveis mais abertos até os mais fechados, e todos passíveis de algum tipo de regularidade.

Ainda que erigidas dentro de um paradigma formalista, as análises sobre as formações em x-ista referenciadas neste trabalho terão relevância garantida em nossas análises no próximo capítulo. Lacunas e contribuições serão retomadas, de modo a conferir-lhes um olhar crítico, antagônico ou complementar.

4 A CONFIGURAÇÃO DA REDE POLISSÊMICA DE CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DENOMINAIS X-ISTA: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Não havia nenhuma trama(...), eu a descobri por engano.

*Nunca duvidei da verdade dos signos,
são a única coisa de que dispõe o homem para se orientar no mundo.*

*O que eu não compreendi foi a relação entre eles(...),
criei relações que não dependiam de qualquer desígnio.*

*Guilherme de Baskerville
(Humberto Eco: Em Nome da Rosa)*

Nos capítulos precedentes, explicitamos os pressupostos teóricos nos quais se sustenta o presente trabalho (cf. cap. 2) e buscamos delinear o panorama dos estudos tradicionais que, historicamente, vem caracterizando as pesquisas em Morfologia e no Léxico, bem como as respostas teórico-analíticas construídas para explicar a formação dos agentivos em x-ista (*pragmatista, surfista, desenhista*) (cf. cap.3).

No presente capítulo, apresentamos uma proposta construcional de análise, de viés sociocognitivista, para as formações em x-ista. Incorporando contribuições de propostas anteriores e enfrentando as lacunas deixadas, encaramos uma tarefa complexa, qual seja, a de buscar uma resposta analítica alternativa, em princípio, superior, para lidar com a questão da diversidade de sentidos das formações em foco, bem como com sua produtividade restrita. Em outros termos, significa dizer que estamos buscando desvendar as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência (SALOMÃO, 2004, p.13-14) das formações em x-ista no léxico do Português do Brasil (PB). Tal tarefa analítica, a ser desenvolvida nas próximas seções tem como guia as seguintes hipóteses:

HIPÓTESES GERAIS:

- (i) Existe um PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO, armazenado como item lexical na memória de longo-termo (MLT), que insemearia as construções agentivas perifrásticas e mórficas;
- (ii) As construções agentivas sintéticas (mórficas) e as construções perifrásticas (sintáticas) são projeções metafóricas de proto-narrativas (AGENTE,

AÇÃO, OBJETO) configuradas na mente, como esquemas básicos, a partir da experiência humana física e social;

- (iii) As construções agentivas mórnicas implicam em um processo cognitivo de compressão dessa proto-narrativa em seu participante principal – o ATOR/AGENTE – o que estamos nomeando como **compressão de personificação**.

HIPÓTESES ESPECÍFICAS:

- (iv) As construções agentivas denominais em x-ista se configuram como uma rede polissêmica;
- (v) A produtividade parcial dessa rede se explica pela sua vinculação a sub-modelos específicos do MCI de trabalho;
- (vi) As construções agentivas denominais em x-ista se configuram a partir de dois *clusters* básicos.

Os princípios fundacionais, definidores do Léxico, que norteiam o presente estudo, estão ancorados em um conjunto de contribuições que sustentam as pesquisas sobre o Léxico desenvolvidas dentro do GP “Gramática e Cognição” (MIRANDA, 2004, BOTELHO, 2004) e enfeixadas sob o rótulo da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem (parâmetros 3, 4, 5 e 6). Os acréscimos firmados no presente estudo (parâmetros 1 e 2) representam uma contribuição de relevo erigida pela Hipótese da Arquitetura Paralela de Jackendoff (2002).

Tais parâmetros teóricos podem ser sumarizados nos termos seguintes:

1. Concepção de Léxico como um componente de interface da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002. p.131), responsável pelo armazenamento de itens lexicais maiores e menores que palavras, cuja expressão permite regularidades limitadas e licencia signos de diversos tipos;
2. Postulação de ITENS LEXICAIS, maiores ou menores que a palavra, como **construções plenas**, entendidas como pares de forma/sentido, nos termos da

Gramática das Construções (GOLDBERG(1995); MANDELBLIT(1997)) e como **construções “defectivas”** ou padrões genéricos (regras L, nos termos de Jackendoff, 2002) em que podem ocorrer lacunas de natureza fonológica, sintática e semântica;

3. Afirmação da CONTINUIDADE ESSENCIAL entre léxico e gramática, semântica e pragmática, dicionário e enciclopédia;
4. Sustentação da concomitância dos processos de composicionalidade e multidirecionalidade na integração de esquemas conceptuais e formais geradores das construções lexicais;
5. Postulação das categorias de herança e motivação nas relações entre construções lexicais de modo a configurarem-se REDES DE CONSTRUÇÕES, estabelecidas através de projeções (*links*) de diferentes naturezas a partir de uma construção central;
6. Afirmação do mesmo trato conferido tanto a produções previsíveis, regulares quanto às ditas periféricas.

Anunciados os pressupostos e as hipóteses-guia desta pesquisa, passamos, nas seções seguintes à nossa proposta analítica da rede de construções x-ista a partir do seguinte percurso: em primeiro lugar, apresentamos o **Padrão Abstrato Agentivo Genérico**; em seguida procedemos à apresentação da **Construção Agentiva Mórfica Genérica Denominal** e, por fim, passamos à análise da **Construção Agentiva Denominal x-ista**, delimitando sua gênese, sua estrutura mórfica e semântico-pragmática, os *clusters* e construções constitutivos de sua rede polissêmica. As restrições de produtividade desse padrão formativo são o tópico final do presente capítulo.

4.1 Um Padrão Abstrato Agentivo Genérico

A proposição de um item lexical complexo, abstrato, o Padrão Abstrato Agentivo Genérico (ou PAAgG), se filia, conforme já explicitado (hipóteses gerais (i)), à hipótese da

Arquitetura Paralela, nos termos de Jackendoff (2002) e na concepção ampliada e flexível de Léxico sustentada pela mesma.

Nessa nova dimensão, é imputado ao léxico o papel de um dos componentes de interface da arquitetura paralela e de espaço de armazenamento não apenas de palavras, mas de todos os itens lexicais de uma determinada língua, sejam eles maiores ou menores que as palavras. Esses itens lexicais, respeitadas as condições de licenciamento, presentes no componente lexical, podem ser de várias espécies: signos portadores de significado/significante, signos mais abstratos sem realização fonológica, ou signos sem expressão semântica e signos sem realização fonológica e semântica (JACKENDOFF, 2002. p.131-132). São esses últimos, tidos como construções “defectivas”, de natureza complexa e abstrata, que nos interessam, mais especificamente, enquanto ferramenta teórica descritiva do padrão genérico, pois entram na configuração das construções em x-ista.

Esses signos, sem realização fonológica e semântica, são entendidos como **padrões sintáticos genéricos** que, idiomatizados, estão armazenados numa memória mais profunda, enquanto conhecimento lingüístico. Segundo Jackendoff (2002. p.154), esses **padrões genéricos, regras-l ou arquétipos gramaticais**¹³ insemینam o processo de aquisição da linguagem. Por essa razão, servem tanto para recobrir manifestações sintáticas quanto morfológicas.

No presente estudo, conforme já assinalado, temos como foco analítico as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência dos formativos em x-ista. O padrão que nos interessa é o que está presente nas construções transitivas analíticas/sintáticas do tipo (1) ou sintéticas/mórficas do tipo (2):

(1) Construções analíticas

(2) Construções sintéticas

<i>Carlos toca piano.</i>	_____	<i>pianista</i>
<i>Heitor escreve romance.</i>	_____	<i>romancista</i>
<i>Pedro faz sapatos.</i>	_____	<i>sapateiro</i>

¹³ Não estamos entendendo essas construções gramaticais, regras l ou padrões genéricos, como estruturas “desencarnadas” de uma possível Gramática Universal (GU). Estamos postulando esses padrões como construções específicas de uma dada língua.

Analisando esses exemplos, podemos extrair o padrão genérico “defectivo” que subjaz a essas seqüências, marcado pela presença de uma estrutura sintática/mórfica e pela ausência de expressão fonológica.

Tendo em vista a sua estrutura e conceptualização genérica de AGIR, o padrão em foco apresenta uma semântica bastante vaga, na interface com uma cena transitiva prototípica concebida no mundo – *ator volicional age sobre paciente inanimado*. Nos termos discutidos, o **padrão abstrato agentivo genérico** (PAAgG) pode ser formalizado da seguinte forma:

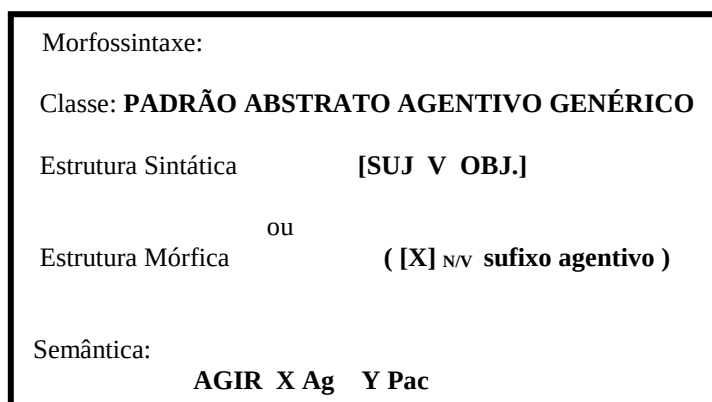


Diagrama 8: formalização do padrão abstrato agentivo genérico
(item lexical complexo)

Nos termos do diagrama proposto, temos, portanto, um item lexical complexo, cristalizado sob a forma de construção lingüística, e constituído de um padrão morfossintático formado a partir de relações gramaticais ([Suj V Obj] ou ([X]_{NV} sufixo)_{AG} emparelhadas com relações argumentais semânticas em um predicado de dois lugares [AGIR, Ag Pac].

A gênese experiencial e conceptual desta construção estaria no esquema imagético básico de deslocamento e manipulação, as proto-narrativas espaciais básicas, e projetados em metáforas primárias do tipo EVENTOS SÃO AÇÕES, ATORES SÃO MANIPULADORES E MOVEDORES (TURNER, 1996).

Como já ressaltamos anteriormente, esse PAAgG insemina construções sintáticas e mórficas. Por isso, podemos encontrar na Língua Portuguesa um vasto repertório de construções recobertas por ele. São essas últimas, as construções agentivas mórficas

(*violonista, jornalista, violeiro, jornaleiro*), objeto de análise do presente estudo, que serão estudadas a seguir.

4.2 A Construção Agentiva Mórfica Genérica Denominal

Para fins de recorte do objeto do presente estudo, passamos a apresentar apenas a construção agentiva mórfica genérica de natureza DENOMINAL, deixando de lado as de origem verbal¹⁴.

A **construção agentiva mórfica genérica denominal** (CAMGD) é uma instância do **padrão abstrato agentivo genérico** proposto no diagrama 8. Antes, no entanto, de procedermos a sua apresentação, faz-se necessário uma breve ressalva acerca da constituição deste item no léxico, já que estamos agora no campo da **morfologia semi-produtiva** (cf. seção 3.4), marcada por regularidades parciais ou padrões combinatórios possíveis configurados por **regras de redundância lexical**.

Uma regra de redundância lexical, segundo Jackendoff (2002. p.53), permite a existência de duas formas separadas (*jornal-jornalista, romance-romancista*), mas que podem se encontrar relacionadas no léxico. Essas relações entre essas formas são parcialmente idiossincráticas, mas também, parcialmente sistemáticas. A parte sistemática é configurada em regras de redundância.

As regras de redundância lexical envolvem correlações de fonologia, sintaxe e semântica entre os itens pareados, ou seja, assinalam as redundâncias que esses compartilham. Levando em conta apenas o comportamento semântico-gramatical dos formativos agentivos denominais, podemos postular, de modo informal, a seguinte regra de redundância:

Um Nome [X]_N pode estar relacionado a um formativo agentivo [X_N + Y_{AG}] que exprime um enquadre semântico-pragmático específico de uma cena agentiva, desencadeada por esse Nome base e comprimido em um participante, o AGENTE.

¹⁴ Dentro do GP “Gramática e Cognição, como já foi mencionado (cf. introdução), existe um estudo em que o foco são os agentivos deverbais e, particularmente, as ocorrências com o sufixo deverbal x-nte.

É nesses termos que o nome base TRATOR se relaciona com o Nome TRATORISTA, suscitando o enquadre específico que permitirá, nesse caso, a postulação de uma paráfrase da cena agentiva enquadrada nos seguintes termos: “*alguém que guia um trator é tratorista*”.

Nos termos definidos por Jackendoff (2002), a disponibilidade de uma regra de redundância na morfologia semi-produtiva, permite prever formações novas, mas não o sentido completo de cada formação específica instanciada. Assim, cada *output* de uma regra semi-produtiva deverá ser armazenado (pelo menos no que tem de singular) na memória de longo-termo.

Tendo em vista os aspectos marcados na regra de redundância acima, passamos à formalização dessa construção morfológica em foco, proposta por Goldberg (1995) para construções sintáticas:

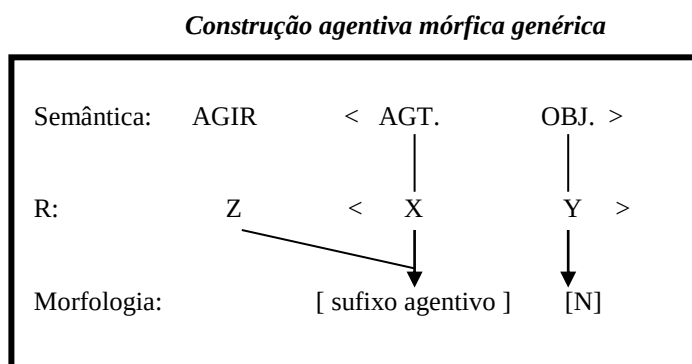


Diagrama 9

No diagrama 9 proposto por Botelho (2004, p.87), temos a **fusão** dos *participantes* (X e Y), fornecidos por um predador (Z), instanciados numa determinada cena, com os argumentos semânticos: AGIR <agente, objeto>. Assim, temos a seguinte configuração: um predador de dois lugares, ou seja, de dois argumentos (X AGIR Y), em que, após a fusão, X tem o papel de **agente** e Y o papel de **objeto**. E estes, cindidos no padrão morfológico de **sufixo agentivo** acrescido ao **NOME**.

Observando os aspectos que marcam a CAMGD, enquanto pareamento de forma/sentido, nos termos de conceito de construção proposto por Goldberg¹⁵ (1995), uma

¹⁵Dentro da Gramática das Construções, nos modos goldberguianos, não há distinção entre léxico e gramática e sim uma continuidade essencial, diferindo apenas em termos de especificação formal interna.

dificuldade parece emergir, qual seja, **o modo de expressar a compressão de personificação prevista neste padrão construcional**.

De fato, as construções agentivas mórficas, pela sua natureza sintética, COMPRIMEM toda a cena enquadrada pela construção em seu argumento principal – O ATOR. Assim é que, em *tratorista* ou *lixeiro*, por exemplo, temos, na nomeação de um AGENTE, a evocação de uma cena agentiva plena: “*tratorista*” ou “*aquele que dirige o trator*”.

Botelho (2004, p.87), ao propor a configuração acima, tenta expressar tal compressão através de uma linha de fusão entre o predador e o agente com o sufixo (diagrama 9). Acontece, no entanto, que o instrumento goldberguiano, dado o seu caráter linear, marcadamente estrutural, não se presta à expressão desse processo de fusão e compressão entre a estrutura semântica e o padrão mórfico da construção.

Assim, para melhor explicitar tal processo de integração e compressão envolvido na constituição da construção agentiva denominal, passamos a evocar um constructo teórico alternativo: o processo cognitivo de mesclagem. Botelho (2004, p.96), embora vá também propor o uso deste constructo teórico para desvelar a compressão de personificação, deixa de avaliar, pelo menos não o faz de modo explícito, os limites do modelo de fusão proposto pela Gramática das Construções de Goldberg (1995). Como constructo teórico fundamental da Teoria dos Espaços Mentais, a mesclagem, promotora de integrações entre domínios, define-se pelo seu caráter processual e multidirecional e pelo seu poder de compressão. “Comprimir para compreender” é esse um dos objetivos da mescla (cf. seção 2.2.2). Nos termos de Mandelblit (1997), tal processo pode ser visto como um instrumento vigoroso de enriquecimento para a Gramática das Construções. A nosso ver, a mesclagem é também um constructo relevante para a perspectiva instaurada pela Hipótese da Arquitetura Paralela proposta por Jackendoff (2002).

4.2.1 A construção agentiva mórfica genérica denominal e o processo cognitivo de mesclagem

Como já pontuamos, as construções agentivas mórficas são projeções metafóricas de proto-narrativas da mente humana, configuradas através do que estamos nomeando como um processo de **compressão de personificação**. Tal processo cognitivo de integração conceptual e formal, de carácter multidireccional e dinâmico, pode ser explicado através da compressão metafórica e metonímica, que exprimem a condensação de todo um evento (agente-ação-objeto) em seu protagonista (MIRANDA, 2004). Para melhor compreensão deste fenómeno, usaremos o item lexical *padeiro* para efeito de formalização, evocando a mescla proposta por Botelho (2004, p.97) para explicar a gênese das construções agentivas lexicais:

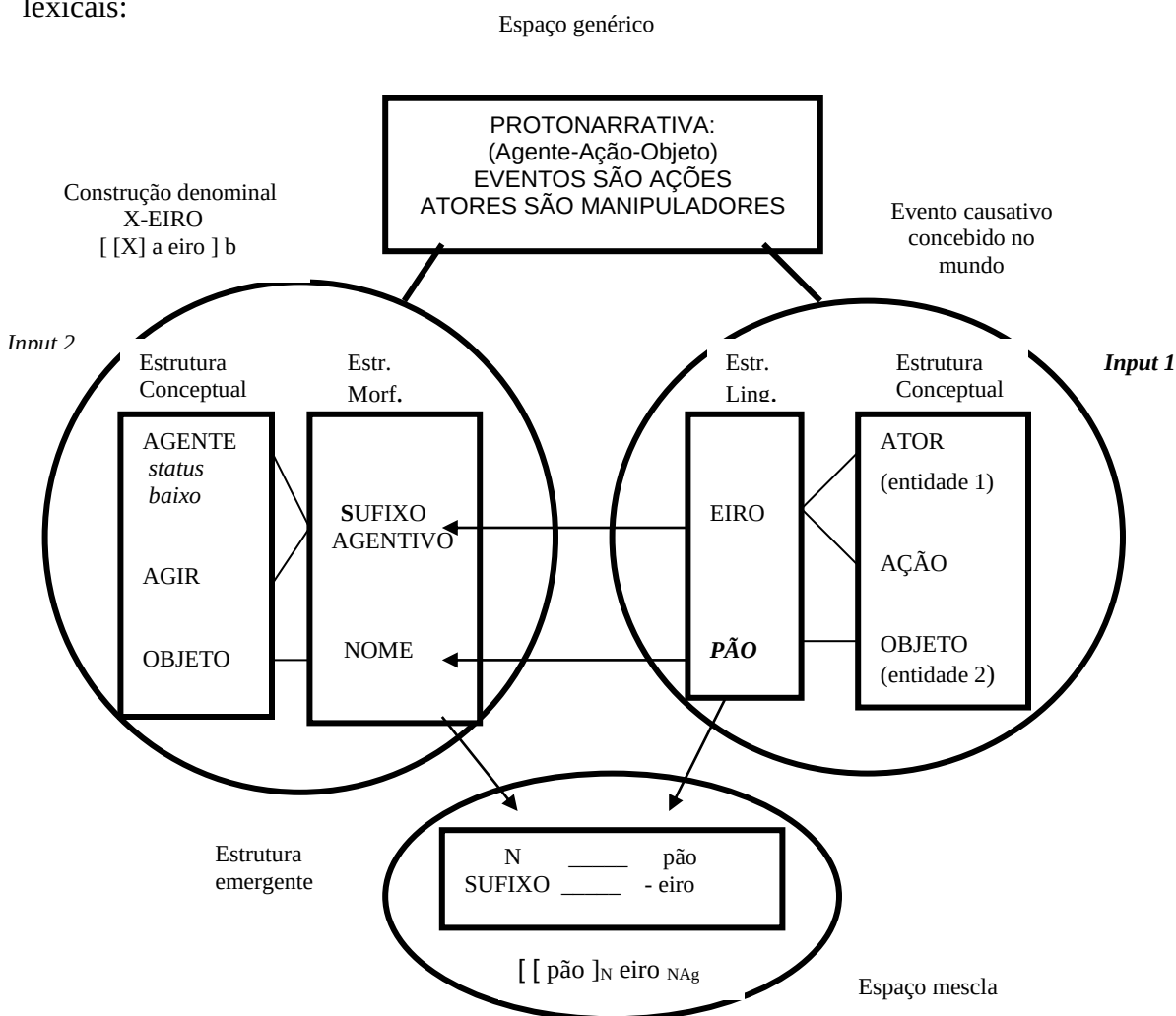


Diagrama 10 : formalização do processo de mesclagem gerador de *padeiro*, nos termos de Mandelblit (1997)

O diagrama 10 nos mostra uma Rede de Escopo Duplo (cf. seção 2.2.1), uma vez que temos dois domínios conceptuais (*input* 1 e 2) organizados por dois esquemas distintos. No domínio 2, temos a informação de um esquema gramatical, já em 1, temos expresso o esquema de um evento concebido no mundo com a sua informação fonológica concreta (pão+eiro). No domínio genérico temos uma protonarrativa espacial básica, (agente-ação-objeto) que é o espaço de homologia dos domínios *inputs*. O domínio resultante, a MESCLA, é formado pelas informações advindas de todos os domínios envolvidos. Agora, passemos a explicação do exemplo tomado acima:

No *input* 1, temos o evento causativo experiencial concebido no mundo e sua contraparte no léxico. Na estrutura conceptual estão as entidades mais genéricas e os papéis do participantes desta cena: um ator (*agente*) desloca/manipula (*age sobre*) um objeto (*agido*). Essa cena conceptual é projetada em uma estrutura lingüística. Assim temos o sufixo -eiro que comprime em sua forma o papel de ATOR/AGENTE e a própria AÇÃO; e o NOME que é o OBJETO (pão).

No *input* 2, temos representada a estrutura lingüística abstrata, no caso, uma construção morfológica disponível no repertório da língua, com sua estrutura binária: forma (estrutura morfológica: [[N] a [[SUFIXO] b]] e significado (estrutura semântico-pragmática: AGENTE-AÇÃO-OBJETO), com a marca pragmática de *status* baixo.

O *esquema genérico* é o espaço de homologia entre os *inputs* 1 e 2. O *frame* ativado por esta e outras construções agentivas tem a seguinte base metafórica: EVENTOS SÃO AÇÕES, ATORES SÃO MANIPULADORES.

A *estrutura emergente* é o resultado do processo de compressão dos *inputs*. Seu produto, a MESCLA, é o instrumento cognitivo que nos permite “comprimir para compreender” dentro da escala de compreensão humana, o significado exato da cena (cf. seção 2.2.2). Citando ainda Botelho (2004, p.98) *o que temos é uma “historinha” inteira comprimida em seu agente. Talvez possamos ir mais longe sugerindo a hipótese de que os processos de formação lexical são, de fato, compressões de diferentes “historinhas”*.

Com base nesta hipótese, segundo Botelho (2004, p.98), poderíamos compreender as **nominalizações** que comprimem e recuperam uma palavra em uma cena anterior, que contém “agente-ação-objeto”. Entretanto o foco da compressão, desta vez, é a AÇÃO e não o AGENTE. Isso fica claro nos exemplos abaixo:

*O réu **confessou** o crime.*

*A **confissão** levou-o à prisão.*

Antes de darmos prosseguimento à presente análise, é preciso fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, a idéia de uma construção genérica que insemna formativos agentivos não é inédita. Conforme assinalamos, Botelho (2004) ancorada na Gramática das Construções (Goldberg, 1995) postulou a **construção agentiva lexical genérica** para explicar a grande rede polissêmica do x-eiro.

A diferença entre a postulação de Botelho (2004) e a nossa definição para a CAMGD como um padrão abstrato, inserido no Léxico, está na incorporação de uma visão mais flexível e enriquecedora do léxico, nos termos da Hipótese da Arquitetura Paralela, e no conceito de ITEM LEXICAL decorrente dessa nova visada. A diferença, em resumo, está na posse de constructos teóricos mais elaborados, capazes de melhor enquadrar o trabalho anterior de Botelho.

4.3 Construção agentiva: o padrão dos denominais em x-ista

A partir dos padrões lexicais propostos nas seções precedentes, estamos postulando a existência de uma categoria radial no Português do Brasil, a **construção agentiva denominal x-ista**, configurada como uma rede polissêmica. Essa construção é uma forma de instanciação da *construção agentiva mórfica genérica denominal* (cf. seção 4.2), inserida, por sua vez, em uma construção mais ampla e abstrata, do *padrão abstrato agentivo genérico formal* (cf. seção 4.1).

No processo de combinatoriedade da arquitetura paralela, a construção agentiva x-ista, possui a seguinte especificação: estrutura formal [[N]_N ista]_{AG}, estrutura conceptual de AÇÃO, recebendo, ainda, especificação fonológica parcial oriunda do sufixo -ista. Frente aos padrões mais genéricos anteriores, tal item lexical já se delineia com um grau maior de especificidade, de concretude.

Com vistas a uma melhor compreensão desse padrão denominal, passamos, nas subseções seguintes (cf. 4.3.1 e 4.3.2), a uma apresentação mais detalhada da estrutura formal (morfológica) e semântica do mesmo, buscando retomar algumas contribuições da tradição analítica gerativista e, em especial, da Hipótese Lexicalista.

4.3.1 Descrição morfológica do denominal x-ista

Morfologicamente, as construções agentivas sufixais em x-ista possuem a seguinte configuração (MIRANDA, 1979):

[[X]_{N/Adj} – ista]_{N/Adj}

Portanto, temos uma base nominal (substantivo ou adjetivo) ligada ao sufixo x-ista, dando origem a formações denominais com função prototípica de substantivo, como ilustram os exemplos abaixo:

Função substantiva:

*Os **psicanalistas** continuam em voga.*

*Preciso consultar um bom **cardiologista**.*

Função adjetiva:

Os **SN psicanalistas continuam em voga.*

Preciso consultar um **SN cardiologista.*

Entretanto, os formativos em x-ista que estão, paradigmaticamente, relacionados com um correspondente em x-ismo (nomes), apresentam flutuação. A definição da categoria de substantivo e adjetivo vai depender do contexto no qual a ocorrência está inserida, como pode ser atestado nos seguintes exemplos:

Função substantiva:

Os **teosofistas** são seguidores de Blavatsky.

Os **petistas** estão sendo acusados de corrupção.

Função adjetiva:

As **idéias teosofistas** foram organizadas por Blavatsky.

Os **ideais petistas** estão perdidos no governo Lula.

A flutuação presente neste grupo pode ser explicada pela hipótese apresentada por Botelho (2004, p.91). Segundo a autora, a agentividade em construções substantivas ou adjetivas se estabelece em termos de relação semântico-pragmática de **figura** e **fundo**: quando a construção é um substantivo, a construção agentiva é figura, quando a construção é um adjetivo, a construção agentiva é fundo.

4.3.2 Descrição formal e semântico-pragmática de x-ista

Como assinalamos no capítulo 03, existe nas abordagens tradicionais um forte consenso quanto à descrição semântica das formações em x-ista.

Miranda (1979), por exemplo, subdivide os formativos x-ista em dois grupos: (1) **especialidade**, formado por denominais que respondem à paráfrase ‘*especialista em x*’, a exemplo de *dentista*, *ortopedista*, *romancista*, *pianista*; e (2) **adesão**, formado por denominais que respondem à paráfrase ‘*partidário de x-ismo*’, a exemplo de *petista*, *getulista*, *modernista*, *bramanista*.

Nos manuais de gramática normativa e dicionários encontramos, via de regra, a mesma proposta de agrupamento semântico. Basílio (1995), afirmando a distinção primária, de natureza semântica, entre os dois tipos de formativos em x-ista, considera uma *semântica de adesão* (o indivíduo que se caracteriza por uma atitude mental, definida por seu objeto, expresso pela base da formação (*marxismo/marxista*)) e outra *semântica de*

atuação (o indivíduo que atua de um modo ou outro, sobre um objeto definido pela base (*violino/violinista*)). A essa distinção semântica corresponde uma distinção categorial: as formações em x-ista com semântica de adesão têm possibilidade natural de uso adjetivo, ao contrário das formações com semântica de atuação, circunscritas ao uso substantivo.

As descrições apresentadas pela tradição formalista podem ser sumarizadas no seguinte quadro¹⁶:

Estrutura formal (morfológica)	[[X] N/Adj ista] N/Adj
Estrutura semântico-pragmática	- agentivo - X fazer Y onde X é humano - semântica: adesão/atuação - <i>status</i> mais elevado

Diagrama 11: Descrição formal, semântico-pragmática do denominal x-ista

O fato é que os agrupamentos semântico-formais apontados (adesão e atuação) pela tradição formalista, embora correspondam a intuições empíricas válidas, não deixam entrever qualquer relação possível entre esses subgrupos de x-ista, o que tem levado a postulação da homonímia para tais formações. Assim, são postuladas duas regras para o x-ista, tomando tais formações como um caso de homonímia semântica (MIRANDA, 1979, p.72-73), conforme apresentado no capítulo 03.

Nossa abordagem semântica, sem negar a pertinência descritiva das abordagens anteriores, segue outro rumo, ditado pelo postulado da continuidade essencial entre léxico e gramática, entre semântica e pragmática. Semanticamente, temos, conforme já assinalamos, uma estrutura conceitual de AÇÃO já presente na construção agentiva mórfica genérica (cf. seção 4.2) e no padrão abstrato agentivo genérico (cf. seção 4.1). Vale lembrar que, na interface com a experiência física e social, tal estrutura conceitual, recobrando um amplo repertório de construções mórficas e sintáticas no Português do Brasil, se configura através da projeção metafórica de uma proto-narrativa básica espacial – agente volicional movimenta/manipula objeto. Tal estrutura conceitual de AÇÃO, em nossa perspectiva analítica, tem valor substantancial na definição dos submodelos ou *clusters* semânticos do x-ista, oferecendo-nos a motivação sociocognitiva básica necessária para a configuração da

rede de sentidos desses agentivos como um **caso de polissemia e não de homonímia** como passamos a tratar na seção 4.6.

A essa altura, nossas análises cumpriram a tarefa de explicar a postulação de uma construção agentiva denominal x-ista como um padrão idiomatizado no léxico e, portanto, como um item lexical permanente e recorrente. No entanto, duas questões permanecem ainda em aberto, carecendo de definição, quais sejam, a gama de sentidos dessas construções, já que estamos recusando as tipologias tradicionais; e os limites de sua produtividade.

Com vistas a completar nossa tarefa investigativa no que concerne a uma melhor compreensão da gama de sentidos dos formativos em x-ista, de modo a comprovar a existência de uma rede polissêmica, passamos, nas seções seguintes, à análise dos submodelos semânticos desse grupo de agentivos. A questão da produtividade restrita será tratada na seção 4.6.

4.4 Os *Clusters* dos Agentivos Denominais em x-ista

Conforme assinalamos (cf. seção 4.3.1), a estrutura conceptual de AÇÃO seria, para nós, a motivação sociocognitiva básica para a postulação dos enquadres¹⁷ gerados pelas formações em x-ista e para afirmação da existência de uma rede polissêmica. De fato, estamos colocando em relevo a estrutura argumental subjacente a essas construções, resultante da mescla entre papéis argumentais e relações gramaticais (morfológicas), configurada nessa cena agentiva. Assim é que, “descomprimindo” as construções mórficas agentivas em x-ista, a estrutura argumental explicitada revela a presença de dois tipos de

¹⁶ As razões para o reconhecimento do x-ista como um agentivo marcado pelo *status* elevado foram apresentadas no capítulo 3, nas seções 3.3.3, 3.3.2 e 3.3.3.

¹⁷ Por enquadre entende-se uma estrutura (*frame*) semântico-lingüística que introduz uma perspectiva sobre uma cena conceptual. O enquadre é um recorte que tem o efeito de colocar em **foco** determinadas porções de significado da situação referenciada, subfocalizando ou desfocando outras inferíveis na cena. A tarefa da gramática e do léxico (das construções) é suscitar enquadres diferentes. (MIRANDA, 2000, p.91).

enquadres definidores de dois *clusters*¹⁸ básicos de formações agentivas em x-ista. Os *clusters* são os seguintes:

1. **CLUSTER de ATIVIDADE:** a cena enquadrada neste submodelo de agentivos exprime um dado <fazer > (movimento/manipulação de objeto) localizado num intervalo de tempo aberto, delimitado por dois eventos (início e final de uma atividade). Assim, temos um *script* que implica um **objeto manipulado que pré-existe à ação:**

<i>tratorista:</i>	<i>o homem que DIRIGE trator</i>
<i>pianista:</i>	<i>o homem que TOCA piano</i>
<i>montanhista:</i>	<i>o homem que ESCALA montanhas</i>

2. **CLUSTER de CRIAÇÃO:** o *script* evocado demarca um estado de coisas dinâmico, localizado num dado intervalo, que exprime a passagem de um estado para outro estado. Assim, temos o seguinte *script*: o **objeto manipulado resulta, é produto da ação exercida sobre ele** (movimento de criação de um objeto):

<i>maquetista:</i>	<i>o homem que CONSTRÓI maquetes</i>
<i>ceramista:</i>	<i>o homem que MODELA a cerâmica</i>
<i>romancista:</i>	<i>o homem que ESCREVE romances</i>

Para Matheus (1989, p.39) tais cenas evocadas envolvem dois tipos de predicadores distintos, quais sejam, *predicador de processo* e *de evento*. No entanto, a nosso ver, a distinção é, de fato, de **natureza aspectual**

Estes grupos, definidos pelo enquadre da cena evocada (atividade e criação), cognitivamente, estariam armazenados no léxico em forma de conglomerados ou *clusters*.

¹⁸ *Cluster models* são definidos como um conjunto de modelos que se combinam para formar um conglomerado complexo que é psicologicamente mais básico do que os modelos tomados individualmente (LAKOFF, 1987, p.74).

A postulação da existência de tais conglomerados, parte da natureza associativa da memória, o que significa que falantes, ao categorizar, tentam fazê-lo através de instâncias já aprendidas (GOLDBERG, 1985, p.133).

Se considerarmos esses dois *clusters* frente aos grupos semânticos de x-ista propostos pela tradição analítica, veremos que os *clusters* em questão são marcados pela semântica de ATUAÇÃO (cf. subseção 4.3.2).

Qual seria então o ganho de uma análise alternativa ancorada na definição de *clusters* pela estrutura argumental, pelo enquadre de uma cena conceptual?

Considerando que nossa agenda investigativa implica responder à questão da complexidade dos processos de integração conceptual das formações em x-ista, o ganho primeiro seria a explicitação de outras regularidades semânticas parciais (*cluster* de atividade e criação) para além de uma mera definição de uma semântica de ATUAÇÃO.

O ganho fundamental, no entanto, estaria na possibilidade de se postular uma relação cognitiva de motivação entre esses dois *clusters* e entre o *cluster* de ATIVIDADE e o subgrupo de ADESAO, conforme veremos na seção seguinte. Tais *elos* cognitivos permitem explicitar as relações de sentidos entre as formações em x-ista e anunciar a existência de uma complexa rede polissêmica, em lugar de se afirmar a homonímia entre os grupos de ATUAÇÃO e ADESAO.

Para explicitar esses *elos*, passaremos a uma abordagem construcional desses *clusters*, definindo-os como uma rede de construções associadas por elos de motivação e herança.

4.4.1 A rede polissêmica dos agentivos em x-ista: a solução construcional

As alternativas analíticas apresentadas no percurso deste trabalho sustentam, de modo reiterado, a continuidade essencial entre as construções morfológicas e sintáticas. É esse suposto que nos permite evocar uma solução construcional para a gama de sentidos das formações em x-ista, em paralelo com uma rede de construções sintáticas. Nossa intenção, conforme explicitado, é aprofundar, nos termos da Gramática das Construções, a

compreensão dos *elos* cognitivos que subjazem à rede polissêmica que estamos postulando para x-ista.

Neste sentido, o amplo quadro das construções sintáticas proposto por FERREIRA (2005) pode ser uma pista para detectar o padrão construcional de x-ista. A autora, ancorada nas postulações de Goldberg (1995) acerca das relações de herança e motivação entre as construções, apresenta um esquema de generalizações sintáticas abstratas relativas à ordem linear, marcação de caso e regularidades relativas às correspondências entre funções temáticas e funções gramaticais, especificando uma rede de heranças construcionais do Português do Brasil (PB) nos seguintes termos:

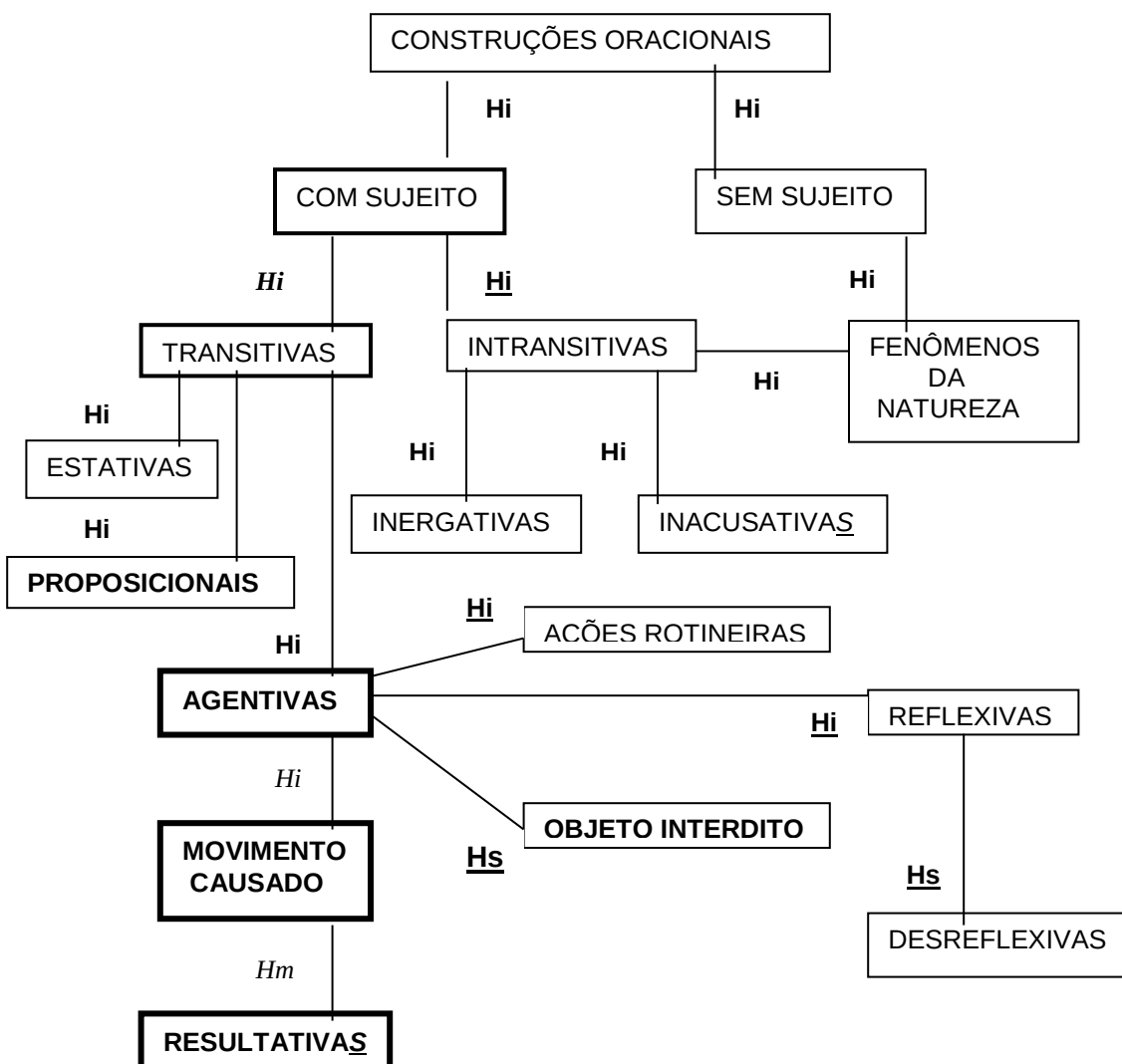


Diagrama 12: Construções Oracionais do PB

Observando a rede de construções postuladas no diagrama 12 e analisando a estrutura argumental presente nas construções agentivas em x-ista, em princípio, parece clara a relação semântica entre os *clusters*, diferenciados pelos clusters de ATIVIDADE e CRIAÇÃO, e duas construções sintáticas motivadas pela construção AGENTIVA: a **construção de movimento-causado** e a **construção resultativa**. Assim é que em “*pianista*”, *cluster* de ATIVIDADE, temos uma cena que focaliza o *início* de uma ação de movimento/manipulação de um objeto (piano); em “*novelista*”, *cluster* de CRIAÇÃO, temos uma cena que focaliza o *resultado* de uma ação de movimento/manipulação de um objeto (a “*novela*” é resultado).

Observando as características particulares das construções referidas, teríamos os seguintes padrões sintático/semânticos:

CONSTRUÇÕES	SINTAXE	SEMÂNTICA BÁSICA
<i>Movimento-causado</i>	[S V OBJ OBL]	<i>X causar Y mover Z</i>
<i>Resultativa</i>	[S V OBJ X comp]	<i>X causar Y tornar-se Z</i>

Exemplos:

Hortência jogou a bola direto na cesta do adversário.
(*movimento-causado*)

O calor passou o gelo a líquido em poucos minutos.
(*construção resultativa*)

Contudo, a “descompressão” da cena implicada nas construções sintáticas e morfológicas revelaria, nesse caso, uma gênese conceptual, de fato, comum?

Nas construções sintáticas, a estrutura argumental resulta da compressão, em uma mescla complexa, de uma seqüência de dois eventos (EVENTO CAUSADOR e EVENTO CAUSADO). No caso da construção de movimento causado, teríamos:

Hortência jogou a bola direto na cesta do adversário.

1.Evento causador – Agente₁ AGIR

2.Evento causado – Agente₂ MOVER direção

Parafraseando as etapas dos eventos, teríamos:

“Hortência CAUSOU a bola MOVER-SE em direção à cesta.”

EVENTO CAUSADOR

EVENTO CAUSADO

De fato, temos um *script* distinto nas cenas evocadas pela construção agentiva morfológica em x-ista. Trata-se de uma construção transitiva canônica em que se verifica a compressão de um evento causador, único, em um *script* de um ato e não de dois, como as construções sintáticas de movimento causado e resultativa.

Embora reconhecendo tal diferença em termos de estrutura argumental mais ou menos complexa, é certo que as construções mórficas em questão preservam uma semântica de ação de **movimento** (*motorista, iatista, pianista*) e de **resultado** (*romancista, pintor, paisagista*) presentes nas construções sintáticas. Daí, passarmos a nomeá-las desse modo, de forma a fazer lembrar o paralelismo, a continuidade entre construções morfológicas e sintáticas.

Frente ao exposto, estamos propondo o *cluster* de ATIVIDADE (*manobrista, flautista, dentista*) como **construção central** e passando a nomeá-lo como CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO. A proposta de centralidade dessa construção deve-se à cena de manipulação/movimento “real” evocado, nos termos da proto-narrativa espacial básica (cf. seção 2.4.1).

O *cluster* CRIAÇÃO (*romancista, letrista, maquetista*) passa a ser nomeado como CONSTRUÇÃO DE RESULTADO, dado que a sua manipulação/movimento dá-se sobre um objeto que só passa a existir como resultado da ação do agente.

Uma terceira construção seria a CONSTRUÇÃO DE ADESÃO (*modernista, bramanista, pefelista*) é motivada metaforicamente pelo *cluster* de ATIVIDADE. Nesse caso, a projeção metafórica implica movimento/manipulação sobre um objeto de ordem mental (manipulação de objeto mental). Em outros termos, o movimento para um espaço (metafórico) ideológico.

O aprofundamento da explicitação desses *elos* será objeto da próxima seção. No momento, passamos à formalização esquemática da construção central (construção de

movimento) nos termos do processo cognitivo de mesclagem, que pode ser assim representada:

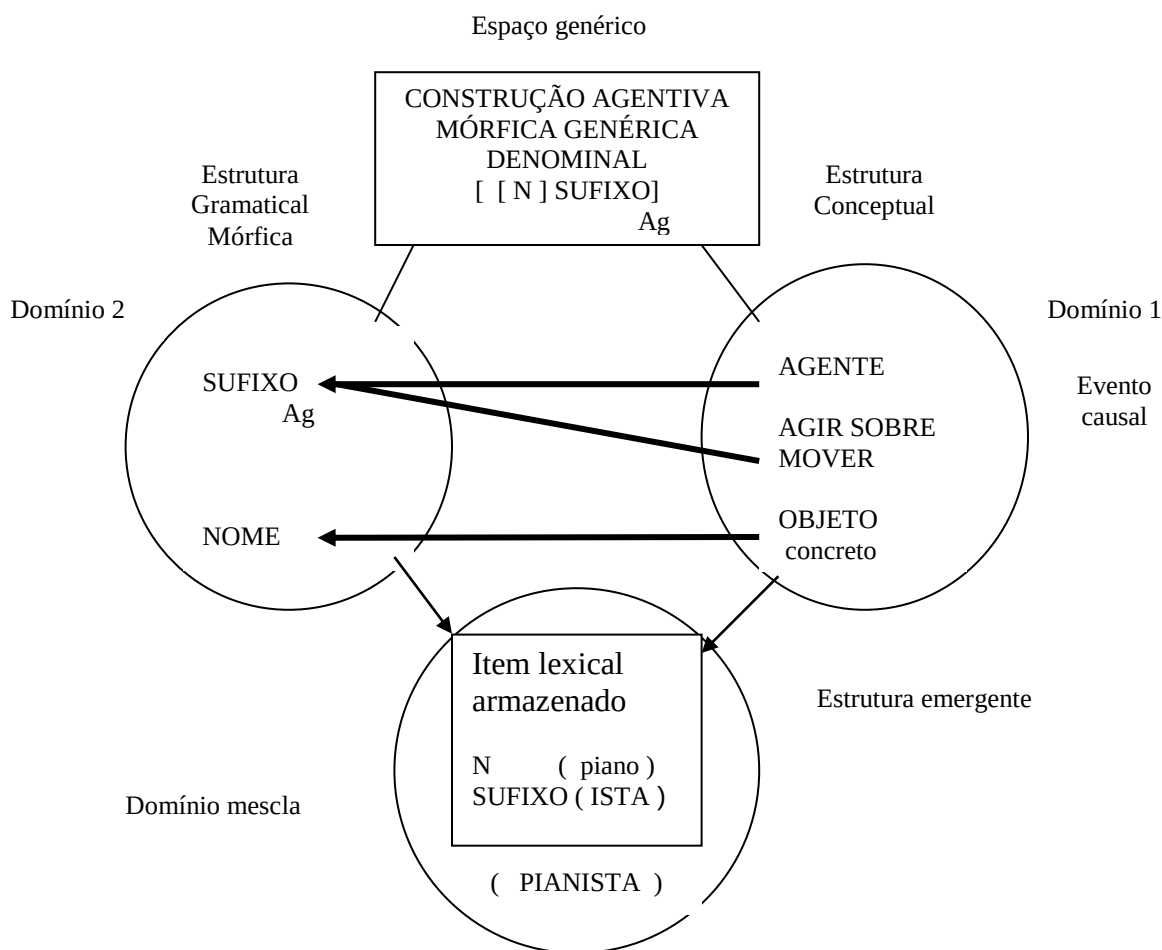


Diagrama 13: Construção Central dos agentivos em x-ista

No diagrama 13 em Rede de Escopo Duplo, temos, no *Input 1*, uma cena concebida no mundo (agente- AGIR-MOVER-objeto), que é projetada em sua contraparte no léxico, no *input 2*, com a estrutura gramatical formada pelo sufixo (-ista) e por um Nome base (no caso, *piano*). O *espaço genérico*, homólogo aos dois domínios, é constituído pela **construção agentiva mórfrica genérica denominal** que, por sua vez, enquadra o x-ista. A *estrutura emergente* é o resultado do processo cognitivo de compressão desses *inputs*, é onde se processa, ainda, o entendimento global, resultante da compressão de todas as relações elencadas (identidade, percepção de causa e efeito, mudança, tempo, parte-todo, representação, papel, analogia, desanalogia, propriedade, similaridade, categoria,

intencionalidade), que se nomeia como Relação Vital de UNICIDADE (cf. seção 2.2.2). E, finalmente, no *espaço mescla*, temos o produto da compressão dos dois *inputs*, resultando na formação *pianista*.

A solução teórica desenhada a partir da MESCLA pode ser assim resumida: o acervo das **construções de movimento e de resultado** no léxico implicaria em formas lexicalizadas de dois tipos: sintéticas (palavras) e analíticas (orações). Na medida da necessidade comunicativa, evocaríamos um *script* mais completo (construção sintática) ou, com vistas à nomeação, dispensaríamos argumentos desnecessários ao enquadre desejado, como a **direção** do objeto em movimento, realizando ainda a COMPRESSÃO de personificação (a compressão morfológica).

Tal achado analítico representa, a nosso ver, uma forte evidência em favor da hipótese da continuidade entre os padrões semi-produtivos sintáticos ou morfológicos. Significa, ainda, um forte argumento de validação externa para o desenho das redes de construções sintáticas proposto por Goldberg (1995) e redesenhado por Ferreira (2005). O fato é que a busca de explicação para um padrão construcional morfológico nos conduziu a uma solução teórica paralela para os padrões sintáticos.

4.4.2 Os Elos Entre as Construções em x-ista

Nessa perspectiva analítica, portanto, a construção agentiva denominal em x-ista se organizaria em uma rede polissêmica em que a **construção de movimento** seria uma possível instanciação da **construção agentiva genérica denominal** (padrão mais abstrato e aberto) e motivaria a **construção de resultado** e a **construção de adesão** que seriam suas herdeiras, através de *elos* metafóricos distintos. Assim, nesse traçado, teríamos a seguinte rede polissêmica de construções agentivas denominais em x-ista:

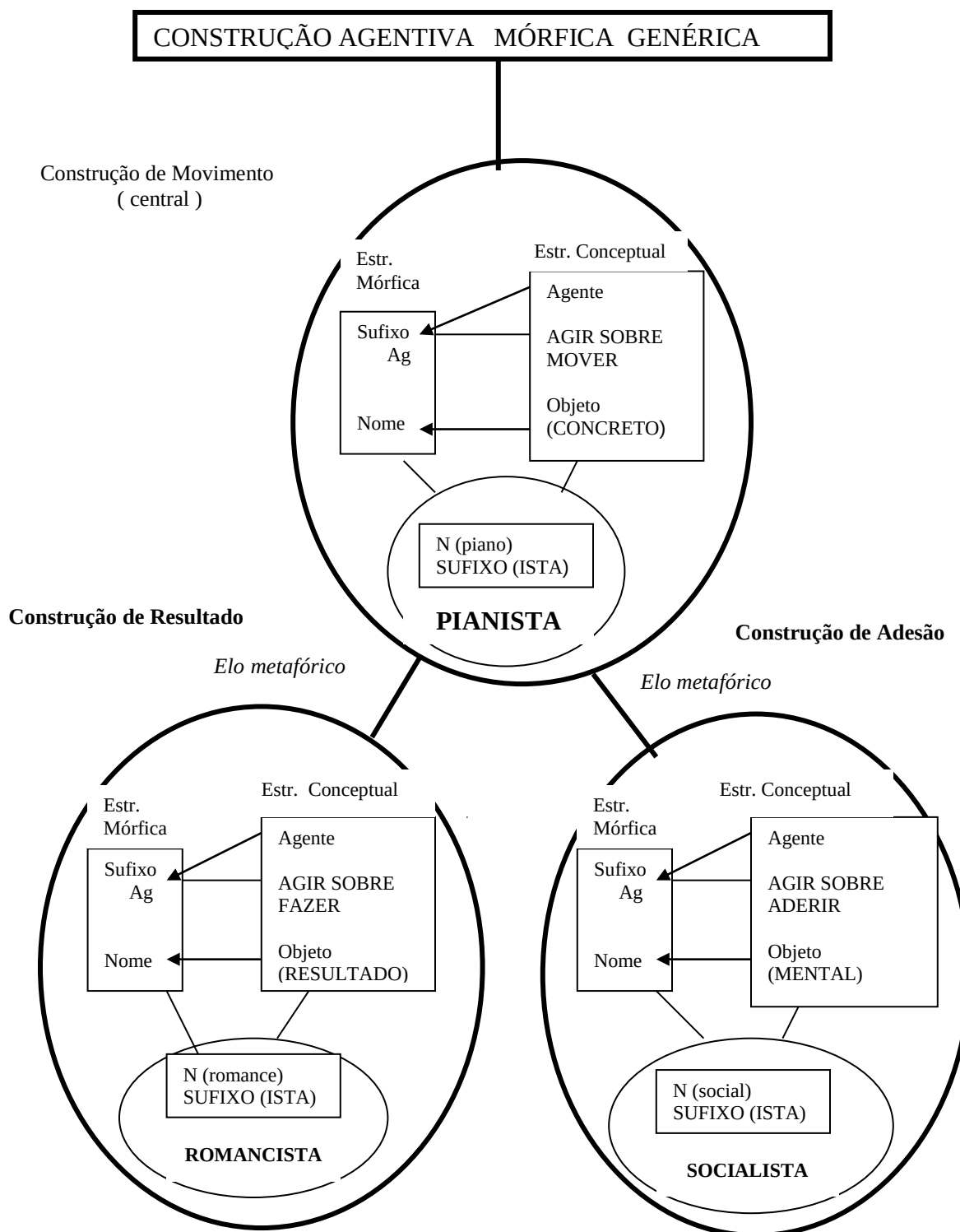


Diagrama 14: Rede polissêmica x-ista

O diagrama 14 mostra, portanto, uma construção central (Construção de Movimento) que motiva, via elo metafórico, as Construções de Resultado e de Adesão¹⁹. A afirmação da centralidade da construção de movimento, como já foi salientado, deve-se ao fato de esta envolver movimento/manipulação “real”, marcando uma cena prototipicamente transitiva, a mais básica cena projetada das proto-narrativas espaciais.

Os elos metafóricos presentes nessa herança seriam os seguintes:

1. Na relação entre a **Construção de Movimento** e a **Construção de Resultado**, temos uma *projeção metafórica* (Goldberg, 1995:83-84) em que “a mudança de lugar” ou “mudança de estado” são compreendidos como movimento. Exemplos: *maquetista, figurinista, estilista*. Assim em “*projetista*”, a existência de um objeto novo no mundo, como ‘resultado’ da ação do agente, equivale a uma mudança de estado projetada, metaforicamente, como movimento.
2. No caso da relação entre a **Construção de Movimento** e a **Construção de Adesão**, temos a ação do agente sobre um objeto mental (idéias, comportamentos e conceitos). Exemplo: *socialista, teosofista, santista, egoísta, escapista*, etc. A *projeção metafórica* aqui se expressa através da **metáfora do conduto** (Lakoff, 2002. p.15), a qual pode ser evocada para explicar como uma “idéia” pode ser entendida/projetada como um objeto. Nessa metáfora, explicitada por Michael Reddy (1979, apud LAKOFF, 2002, p.15-19) a comunicação é concebida como um conduto em que idéias, conhecimentos e significados, são entendidos como objetos e, por sua vez, possíveis de serem transportados de um ponto a outro em um determinado canal – livro, pessoa, fala, música, etc. A **Construção de Adesão** cobriria o deslocamento/manipulação desses “objetos mentais”.

¹⁹ Não trataremos da relação paradigmática existente entre x-ista/x-ismo. Miranda (1979) propõe a existência de um padrão morfológico entre esses sufixos (ver seção 3.3.2 neste trabalho). Vale marcar, no entanto, a expansão, por analogia, das formações em x-ismo para outra construção da rede (a construção de movimento (*ciclista / ciclismo; motociclista / motociclismo; turista / turismo*) e mesmo para outras construções do Português do Brasil (*atleta / atletismo; rádio-amador / rádio-amadorismo*)

4.5 Os Limites Semântico-pragmáticos das Construções em x-ista: a Questão da Produtividade

A questão da produtividade das formações agentivas em x-ista implica duas questões distintas e complementares. A primeira diz respeito ao reconhecimento de que se trata de um padrão lexical produtivo, isto é, de um padrão disponível para novas formações; e a segunda concerne ao território da Morfologia semi-produtiva a partir do qual deve-se indagar as condições limitadoras da produtividade dessa construção.

As duas questões mereceram atenção especial dentro da Hipótese Lexicalista (ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1977, apud MIRANDA, 1979).

Em relação à regra lexical de formação de x-ista, Miranda (1979) reconhece a alta produtividade da mesma e busca uma solução teórica para lidar com a gama de sentidos dessa formação. Dada a premissa posta pelos lexicalistas acerca da relação entre *transparência* (uma Regra de Formação de Palavra é transparente desde que possamos prever o sentido de qualquer forma resultante dela, assim como as condições fonéticas e sintáticas da base) e *produtividade* (uma regra presta-se a produção de novos itens), as formações em x-ista, caracterizadas por uma gama de sentidos e por uma relativa flutuação entre N/Adj em que seu *output*, são em princípio, um caso de contra-exemplo a tal premissa: são **opacas** e, a um só tempo, **produtivas**.

Para fugir desse problema e explicar a produtividade dessas formações, Miranda (1979, p.60) postula a existência de dois processos morfológicos homófonos e distintos, refazendo, em parte, o conceito de transparência (cf. seção 3.2.2). Dessa forma, busca desfazer a “opacidade” de x-ista e garantir a motivação de sua produtividade.

Quanto à segunda questão, a indagação posta por Miranda (1979) é a seguinte: frente à existência de diversas regras morfológicas de formações agentivas denominais, tais como x-ista, x-eiro e x-o, o que delimitaria as condições de produtividade de cada um desses grupos?

Uma das hipóteses levantadas pelos lexicalistas é a noção de Bloqueio, ou seja, a ocorrência de uma nova forma é impedida devido ao fato de o léxico já dispor de outra forma com o mesmo valor (ARONOFF, 1976, apud MIRANDA, 1979). Basílio (1977,

apud MIRANDA, 1979) estuda a noção de Bloqueio de Aronoff no nível dos padrões relacionais gerais, propondo uma hipótese de **bloqueio paradigmático**, isto é, uma regra será bloqueada pelas demais regras produtivas quando essas pertencerem ao mesmo paradigma.

Ancorada nesse suposto paradigmático, Miranda vai postular as restrições de produtividade de três grupos de agentivos denominais (x-ista, x-eiro, x-o), a partir de uma concorrência entre paradigmas marcados pelos traços de [+/- formal] ou [+/- intelectual].

A autora chega a afirmar a existência de “uma distribuição complementar” entre tais regras morfológicas, decorrente de um padrão social que atribui maior valor às atividades intelectuais. Nas palavras da autora:

As atividades que em nossa cultura são consideradas de maior prestígio seriam designadas por agentivos em x-ista (sem esquecer dos agentivos x-o que concorrem x-ista); enquanto os ofícios de menor prestígio sociocultural ou mesmo marginalizados seriam expressos por x-eiro. Em termos mais absolutos, as regras em x-ista e x-eiro resultariam, pois, como definidoras de *status*. (MIRANDA, 1979, p.86-87).

O reconhecimento de restrições não apenas formais entre os paradigmas concorrentes e a invocação de um modelo social de organização do trabalho constituem-se como uma vigorosa contribuição para a compreensão das condições de produtividade desse agentivos.

O redesenho sociocognitivo dessa proposta, dentro de dimensões semântico-pragmáticas, é o que passamos a apresentar.

4.5.1 Agentivos denominais e o MCI de TRABALHO

Na perspectiva da Hipótese Sociocognitiva, os conhecimentos produzidos socioculturalmente são organizados em esquemas conceptuais, definidos como Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Miranda (1999, p.83) afirma que esses esquemas têm por

função possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um determinado conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária (cf. seção 2.2.1).

Nesses termos, podemos postular a existência de um MCI de TRABALHO que, em seus submodelos ou *clusters*, definiria as limitações de produtividade dentro do mesmo padrão genérico (Construções agentivas mórficas genéricas denominais (cf. seção 4.1)), recobrando as construções em x-o, x-ista e x-eiro.

Como conceito, estruturado pela sociedade, o MCI de TRABALHO pode ser compreendido da seguinte forma:

Como um conjunto de atividades em que se aplicam as forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; como atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; é uma atividade produtiva por isso remunerada ou assalariada; significa ainda: serviço, emprego, qualquer obra realizada, lida, labuta e local onde se exerce essa atividade. (Dicionário Aurélio, 2000, p.679).

Nesta definição, podemos constatar que este conceito abarca diversos tipos de atividades, que vão desde as atividades braçais, que envolvem força física, até as de natureza intelectual. É a partir dessa divisão do trabalho que se estruturam os *clusters* que nos interessam na presente análise. Tais *clusters* se distribuem verticalmente dentro da **metáfora estrutural**²⁰ da **pirâmide** (LAKOFF, 2002. p. 59-69) que, iconicamente, representa a estrutura hierárquica definidora das classes sociais nos seguintes termos orientacionais: *STATUS SUPERIOR É PARA CIMA* e *STATUS INFERIOR É PARA BAIXO* (LAKOFF, 2002. p. 63). Assim, da base da pirâmide até o topo, temos a classe social **baixa**, desprovida de bens não só materiais como simbólicos, e as classes, gradativamente mais providas desses bens (classes **média** e **alta**). Tal hierarquia se projeta, associativamente, no MCI de Trabalho nos termos seguintes: na base (em baixo) temos as profissões do “fazer”, envolvidas com a força física, menos prestigiadas. Verticalmente e, gradativamente, temos as profissões especializadas, intelectualizadas, e cada vez mais relacionadas com o “saber”, com *status* superior.

²⁰ Metáforas estruturais: estruturam, metaforicamente, certos conceitos em termos de outro. (LAKOFF, 2002, p.59).

Nesses termos, definiríamos, esquematicamente, três *clusters* do MCI de Trabalho, através dos quais é delimitada a relação de produtividade “complementar” entre as construções denominais x-o, x-ista, x-eiro:

No caso do x-o, teríamos um *cluster* numericamente mais reduzido e organizado em torno de agentivos que definem atividades altamente especializadas, normalmente restritas a ambientes acadêmicos e de pesquisa, a exemplo de *filósofo, sociólogo, paleontólogo, biólogo, arqueólogo*²¹, etc. Já em x-ista, teríamos um *cluster* organizado em torno de agentivos que indicam alguma especialidade, seja intelectual, tecnológica ou artística, atividades que se encontram distribuídas em vários setores sociais, desde a academia até setores públicos e privados, a exemplo de *jornalista, eletricista, lingüista, paisagista, umbandista*, etc. Por fim, com relação a x-eiro, teríamos um *cluster* bastante abrangente, que organizaria atividades que não requerem especialização, normalmente braçais, que alcançam os setores sociais menos prestigiados (*faxineiro, lixeiro, jornaleiro, pedreiro, costureiro*, etc.)

Outras expressões metafóricas entram em cena na relação desses *clusters* do MCI de Trabalho com os *clusters* de construções denominais. Botelho (2004), em seu trabalho sobre o x-eiro, vai explicar a grande gama de sentidos dessa construção através da rede polissêmica que, tendo como base prototípica a categoria dos agentivos humanos (*lavadeira, sapateiro, bombeiro, carcereiro*), se expande, através de um processo metafórico de PERSONIFICAÇÃO, para a designação de objetos, fenômenos, estados negativos (*lixeira, nevoeiro, bobeira*, respectivamente). O curioso é que apenas as construções em x-eiro projetem essa herança de AGENTIVIDADE para além do domínio humano. Isto não acontece com x-ista e, muito menos, com x-o. Novamente, uma base metafórica orientacional comparece: PARA CIMA É BOM; PARA BAIXO É RUIM (LAKOFF, 2002. p.63). Assim, o *cluster* de x-eiro carrega o peso de estar “em baixo”, apresentando uma rede de construções que herdaram esse *status*. É este aspecto, particularmente, que vai determinar a semi-produtividade da construção x-ista, tendo em vista que este denominal só é usado para referenciar agentividade humana (*tratorista, figurinista, barista, ginecologista, letrista*).

²¹ A Origem erudita e o acento proparoxítono contribuem com a restrição numérica e semântico-pragmática do *cluster* em x-o (MIRANDA, 1979, p. 82-83).

Em síntese, portanto, o *cluster* x-ista pode ser definido pela agentividade marcada pelo traço humano e pelo traço de *status* mais elevado.

Entretanto, esses *clusters* que organizam os agentivos denominais também podem ser entendidos como categorias, e como tal, podem sofrer o que Fauconnier & Turner (2002. p.269) definem como *metamorfoses categoriais*, ou seja, as categorias não se encontram estanques, são passíveis de mudança, como qualquer conhecimento humano de uma determinada época, tendo em vista a necessidade, alargamento ou a imprecisão de suas “fronteiras”. Um exemplo seria o agentivo de “*faxineira*”. Com as últimas mudanças que enquadram tal profissão, a partir do reconhecimento dos direitos trabalhistas, tal profissional passa a receber a designação de “*diarista*”, uma espécie de ascensão dentro da pirâmide – denominal e social.

Aparentemente teríamos também contra-exemplos em formações como *manobrista*, *frentista*, *taxista*, dada a posição dessas profissões na pirâmide social, mas tais formações podem ser explicadas por associação/analogia (cf. seção 2.2.2) dentro do MCI de PROFISSÕES relacionadas à manipulação de veículos, lideradas pelo agentivo “*motorista*”.

Em termos da Gramática das Construções, as fronteiras de produtividade erigidas entre as diferentes construções agentivas denominais do Português poderiam ser explicadas pelo **Princípio da Expressividade Maximizada** (o repertório de construções de uma língua é maximizado procurando atender às necessidades comunicativas) e pelo **Princípio da Economia Maximizada** (o repertório de construções não excederá as necessidades comunicativas em uma dada língua) (GOLDBERG, 1995, p.67).

4.6 Os Limites de um Padrão Construcional

Cabe ressaltar, a essa altura, que a postulação de um padrão construcional para x-ista, nos termos que acabamos de descrever, não significa um “acerto de contas final”. É certo que um padrão construcional como esse não determina qual das construções herdeiras está sendo evocada. Assim, para *tratorista* poderíamos evocar tanto a construção de

movimento como é o caso (*‘aquele que dirige, movimenta o trator’*), como a construção de resultado (*‘aquele que faz/constrói o trator’*), só não o fazemos, porque esta forma já está armazenada em nossa memória de longo-termo. Em uma forma nova como *cruzadista*, só o contexto vai ratificar se este agente é *‘aquele que cria palavras’* (construção de resultado) ou *‘aquele que faz uso delas’* (construção de movimento). Em alguns casos, o enquadre metonímico apontado só permitirá a compreensão do sentido do agentivo, dentro de uma cena fortemente marcada pelo contexto de produção. É o caso do neologismo “*barista*” do PB que, ao usar o nome *bar*, aponta o cenário da ação, mas não nos dá a pista do sentido específico (*‘aquele que faz drinks de café em um bar’*) em contraponto ao *barman* que *‘prepara drinks genéricos’* no mesmo cenário.

Nesse ponto vale evocar princípios fundamentais que sustentam a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, quais sejam, o **Princípio da insuficiência do significante** (SALOMÃO, 1999, p. 66) e o **Princípio do partilhamento no processo de significação** (MIRANDA, 2001, p. 61). Nos termos de Fauconnier (1994: xxii apud MIRANDA, 2000, p.33), “a linguagem não porta o sentido, mas o guia”. Tais princípios implicam na afirmação séria sobre o caráter compartilhado, dinâmico da construção dos sentidos, enfim, na afirmação do contexto pragmático (atores e enquadre sociointeracional) como parte da arquitetura do específico lingüístico, ao lado da estrutura formal, e não como seu pano de fundo em “cenas raras”.

Nesses termos, cada formação emergente do padrão construcional x-ista, ainda que carreie consigo a arquitetura semântica da rede, vai evocar enquadre semântico-pragmático específico, metonimicamente, apontado pela sua variável x (o objeto manipulado – o nome de base *trator*, por exemplo) e ratificado pelo contexto pragmático específico gerador do agentivo.

É por tudo isso que cada *output* dessa rede de construções deverá estar listado, pelo menos naquilo que tem de singular, idiossincrático, no léxico como um item lexical (JACKENDOFF, 2002. p.152-230).

4.7 A Centralidade das Projeções Figurativas na Configuração da Rede das Construções em x-ista.

Conforme explicitado na seção 2.4, as projeções figurativas têm um papel fundamental nas análises apresentadas até aqui, conduzindo à ratificação da hipótese, da centralidade dos processos metafóricos e metonímicos na configuração da rede polissêmica do x-ista.

De modo a tornar mais explícita esta centralidade, apresentamos, na presente seção, um quadro das principais manifestações figurativas nas construções da categoria radial x-ista.

No caso das projeções metonímicas, temos a sua manifestação principal em três situações na construção x-ista:

- (1) na COMPRESSÃO DE PERSONIFICAÇÃO, haja visto que toda expressão mórfica denominal de agentividade é, em si, resultado de uma projeção metonímica (PARTE PELO TODO), o que se tem é toda uma cena comprimida em um elemento, o agente/ATOR (*‘aquele que escala montanhas’/montanhista, ‘aquele que pinta paisagens’/paisagista, ‘aquele que trata dos olhos’/oftalmologista*);
- (2) outra projeção metonímica (PARTE PELO TODO) pode estar no Nome que forma a base dos agentivos. Aqui temos, também, um elemento (*parte*) que, iconicamente, aponta a cena enquadrada, remetendo ao *todo*. É assim que *‘tênis’* em *tenista* define o enquadre não pelo objeto manipulado (*a bola*), mas pela designação da atuação esportiva. No caso de *‘desenho’* em *desenhista*, temos o produto da ação do agente evocando a cena da atuação artística.
- (3) No caso das construções de adesão, a metonímia vai ter um papel crucial na explicação da diversidade de categorias gramaticais que compõem a sua base. Temos nomes comuns (*futuro/futurista; reforma/reformista*), nomes próprios (*Marx/marxista; Lenin/lenilista; Getúlio/getulista*), adjetivos

(*real/realista, concreto/concretista*) e até algumas, ainda que raras, bases verbais (*continuar/continuísta, escapar/escapista, entregar/entreguista*). Por trás dessa aparente “desordem”, existe, de fato, uma lógica promovida pela projeção metonímica, que vai conduzir um processo de **nomeação** a partir de uma relação vital **parte/todo**. Assim, qualquer dessas categorias da gramática é um ícone da cena conceptual evocada, servindo, de fato, à nomeação, à designação do todo (a idéia, o conceito ao qual se adere) pela sua parte mais relevante (o mentor da idéia, a substância ou a característica da idéia, a ação focal). Tal processo projetivo comparece igualmente na forma em *x-ismo* que se articula no padrão *x-ista/x-ismo*: *getulismo, marxismo, futurismo, escapismo, realismo*.

No caso das projeções metafóricas que compõem a rede polissêmica do *x-ista*, temos as seguintes ocorrências:

- (1) uma **micro-narrativa** (Agente, Ação, Objeto), em termos de esquema imagético (agente desloca/manipula objeto), projetada e comprimida nas cenas dos agentivos denominais em sua expressão sintética;
- (2) a **metáfora do conduto** presente no elo metafórico entre as construções de movimento e a de adesão constituintes da rede polissêmica do *x-ista*;
- (3) a **metáfora “mudança de estado é movimento/deslocamento”** presente no elo metafórico que liga a construção de movimento à construção de resultado da rede o *x-ista*;
- (4) a **metáfora orientacional** embutida na **metáfora estrutural da pirâmide**, estrutura não apenas a idéia que temos da sociedade, em termos hierárquicos, mas também o MCI de TRABALHO e, por extensão, os *clusters* dos agentivos denominais.

Cabe acrescentar ainda a natureza das relações vitais, comprimidas nessas redes de integração conceptual, geradoras dessas construções metafóricas. Conforme apontado nesta seção, a relação vista PARTE-TODO está fortemente presente, assim como as relações

identidade, analogia, desanalogia, percepção de causa e efeito, papel, representação, categoria, intencionalidade, unicidade.

O desvelamento destas projeções na análise da rede polissêmica do x-ista corrobora a experiência como fundamento no processo de estruturação da cognição, do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. Em outros termos, afirma-se o fundamento do corpo na constituição do pensamento humano, bem como o papel da imaginação como ferramenta de produção – e projeção – de significados. Nos termos de Turner (1996, p.05), tais projeções metafóricas e metonímicas são uma evidência da capacidade **parabólica** da mente humana, isto é, da capacidade de projetar histórias em outras histórias e mais outras, construindo a gramática, o léxico, os textos, o discurso.

Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos os resultados do estudo acerca do agentivo denominal x-ista, analisado à luz dos pressupostos teóricos que norteiam a Hipótese Sociocognitiva, bem como através da contribuição fundamental da Hipótese da Arquitetura Paralela e da concepção mais flexível e abrangente do léxico advindos do trabalho de Jackendoff (2002).

Dentro da agenda analítica proposta no presente estudo, acreditamos poder afirmar o cumprimento dos seguintes pontos principais:

- (1) Desvelamento da gama de significações das formações em x-ista mediante a postulação da existência de uma rede de padrões construcionais agentivos, em diferentes níveis de abstração, armazenadas no léxico e estruturada a partir dos seguintes nós: (a) **padrão abstrato agentivo genérico**, capaz de recobrir as construções agentivas sintéticas (mórficas) e analíticas (sintáticas); (b) **construção agentiva mórfica genérica denominal** instanciada a partir do padrão (a); e (c) **rede de construções agentivas denominais em x-ista**, constituída a partir da **Construção de Movimento** e ampliada, por elos metafóricos, através das **Construções de Resultado e de Adesão**;

- (2) Comprovação, mediante desvelamento das múltiplas formas de integração conceptual intrincadas nos processos de formação em x-ista, da existência de uma rede polissêmica em lugar da homonímia postulada para tais formações pelas análises formalistas;
- (3) Explicitação das restrições de produtividade dos agentivos denominais através da associação dos mesmos à metáfora da Pirâmide que, metonimicamente, estrutura o MCI de Trabalho.

Os ganhos obtidos em nosso percurso analítico representam, a nosso ver, uma contribuição significativa às teses sociocognitivas da linguagem. Sobre eles nos deteremos no capítulo de conclusão deste trabalho.

5 CONCLUSÃO

*Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Pergunte, sem querer 'a' resposta.
Não se preocupe em 'entender'.
Viver ultrapassa todo o entendimento.*
Clarice Lispector

“Não há nenhum sentido morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia o seu renascimento”
M. Bakhtin

O primeiro desafio enfrentado neste trabalho foi o recorte de nossa matéria investigativa dentro do campo da denominada Morfologia Derivacional (a morfologia semi-produtiva, nos termos de Jakendoff (2002)) e do Léxico. Dada à tradição formalista sintatocentrista, hegemônica na segunda metade do século XX, a morfologia derivacional esteve, via de regra, à periferia das agendas analíticas de diversas tendências.

Dentro da tradição estruturalista, a visão atomística do morfema, que em ordenações lineares compunha o todo, previsível e transparente, levou a grandes impasses analíticos (cf cap.3). No caso da tradição gerativista, os fenômenos morfológicos derivacionais receberam, nos modelos iniciais, um tratamento sintático. Regras transformacionais, a exemplo das regras de transformação das nominalizações, foram postuladas para dar conta de fenômenos morfológicos. A recalcitrância dos fenômenos morfológicos a tal tratamento derivacional e algorítmico levou a Teoria Gerativa à postulação da Hipótese Lexicalista (cf cap.3). Com o advento dessa hipótese, separa-se o componente morfológico, considerado semiprodutivo, do resto da gramática, considerada regular e produtiva. A idéia de um domínio de regularidades parciais autônomo, com princípios e regras próprias (componente morfológico), vai levar os lexicalistas a rechaçarem qualquer suposição de aproximação entre esse domínio e o da sintaxe. Isto não impede, no entanto, que esse módulo seja regido por fundamentos derivacionais amplos do modelo gerativista. Assim, RFPs são configuradas, como acontece com as regras sintáticas, pelos *aspectos estruturais* (categorias gramaticais de base (N , Adj, V...)). Acrescidas de afixos e observadas as restrições impostas pela entrada lexical, são atadas a princípios de previsibilidade e

transparência. De fato, como enfatiza Salomão (2004), em um instigante trabalho sobre o problema da especificação da estrutura argumental, a ênfase teórica do modelo gerativista²², nesse período, recai sobre os aspectos estruturais e não sobre os *aspectos relacionais (funções temáticas e relações gramaticais)*.

Nesses termos, ainda que meritória, por colocar em relevo padrões e regras de produção lexical, a hipótese lexicalista vai negligenciar uma lista enorme de fenômenos “mal comportados”, para os quais não é capaz de encontrar explicação.

O percurso teórico-analítico dessa dissertação foi outro. Dialogando com o paradigma gerativista, a **solução construcional** (cf. cap. 4) apontada neste trabalho para o tratamento de fenômenos morfológicos recupera, do Modelo Padrão, a relação possível entre construções sintáticas e mórficas (postulada para as nominalizações). O tratamento não-derivacional, não-linear, não-modularista, acrescido de uma visão mais flexível e ampliada do léxico (JACKENDOFF, 2002), nos possibilitou, no entanto, o redesenho dessa relação em outros termos. Ao postular um **padrão abstrato agentivo genérico**, capaz de recobrir construções sintáticas e mórficas, e, ao explicitar uma rede de relações polissêmicas das construções X-ista, através do desvelamento dos elos metafóricos em sua estrutura argumental, pudemos marcar a continuidade essencial entre padrões semi-produtivos gramaticais (construções agentivas de Movimento Causado e de Resultado) e morfológicos (Construções agentivas de Movimento, de Resultado e de Adesão).

Como, mesmo dentro do domínio da investigação de viés sociocognitivista, os fenômenos morfológicos permanecem à margem da agenda principal, o tratamento construcional adotado em nosso trabalho teve que se erguer a partir de uma complexa tarefa, qual seja, a de repensar os constructos teóricos cognitivistas, postos de forma muito mais relevante para a sintaxe, projetando-os na dimensão dos fenômenos morfológicos. Ao privilegiar o estudo de processos de integração conceptual em construções frasais, expressões idiomáticas, palavras, negligenciados pelos paradigmas formais, o foco nos padrões mórficos **internos**, definidores das **semelhanças e diferenças** dentro do contínuo de relações entre fenômenos sintáticos e morfológicos parcialmente produtivos, tem estado

²² O paradigma gerativo vai evoluir, em modelos da década de 1980 (Teoria dos Princípios e Parâmetros) ou atuais (Programa Minimalista), para o reconhecimento da relevância da definição de relações gramaticais (Teoria do Caso) e mesmo da especificação temática. A visão modularista se repete, no entanto: a grade temática é importada do léxico e as relações gramaticais são atribuídas derivacionalmente. Tal desconexão impede o vislumbamento da natureza simbólica das estruturas argumentais (SALOMÃO,2004:7).

a descoberto. Essa foi uma lacuna que tentamos preencher, ainda que certos da complexidade da tarefa ante os limites dessa dissertação.

Em se tratando também do objeto de estudo recortado, **as formações em x-ista**, a escassez de trabalhos, nas diferentes tradições analíticas, foi um fato constatado em nossa investigação. Na perspectiva gerativista, o trabalho de Miranda (cf. cap 3 e 4) serviu de contraponto principal ao nosso diálogo. Dentro da abordagem cognitivista presentemente assumida, não tivemos conhecimento de nenhum trabalho na literatura brasileira.

De modo sucinto, pontuamos nos itens abaixo, os principais achados analíticos de nosso estudo:

- (1) Desvelamento da gama de significações das formações em x-ista mediante a postulação da existência de uma rede de padrões construcionais agentivos, em diferentes níveis de abstração, armazenada no léxico e estruturada a partir dos seguintes nós: (a) **padrão abstrato agentivo genérico**, capaz de recobrir as construções agentivas sintéticas (mórficas) e analíticas (sintáticas); (b) **construção agentiva mórfica genérica denominal** instanciada a partir do padrão (a); e (c) **rede de construções agentivas denominais em x-ista**, constituída a partir da **Construção de Movimento** e ampliada, por elos metafóricos, através das **Construções de Resultado e de Adesão**.
- (2) Comprovação, mediante desvelamento das múltiplas formas de integração conceptual intrincadas nos processos de formação em x-ista, da existência de uma **rede polissêmica** em lugar da homonímia postulada para tais formações pelas análises formalistas.
- (3) Explicitação das restrições de produtividade dos agentivos denominais através da associação dos mesmos à metáfora da pirâmide que, metonimicamente, estrutura o MCI de Trabalho.

Dialogando com as contribuições e lacunas da tradição formalista ou assumindo contribuições contemporâneas de peso para as teses sociocognitivas, a

relevância de nosso percurso teórico-analítico, em termos de sínteses teóricas mais amplas, situa-se na medida em que:

1. Rechaça a dicotomia entre internalidade e externalidade, afirmando a força da injunção biológica, cultural, interacional no pensamento e na linguagem;
2. Assume o contexto interativo, pragmático como um “componente” chave para a compreensão dos significados (em última instância, significações só são definidas nas cenas, dada a insuficiência do significante), sem abrir mão, no entanto, dos aspectos de natureza conceptual e formal que garantem estabilidade (não estaticidade!) ao jogo da linguagem.
3. Fortalece a afirmação da continuidade essencial entre padrões semi-produtivos morfológicos e gramaticais;
4. Reconhece o componente lexical, um dos componentes de interface linguístico, como lugar da idiomatidade (não de uma lista de idiossincrasias!), dotado de regras de redundância e princípios de livre combinação, e como o espaço de armazenamento de itens lexicais suas diversas naturezas de uma língua;
5. Corroboras as teses sociocognitivistas acerca do poder projetivo da mente humana que forja, por meio da integração conceptual, não só o artefato linguístico mas, também, as formas como conhecemos e percebemos o mundo que nos cerca, seja ele concreto ou subjetivo.

É certo que muitas perguntas ficaram sem respostas. Deixamo-las, portanto, como um desafio para os próximos que quiserem se aventurar nesse terreno movediço e demarcado da Morfologia Derivacional, ou ainda, dentro desse campo abrangente que é o léxico.

Para nós, a ciência é o espaço do debate, da investigação, e a atividade da pesquisa é uma luta travada entre o que é deixado e o que será construído, tendo em vista respostas mais contundentes sobre o *devir* humano. É essa tensão permanente entre o novo e o velho que faz mover a roda da história e da evolução do próprio homem e, como está dito na epígrafe (Bakhtin), faz com que não haja nenhum sentido morto de maneira absoluta, que, a cada dia, possamos festejar o seu renascimento.

6 BIBLIOGRAFIA

BASÍLIO, Margarida. *O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português*.

In: Heye, J.(Org) Flores Verbais. Rio de Janeiro. Ed. 34,pp. 177-192. 1995.

BOTELHO, Laura. *Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

CAPRA, Fritgof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAVALLI-SFORZA, Luigi. *Genes, povos e línguas*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CEGALLA, D. Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paula: Cia Editora Nacional. 1980.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsay. *Nova gramática do português contemporânea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

CUNHA, A . G. *Dicionário etmológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1986.

DAMÁSIO, Antônio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélios século XX*. Rio de Janeiro Nova Fronteira. 2000.

FERREIRA, Maristela da Silva. *Buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia, e, ainda por cima, jogar lenha na fogueira? Retomada de um diálogo sobre a questão da geratividade na linguagem*. Dissertação(Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JACKENDOFF, Ray. *Foudations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

JESUS, Izabel T. *As construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

LAROCA, M. N, de C. *Manual de morfologia do português*. 3ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press. 1990.

MANDELBLIT, Nili. *Grammmatical Blending: Creative and chematic aspectos in sentence processing and translation*. San Diego: The University of California, 1997.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MIRANDA, Neusa. Salim. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

_____. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. (Tese de doutorado) Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. Projeto de pesquisa CNPq: *A gramática das construções na constituição do léxico*, UFJF, 2003.

_____. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In: Veredas, v. 3, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *O caráter partilhado da construção do significado*. In: Veredas, v. 5, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1989.

MELO, G. C. *Gramática fundamental de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1968.

MELO, J. N. *Estudos práticos de gramática normativa de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bruno Buccino Editor. 1968.

MUSSALIM, F.; BENTES ^a C. (orgs.) *Introdução a lingüística: domínios e fronteiras*, v. 2, 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PULHIESI, J. A. *Reflexividade e desreflexivização no Português do Brasil: a abordagem sociocognitiva sobre a Linguagem*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*, 3 ed., São Paulo: Contexto, 2003.

SAID ALI, M. *Gramática secundária de língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1969.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas, v.2 , Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem*. Vereda, v.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SILVA, A. S. *O poder cognitivo da metáfora e da metonímia*. In: Revista Portuguesa de Humanidades. V.7.: Braga: Faculdade de Filosofia da U. C. P. 2003.

_____. (Org) *O que é a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição*. In: Separata de Linguagem e Cognição. Braga: Faculdade de Filosofia da U. C. P. 2001

TOMASELLO, Michael. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

VARELA, F.; THOMPSON & ROCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

7. ANEXOS

Lista de agentivos em x-ista

- | | |
|----------------------|---------------------|
| 1. abolicionista | 41. conceitualista |
| 2. absolutista | 42. concertista |
| 3. abstracionista | 43. concretista |
| 4. africanista | 44. conformista |
| 5. alarmista | 45. congruista |
| 6. alpinista | 46. construcionista |
| 7. altruísta | 47. cooperativista |
| 8. anabatista | 48. cordelista |
| 9. analista | 49. cravista |
| 10. antropocentrista | 50. criacionista |
| 11. arte-finalista | 51. cronista |
| 12. assistencialista | 52. cruzadista |
| 13. atomista | 53. cubista |
| 14. automobilista | 54. curanderista |
| 15. barista | 55. dadaísta |
| 16. baixista | 56. deísta |
| 17. balconista | 57. dentista |
| 18. baterista | 58. dermatologista |
| 19. behaviorista | 59. derrotista |
| 20. bipartidarista | 60. desenhista |
| 21. bolchevista | 61. desenhista |
| 22. bramanista | 62. detalhista |
| 23. budista | 63. diarista |
| 24. cacografista | 64. direitista |
| 25. calvinista | 65. ecologista |
| 26. cancerologista | 66. egoísta |
| 27. capitalista | 67. eletricista |
| 28. cardiologista | 68. empirista |
| 29. carlista | 69. empregista |
| 30. cartazista | 70. enciclopedista |
| 31. cartunista | 71. ensaísta |
| 32. ceramista | 72. epicurista |
| 33. cientista | 73. equilibrista |
| 34. clarinetista | 74. escapista |
| 35. classicista | 75. espansionista |
| 36. clientelista | 76. esportista |
| 37. coletivista | 77. esquerdistista |
| 38. coletivista | 78. esteticista |
| 39. colonialista | 79. estruturalista |
| 40. comunista | 80. evolucionista |

81. existencialista	128. leninista
82. expressionista	129. letrista
83. extremista	130. lexicalista
84. facista	131. liberalista
85. fagotista	132. lingüista
86. fatalista	133. logista
87. feitichista	134. logopedista
88. feminista	135. lusista
89. feudalista	136. luzitanita
90. figurinista	137. machista
91. flamenguista	138. malabarista
92. flautista	139. maquetista
93. folhetinista	140. marxista
94. fonetista	141. masoquista
95. formalista	142. materialista
96. franquista	143. militarista
97. frentista	144. minimalista
98. funcionalista	145. monoteísta
99. futurista	146. montanhista
100. gaitista	147. motorista
101. galicista	148. musicista
102. gastroenterologista	149. nacionalista
103. gerativista	150. narcisista
104. germanista	151. nazista
105. getulista	152. neocolonialista
106. golpista	153. nepotista
107. gongorista	154. neurologista
108. grevista	155. niilista
109. guitarrista	156. nortista
110. halterofilista	157. ocultista
111. helenista	158. oftamologista
112. hinduísta	159. onanista
113. humanista	160. oncologista
114. iatista	161. oportunista
115. igualitarista	162. ortodontista
116. iluminista	163. ortopedista
117. imperialista	164. otorrinonaringologista
118. impressionista	165. paisagista
119. inatista	166. panteísta
120. indianista	167. pára-quedista
121. individualista	168. parlamentarista
122. interacionista	169. patoccista
123. italianista	170. patologista
124. jainista	171. paulista
125. janguista	172. pedessista
126. Jornalista	173. pedetista
127. latinista	174. peemidebista

175.	periodontista	222.	sulista
176.	peronista	223.	surfista
177.	pessedista	224.	tarcisista
178.	pessimista	225.	taxista
179.	petista	226.	tecladista
180.	pianista	227.	tecnicista
181.	platonista	228.	telefonista
182.	pluralista	229.	tenentista
183.	politeísta	230.	tenista
184.	populista	231.	teocentrista
185.	positivista	232.	terceiro-mundista
186.	presidencialista	233.	totalitarista
187.	proctologista	234.	tradicionalista
188.	projetista	235.	tratorista
189.	protecionista	236.	traumatologista
190.	psicanalista	237.	trompetista
191.	racionalista	238.	tropicalista
192.	racista	239.	truísta
193.	realista	240.	turista
194.	recepcionista	241.	ufanista
195.	reducionista	242.	umbandista
196.	reformista	243.	universalista
197.	reformista	244.	urologista
198.	regionalista	245.	violinista
199.	relativista	246.	violocelista
200.	repentista	247.	violonista
201.	resenhista	248.	virologista
202.	retratista	249.	vocalista
203.	romancista	250.	xintoísta
204.	romanista		
205.	sambista		
206.	santista		
207.	satanista		
208.	saudosista		
209.	saxofonista		
210.	sectarista		
211.	semanticista		
212.	sentimentalista		
213.	simbolista		
214.	sincretista		
215.	sintaticista		
216.	sionista		
217.	sketista		
218.	socialista		
219.	sofista		
220.	stalinista		
221.	starista		